

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

Karla Cristina Eiterer Rocha

As representações de Zumbi dos Palmares na literatura infantil e juvenil

Juiz de Fora
2024

Karla Cristina Eiterer Rocha

As representações de Zumbi dos Palmares na literatura infantil e juvenil

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras: Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves
Coorientador: Prof. Dr. Lucas Esperança da Costa

Juiz de Fora
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Eiterer Rocha, Karla Cristina.

As representações de Zumbi dos Palmares na literatura infantil e juvenil / Karla Cristina Eiterer Rocha. -- 2024.

155 p.

Orientadora: Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves

Coorientadora: Lucas Esperança da Costa

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.

1. Zumbi dos Palmares.. 2. História e Literatura.. 3. Literatura infantil e juvenil.. 4. O legado de Zumbi dos Palmares.. I. Rodrigues Gonçalves, Ana Beatriz , orient. II. Esperança da Costa, Lucas, coorient. III. Título.

Karla Cristina Eiterer Rocha

As representações de Zumbi dos Palmares na literatura infantil e juvenil

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Aprovada em 12 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Lucas Esperança da Costa - Coorientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Alexandre Graça Faria - Membro Titular Interno

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Mirian Cristina dos Santos - Membro Titular Externo

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Felipe Fanuel Xavier Rodrigues - Membro Titular Externo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Cristiane Veloso de Araujo Pestana - Membro Titular Externo
Prefeitura de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 01/03/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Beatriz Rodrigues Goncalves, Professor(a)**, em 12/03/2024, às 17:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Graca Faria, Professor(a)**, em 13/03/2024, às 09:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mirlan Cristina dos Santos, Usuário Externo**, em 13/03/2024, às 16:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Fanuel Xavier Rodrigues, Usuário Externo**, em 14/03/2024, às 16:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **CRISTIANE VELOSO DE ARAUJO PESTANA, Usuário Externo**, em 14/03/2024, às 19:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lucas Esperança da Costa, Usuário Externo**, em 15/03/2024, às 09:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1729531** e o código CRC **D1C0B067**.

Dedico minha tese à minha melhor amiga: minha mãe, amor da minha vida que me fez enveredar pelos caminhos do universo literário. E para todos aqueles que posso chamar de malungos, com os quais eu pude aquilombar-me na trajetória dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder a oportunidade de fazer este curso de doutorado na área dos Estudos Culturais, realizando mais este sonho e se fazendo presente em todos os momentos de minha vida, fortalecendo-me e abençoando-me;

À minha família: minha mãe Maria Filomena, meu irmão Vinícius, minhas irmãs Paula e Verônica e Manoel por me apoiar sempre;

À minha amiga superpoderosa Jaqueline L. Seabra;

Ao meu papito querido que deixou saudades: José Márcio Zouain Ferreira, pelo amor, pelo carinho e pelos incentivos de sempre;

À minha amada amiga Eunice que esteve sempre ao meu lado todos os dias dessa caminhada.

À minha querida Leda Maria de Albuquerque pela amizade e pelo carinho que tivemos a oportunidade de dividir;

À minha Orientadora do curso de doutorado professora Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves e ao meu coorientador Lucas Esperança da Costa.

À minha orientadora do curso e mestrado e grande parte do curso de doutorado Enilce do Carmo Albergaria Rocha;

Ao meu professor orientador da especialização em Estudos Literários Edimilson Almeida Pereira, pela dedicação e paciência;

Ao meu professor orientador da especialização em Ensino de Língua Portuguesa Júlio César Souza de Oliveira, pelo carinho, amizade e parceria de sempre;

As minhas queridas amigas: Vanessa Gonçalves; Roberta Sacço; Alíria Wiuira; Ione Vilela com os quais formei um lindo e sólido grupo: o famoso SOS Doutorado.

Aos professores do curso de Doutorado em Estudos Literários, pelos conhecimentos transmitidos;

A Daniele e Caio que foram nossos orientadores e salvadores em todas as fases.

À Márcia Corrêa, minha querida psicóloga e amiga.

Aos professores que compuseram a minha banca: Alexandre Graça Faria; Felipe Fanuel Xavier Rodrigues; Cristiane Veloso de Araújo Pestana; Silvana Liliana

Carrizo; Rogério de Souza Sérgio Ferreira; Maria Mirtis Caser e Paulo Roberto de Souza Dutra.

*“Vocês não sabem quem é Zumbi? Ele disse que vinha. Zumbi, um negro, alto, forte.
Vocês não sabem quem é zumbi? vocês vão ver só quando Zumbi chegar”
(Cristiane Sobral)*

RESUMO

A presente tese tem como objetivo central analisar as representações de Zumbi dos Palmares na Literatura Infantil e Juvenil. As análises serão bibliográficas, portanto, utilizamos autores que trabalham com essa temática na ficção e teóricos que poderiam dialogar com esses ficcionistas. Levanta-se a hipótese de que há necessidade de uma revisão da História oficial, que apresenta uma visão cristalizada sobre Zumbi, aliada à construção de uma literatura crítica, voltada para as representações desse personagem que marcou a nossa História. A partir das interfaces entre História e Literatura, é possível perceber de que forma os textos literários contribuem para uma perspectiva de um Zumbi conceitual, que será melhor compreendida a partir da analogia das sementes (legado). Na literatura infantil e infanto-juvenil, analisamos os livros: Zum zum Zumbiiiiiii de Sônia Rosa (2016); Zumbi, o pequeno guerreiro, do escritor Kayodê (2007); Palmares de Zumbi de Leonardo Chalub (2019); As lendas de Dandara de Jarried Arraes (2016); Luana: As sementes de Zumbi dos Palmares, escrito por Aroldo Macedo; e Oswaldo Faustino. Para fundamentar nossas discussões teóricas destacamos: Julia Kristeva; Cuti (Luiz Silva); Regina Dalcastagnè; Angela Davis; Eliane Debus; Terry Eagleton; Stuart Hall; bell Hooks; Silvia Hunold Lara; Kabengele Munanga; Tzvetan Todorov; Hayden White; Maria do Rosário Mortatti e Toni Morrison.

Palavras-chave: Zumbi dos Palmares. Representação. História. Literatura Infantil. Literatura Juvenil.

ABSTRACT

The main objective of this thesis is to analyze the representations of Zumbi dos Palmares in Children's and Young Adult Literature. The analyzes will be bibliographic, therefore, we use authors who work with this theme in fiction and theorists who could dialogue with these fiction writers. The hypothesis is raised that there is a need for a review of official History, which presents a crystallized view of Zumbi, combined with the construction of critical literature, focused on the representations of this character who marked our History. From the interfaces between History and Literature, it was possible to understand how literary texts contribute to a conceptual Zombie perspective, which will be better understood based on the analogy of seeds (legacy). In children's and young adult literature, we analyzed the books: *Zum zum Zumbi* by Sonia Rosa (2016), *Zumbi, the little warrior*, by the writer Kayode (2007), *Palmares de Zumbi* by Leonardo Chalub (2019), *The Legends of Dandara* by Jarried Arraes (2016); *Luana: The seeds of Zumbi dos Palmares* written by Aroldo Macedo, and Oswaldo Faustino. To support our theoretical discussions we highlight Julia Kristeva, Cuti (Luiz Silva), Regina Dalcastagne, Angela Davis Eliane Debus, Terry Eagleton, Stuart Hall, bell hooks, Silvia Hunold Lara, Kabengele Munanga, Tzvetan Todorov, Hayden White; Maria do Rosário Mortatti and Toni Morrison

Key-Words: Zumbi dos Palmares. History Representation. Children's literature. Youth Literature

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	HISTÓRIA DE ZUMBI DOS PALMARES.....	17
2.1	PALMARES E ZUMBI	17
2.2	ZUMBI O GUERREIRO DE PALMARES	28
2.3	A NECESSIDADE DE UMA REVISÃO HISTÓRICA	36
3	AS INTERFACES ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA.....	47
3.1	A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA.....	58
3.2	A HISTÓRIA NA LITERATURA.....	61
4	A FORMAÇÃO HUMANA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL.....	82
4.1	A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E SEU PAPEL HUMANIZADOR: INTERSEÇÕES COM O DISCURSO AFRO-BRASILEIRO.....	88
4.2	DIALOGANDO COM AS OBRAS INFANTIS.....	94
4.3	DIALOGANDO COM AS OBRAS JUVENIS.....	101
5.	AS SEMENTES DE ZUMBI DOS PALMARES.....	114
5.1	AS NARRATIVAS E AS SEMENTES DE ZUMBI.....	115
5.2.	LUANA: AS SEMENTES DE ZUMBI.....	117
5.2.1	ZUMBI: O DESPERTAR DA LIBERDADE.....	122
5.2.2	ZUMBI ASSOMBRA QUEM?.....	
		12928
5.3	OS FRUTOS DA SEMENTE.....	136
6.	CONCLUSÃO.....	141
	REFERÊNCIAS.....	147

1. INTRODUÇÃO

“As discordâncias situam-se geralmente nos detalhes, nunca no enredo principal” [...] (Lara, 2010, p. 101).

A presente tese tem como objetivo dar continuidade à pesquisa sobre Zumbi dos Palmares iniciada na especialização em Estudos Literários. Inicialmente, fizemos algumas pesquisas sobre obras que contemplassem Zumbi dos Palmares e optamos por uma análise do romance *Zumbi dos Palmares*, de Leda Maria de Albuquerque. No mestrado, retomamos ao romance e acrescentamos o poema *Song for Aninho*, de Gayl Jones e o *Poema sobre Palmares*, de Oliveira Ferreira Silveira. Nosso objetivo com esse trabalho foi apresentar e dar visibilidade a obras literárias que contrapunham a visão oficial da história de Zumbi.

Assim, a presente tese se justifica em função da necessidade de uma revisão da história oficial aliada à construção de uma literatura crítica, voltada para as representações desse importante personagem. Para desenvolver esse pensamento crítico, trabalhamos com as interfaces entre a história e a literatura. Essa associação tem sido cada vez mais eficiente, uma vez que a literatura pode facultar uma nova compreensão de aspectos e fatos eminentemente históricos, sobretudo através de procedimentos de reescrita da história.

Optamos por trabalhar com representações¹ na literatura infantil e juvenil destacando os livros: *Zum zum Zumbiiiiiii*, de Sônia Rosa (2016) que narra a história de Zumbi dos Palmares começando pelo feriado de 20 de novembro e termina enfatizando a importância que ele tem para nossa sociedade; *Zumbi, o pequeno guerreiro*, do escritor Kayodê (2007) narra a história de Zumbi e Dandara enquanto crianças e defensores do quilombo; *Palmares de Zumbi*, de Leonardo Chalub (2019) conta a história de Zumbi na sua adolescência, na sua fase de fuga e da busca por Palmares; *As lendas de Dandara*, de Jarried Arraes (2016) narram sobre seu protagonismo nas lutas em defesa do Quilombo de Palmares; *Luana: As sementes de Zumbi dos Palmares*, escrito por Aroldo Macedo; e Oswaldo Faustino que conta a história de uma menina negra, proprietária de berimbau mágico que permite que ela faça viagens no tempo e no espaço.

¹ Ressaltamos que as análises serão feitas a partir do texto escrito não levando em conta as ilustrações.

Em relação à análise crítica utilizamos os seguintes autores: Chimamanda Adiche (2009) enfatiza a importância das histórias; Regina Dalcastagnè (2008) teoriza sobre o racismo e o silêncio em relação aos negros; Adriana Facina (2004) ressalta que a literatura expressa visões de mundo; Walter Benjamin (2005) em sua reflexão constitui um todo no qual arte, história, cultura, política, literatura e teologia são inseparáveis; Zilá Bernd (1988) perpassa pelas questões da identidade negra; Antonio Candido (1995) evidencia que literatura desenvolve em nós a cota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos; Tania Carvalhal (1986) teoriza sobre o jogo de confrontações que existem nos textos ao trazerem diversas vozes; Michel Certeau (1982) expõe o que seria a prática do fazer história; Toni Morrison (2019) focaliza a questão de quem se encaixa, ou não na sociedade; Bell Hooks (2009) discorre sobre imagens, signos e representações; Nelly Novaes Coelho (2000) sublinha que a literatura expande as paixões, as emoções e os sentimentos; Stuart Hall (2016) relaciona as questões de identidade e cultura; Eliane Debus (2017) discorre sobre as formas de abordagens e aproximações entre os campos da literatura e da educação; Terry Eagleton (1997) aponta que a literatura transforma e intensifica a linguagem comum; Édouard Glissant (2014) ressalta que deve haver conexão entre todos; Kabengele Munanga (2012) aborda a consciência histórica da resistência cultural e Frantz Fanon (2005) que reflete sobre a visão inferiorizada do negro na sociedade e a crítica radical ao colonialismo.

Retomando a citação que introduz o nosso texto da historiadora Silvia Hunould Lara (2010), encontramos entre historiadores e ficcionistas, muitas discordâncias, porém situam-se, comumente nos detalhes e pouco no enredo principal que no nosso caso é a história de Zumbi de Palmares. A pergunta que nos propusemos responder é: como as obras dialogam com registros históricos sobre Zumbi dos Palmares? Como a figura de Zumbi dos Palmares foi/está representada na cultura brasileira?

Pensamos em investigar como se deu essa reatualização do mito para a contemporaneidade. Ao longo desse estudo tentaremos responder essas questões analisando algumas obras sobre essa temática. Tratamos dos textos que

ressignificam a história de Zumbi como mito², e ícone brasileiro, apontando os exemplos que reafirmaram nossas pesquisas. Procuramos mostrar o protagonismo dos negros na resistência e luta contra a escravidão, mas em especial destacamos Zumbi dos Palmares, um dos grandes líderes da história colonial brasileira, que atualmente é reconhecido como símbolo de resistência e busca pela liberdade.

A literatura deveria estar presente no cotidiano das crianças e jovens, sendo um importante elemento cultural, com um papel crucial na transmissão dos saberes e no entretenimento humano. Ela é um convite à imaginação, aos sonhos e à vida. É uma necessidade universal, um mecanismo de instrução, um desmascaramento capaz de denunciar e apontar restrições e negações de direitos. A literatura é uma forma de escape aliada à descoberta de novas realidades.

Destacamos ainda que é um ato político, de forma a evidenciar problemas sociais. Os amantes da leitura, certamente concordam que a mesma sempre é uma oportunidade de aprendizado. A maneira mais simples de definir a literatura, provavelmente, seria afirmar que é a manifestação artística, no entanto seu poder se estende para um modo de existir. Dependendo do modo que é trabalhada pode ser uma das formas de transformação pessoal, social e coletiva, já que nos faz refletir sobre quem nós somos, consolida histórias e desperta possíveis mudanças. Seu poder imensurável está ligado, inclusive, à pluralidade com que pode ser interpretada e compreendida.

A literatura infantil e juvenil compreende uma área potente da literatura, visto que contribuem para o conhecimento, recreação, informação e interação necessária para o ato de ler, podendo assim influenciar de maneira positiva no desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança e do jovem. Esse nicho literário tem um potencial transgressor. É justamente por isso que consideramos tão significativa a literatura escrita para crianças e adolescentes, já que pode trazer questões sobre a importância da leitura literária e contribuir para a formação social, profissional e psíquica dos indivíduos. Salientamos que pelo fato desta literatura estar em constante diálogo com a sociedade tornou-se um instrumento vital na vida de crianças e jovens.

² O mito a que nos referimos se enquadra numa perspectiva mítica de identificação com atos heroicos e com a ideia de associar façanhas e feitos sobrenaturais a realidade, como aponta Mircea Eliade (2011, p. 50).

No capítulo um, intitulado A História de Zumbi dos Palmares, apresentamos o quilombo de Palmares e Zumbi, ressaltando a importância que tiveram para nossa história. Dividimos este capítulo em três momentos, começando pelo Quilombo de Palmares, apresentamos a fortaleza de forma breve, embora ocupe um lugar ímpar e tenha sido o maior quilombo que já existiu no Brasil. Este resistiu às expedições enviadas por Portugal, uma das maiores potências coloniais do mundo durante quase um século, como ressaltam a maioria dos historiadores. A resistência quilombola foi devido à organização política, econômica, militar, cultural e social que ele possuía. No segundo momento, narramos a história de Zumbi dos Palmares desde o nascimento, seguindo pelos seus feitos como guerreiro, até a sua morte. O terceiro momento é aquele que traz a necessidade de uma revisão histórica aliada às questões críticas, uma vez que o Quilombo de Palmares e Zumbi têm sido constantemente revisitados por especialistas de diversas áreas.

No capítulo dois, intitulado como “As interfaces entre a História e a Literatura”, discorreremos sobre o entrecruzamento entre a História e a Literatura perpassado por teorias que sustentam este diálogo, uma vez que tais discursos estão em constante mudanças, pois cada vez que novas pesquisas são feitas, novas contribuições são acrescentadas. Destacamos também que o fato e a ficção obedecem a formatos distintos, mas quando confrontados, produzem reflexões mais intensas que resultam numa leitura bem mais rica sobre as obras que foram estudadas. Com isso os olhares intertextuais vão ampliando os fatos e gerando novas interpretações dos contextos.

No capítulo três, intitulado como “A formação humana na Literatura Infantil e Juvenil”, optamos por apresentar as ficções que trazem personagens inseridos num cotidiano repleto de oportunidades que ressignificam as questões relacionadas aos conflitos familiares, preconceito, identidade e racismo. Além disso, essa literatura pode contribuir para a formação humana e intelectual da criança e do jovem, já que parte de um entrelace entre a literatura e a educação, aproximando saberes que enfatizam as trocas de experiências, pensamentos críticos e reflexivos.

No último capítulo, intitulado como “As sementes de Zumbi dos Palmares”, tivemos o objetivo de mostrar que a literatura infantil e juvenil também pode apresentar uma função artística dentro de um contexto histórico, em razão de intensificar e transformar a linguagem. As narrativas que consideramos sementes

vindas de Zumbi são obras em que o personagem é considerado um ideal, um símbolo de resistência e luta pela liberdade. As obras trazem um convite para romper com os estereótipos criados à respeito dos negros e aprendizados sobre a representação e a representatividade do negro, estimulando o leitor para que ele faça a escolha de ser o protagonista da própria história.

2. HISTÓRIA DE ZUMBI DOS PALMARES

“Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. [...] O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (Benjamin, 1994, p. 224-225).

Neste capítulo, apresentamos alguns historiadores e intelectuais a fim de lançar luz sobre uma temática que vem ganhando relevância dentro da historiografia. Sabemos que quando se trata de pesquisa sempre há novas descobertas por aqueles que se interessam pelo tema, portanto, esses estudos vão sendo acrescentados entre as narrativas já existentes. Destacamos em nosso texto os principais autores da área da historiografia cujas obras estão de acordo com a “História Oficial”³ e iniciaremos com as narrativas que contam a história de Zumbi de acordo com as vozes oficiais e as interpretações que elas tiveram sobre o tema.

A pesquisa histórica sobre Palmares começou somente no século vinte. Muito dessa busca se deu através de historiadores brasileiros tais como: Ernesto Ennes, Nina Rodrigues, Edison Carneiro, Décio Freitas, Ivan Alves Filho e Flávio Gomes. Esses autores foram os únicos a escrever livros substanciais dedicados ao tópico e somente os dois últimos forneceram índices, notas e bibliografias. Fora do Brasil, Scott Allen, R. K. Kent, Richard Price e Stuart Schwartz contribuíram com a maior parte das pesquisas e dos escritos, todos em artigos acadêmicos. Até esse presente volume, nenhum livro substancial sobre Palmares foi publicado em alguma língua que não fosse a portuguesa.

Acreditamos que cada autor tem sua maneira de recuperar e recriar o passado e, por isso, o diálogo entre eles se faz importante e necessário a fim de verificarmos as considerações de cada um deles. Assim, cada vez mais a temática ganhará legitimidade dentro do meio acadêmico.

2.1 PALMARES E ZUMBI

³ Chamamos de História Oficial a elaboração histórica que convém aos grupos dominantes na sociedade e que se encontra consagrada e difundida principalmente nos livros escolares e na mídia.

Iniciaremos o nosso percurso histórico pelo livro *Palmares: a guerra dos escravos* (1982), escrito por Décio Freitas que merece um lugar de destaque, pois nas narrativas que envolvem o Quilombo dos Palmares, é um pesquisador que percebe a importância do lugar de honra que Palmares historicamente, já que “na história das revoltas escravas brasileiras, a de Palmares ocupa lugar ímpar, não foi apenas a primeira, mas também a de maior envergadura” (Freitas, 1982, p. 12).

Freitas (1982) era um oficial do exército de Minas Gerais e destaca que o objetivo de sua escrita era apontar alguns conceitos que já estavam cristalizados e precisavam ser revistos. Tinha como objetivo mostrar a necessidade de fazer justiça aos negros palmarinos por sua bravura. A sua escrita parte do tráfico negreiro, da escravidão, das fugas dos negros das fazendas para a Serra da Barriga e detalha muitos eventos acontecidos em Palmares, falando até da arte que era produzida no quilombo. Este, resistiu por quase um século lutando e se defendendo das expedições enviadas por uma das maiores potências coloniais do mundo.

O pesquisador também destaca o livro *O Quilombo dos Palmares*, do historiador baiano Edison Carneiro como uma fonte de pesquisa relevante e afirma que pôde concluir que foi um dos melhores textos que encontrou. A referida obra teve sua primeira edição em 1958, e, é um estudo original sobre a organização política, econômica, militar, cultural e social da região palmarina. O autor também enfrentou grandes dificuldades para concluir o seu livro, sob uma perspectiva de reconstituição histórica, devido à falta de fontes históricas, aquelas que consideramos fontes oficiais. Os documentos encontrados por ele, em sua grande maioria, traziam a perspectiva dos vencedores e não dos vencidos.

Carneiro (2011) trabalhou com a reconstrução de como eram os quilombos e suas dimensões e divisões sociais, os usos e costumes dos quilombolas. Havia muitos pontos que chamaram a atenção do autor como a organização e a subordinação dos mocambos. A própria localização de Palmares que envolvia um grande esforço da parte dos invasores para alcançá-lo e em contrapartida funcionava como artifício de defesa para os palmaristas. Segundo o escritor, o nome Palmares deriva da palavra palmeira pindoba (*Palma attalea* Pindoba), cujas plumas caracterizavam as árvores mais altas. Tais como as sapucais e as imbiribas, e da presença em menor quantidade das palmeiras Ouricuri, catolé e titara, esta última “uma pequena planta espinhosa quase uma trepadeira” (Carneiro, 2011, p. 19).

O escritor participou de forma efetiva do combate histórico, assim como os outros autores anteriormente citados era um militante tanto no campo teórico quanto no campo político. Ele apostava nas artes e nas suas formas de pensar a sociedade e valorizava todos aqueles que contribuíram sobre o tema direta ou indiretamente, de forma que cita alguns em seu livro. Carneiro (2011) aponta que para os colonizadores, o valor mais essencial, por ser o mais concreto, era a terra. A mesma era a garantia da sobrevivência e da dignidade, no entanto essa dignidade que mencionamos ainda não tinha o sentido que tem hoje, baseando-se no que se refere o artigo 4º Declaração Universal dos Direitos Humanos⁴.

De acordo com Carneiro (2011), os quilombos foram um acontecimento singular na vida nacional, um lugar de luta, de preservação de vidas e de culturas. Dentre os eles, o mais famoso foi o Quilombo dos Palmares que seguia com o objetivo de preservar vidas, identidades, línguas e culturas. Muitas lutas foram travadas contra Palmares, mas ele resistiu durante muito tempo. A forma como lutavam e se rebelavam contra as imposições sociais o levaram para esse lugar de destaque. “Os Palmares constituíram-se no ‘inimigo de portas adentro’” (Carneiro, 2011, p. 7). Era um convite para os negros “O quilombo era um constante chamamento, um estímulo, uma bandeira para os negros escravos da vizinhança- um constante apelo à rebelião, a fuga para o mato, a luta pela liberdade” (Carneiro, 2011, p. 7).

O livro *Palmares: os escravos contra o poder colonial* (2014), de Rômulo Luiz Xavier Nascimento, também fala que em Palmares viveram pessoas de origens diferentes e de raças misturadas, incluindo uma minoria branca. Segue em sua pesquisa dizendo que Palmares não poderia ser chamado de um, mas de vários, já que era formado de vários mocambos.

1. Mocambo do Zumbi, ou zumbi, que ficava a 16 léguas (96 quilômetros) da vila de Porto Calvo.
2. Mocambo de Acotirene, que ficava a 5 léguas (30 quilômetros) ao norte dos mocambos de Zumbi.
3. Dois mocambos de nome Tabocas, imediatamente a leste dos

⁴ Artigo 4º: “Ninguém será mantido em escravidão ou em servidão; a escravidão e o trato dos escravos, sob todas as formas, são proibidos”. Esse trecho é o artigo da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (DUDH). Aí consta a proibição de todas as formas de escravidão, mas naquele período, as pessoas negras eram consideradas propriedades de outras pessoas, sem nenhum direito de decisão sobre suas próprias vidas. Foram trazidas à força, trabalhavam excessivamente e eram mantidas em cativeiros como se não fossem seres humanos.

mocambos de Zambi e Acotirene. 4. Mocambo de Danbraganga, que ficava a catorze léguas (84 quilômetros) a sudeste dos mocambos conhecidos como Tabocas. 5. Mocambo ou ‘cerca’ de Subupira, que ficava a oito léguas (48 quilômetros) ao sul do mocambo de Danbraganga. 6. Mocambo ou ‘cerca real’ de Macacos, que ficava seis léguas (36 quilômetros) ao sul de Subupira. 7. Mocambo de Osenga, que ficava 5 léguas (30 quilômetros) a oeste do mocambo de Macacos. 8. Mocambo ou ‘cerca’ do Amaro, que ficava a 9 léguas (54 quilômetros) a noroeste da povoação de Sirinhaém. 9. Mocambo ou ‘palmar’ de Andalaquituche, que ficava a 25 léguas (150 quilômetros) a noroeste de Alagoas. 10. Mocambo de Aqualtene, que ficava a aproximadamente a oito léguas (48 quilômetros) ao sul de Zumbi (Nascimento, 2014, p. 47-48).

Cada mocambo citado era chefiado por autoridades diferentes. Palmares também abarcava grande população, cerca de 30 mil pessoas, mas esse número pode variar conforme as fontes consultadas, já que se tratavam de fontes coloniais. O cotidiano desses mocambos que o compunham sempre impressionava os historiadores, principalmente essa organização militar, sua maestria em combates e a centralização do poder, portanto, é possível encontrar mais detalhes sobre eles em diversas obras.

Dentro das contribuições importantes sobre o tema, destacamos também o escritor Glenn Alan Cheney, em seu livro *Quilombo dos palmares: Brazil's lost nation of fugitive slave* (2014). De acordo com a pesquisa feita por Cheney (2014), a fuga dos escravos⁵ para Palmares pode ser um dos acontecimentos históricos mais relevantes a serem ignorados fora do país. Ele relata que por um século, era uma nação composta por uma dúzia de cidades e milhares de pessoas as quais durante um século de luta conseguiram sobreviver devido à vantagem quantitativa e qualitativa que possuíam em termos de tropas.

Essas pessoas, apesar de suas diferentes culturas, incluindo a africana, ameríndia e a europeia, desenvolveram uma religião, uma linguagem, valores e governo que serviam a suas necessidades específicas. Mas antes que o mundo pudesse aprender os detalhes dessa cultura, ela foi exterminada. A imagem dos negros era atrelada a um povo sem identidade, pois na verdade não era interessante registrar nada que fosse positivo sobre o inimigo. Escreveram sobre Palmares

⁵ Ao longo dos primeiros capítulos utilizaremos o termo escravo por ser o termo utilizado pelos historiadores que seguem a linha da história oficial, por ser o termo traduzido de algumas obras que compõem o corpus. A partir do capítulo 3 utilizaremos o termo escravizado (de acordo com as propostas de combate ao racismo estrutural proposta por Maurício da Silva Dorneles e Nilton Mullet Pereira).

apenas à luz de suas próprias motivações: dinheiro, terra, ganância, poder, título e *status*. Palmares era algo que tinha que ser eliminado, de forma alguma preservado, seu único valor percebido guardava relação com o propósito de captura, escravidão e por vezes, execuções desmotivadas.

Cheney (2014) destaca que a pesquisa para esse livro foi feita principalmente pela análise de documentos produzidos durante o período de Palmares ou que se remetem secundariamente ao conteúdo desses documentos. A intenção era agrupar informações de diferentes fontes publicadas e apresentá-las em um volume abrangente e confiável em língua inglesa. O resultado de toda essa pesquisa foi uma abundância de informações e a questão da retirada das descrições aparentemente repetitivas de muitas das excursões militares a Palmares, muitas delas usando as mesmas táticas e resultando nas mesmas falhas, mesmo assim, decidiu-se manter essas informações, o que aparentemente ainda ficaram excessivas para muitos. Segundo ele, seja útil para os poucos que fossem adentrar à pesquisa. O autor supõe que os palmaristas deveriam olhar para as palmeiras do Brasil e se lembrar das africanas, pois são similares às da África:

“Ao longo dos próximos noventa anos os portugueses e, brevemente, os holandeses enviaram mais de vinte excursões militares a Palmares com o objetivo de exterminá-lo. Dizer que tais milícias eram ‘brancas’ ou europeias não seria acurado, apesar de defenderem os interesses dos brancos europeus. Entre seus postos se encontravam pretos escravos e regimentos de pretos livres e índios livres. A julgar somente pela raça, seria muito difícil diferenciar os defensores da nação ‘preta’ dos defensores do entreposto ‘branco’ da Europa. A batalha real não era somente entre um império e os rebeldes, mas entre os ricos e os pobres, os escravizadores e os livres, o passado feudal e um futuro iluminado que ninguém tinha sonhado ainda. Quase todas as excursões portuguesas e holandesas falharam miseravelmente até 1694, quando um exército massivo, composto em sua maioria por mercenários mestiços, cercou a cidadela palmarensense de Macaco. Após um cerco que durou um mês, eles mataram, capturaram ou dispersaram seus defensores, eliminando efetivamente Palmares como nação, efetivamente apagando-o da face da terra (Cheney, 2014, p. 4, tradução da autora)”.

O que percebemos nesse livro é a escrita despretensiosa do autor em relação às lacunas da história sobre a narrativa de Palmares e Zumbi. Podemos notar, pelo seu texto, que o relato traz uma escrita com observações inéditas acerca de momentos pontuais das guerras contra Palmares e da figura de Zumbi. Segundo Cheney (2014), o fato de Zumbi não responder as cartas de negociações que eram

enviadas a pedido da Coroa Portuguesa deixava seus inimigos bem irritados. Eles subiam a Serra da Barriga ainda mais determinados para cumprir a função de aniquilar o Quilombo. Em seu capítulo 14, é destacada a invasão feita ao terceiro mocambo liderada por Domingos Roiz Carneiro, um filho de escravos que tinha encontrado uma forma de ascender ao mundo. Então, eles atacaram um posto fortificado na Serra da Barriga e, somente após um longo combate e muitas baixas em ambos os lados, eles conquistaram o forte, queimando-o em seguida.

Narra-se que o regimento retornou para Alagoas, clamando vitória sobre Palmares e se vangloriando pela morte de Zumbi. Como de costume, a vitória reportada foi prematura, a morte de Zumbi foi grandemente exagerada. Dentro de um ano, Zumbi convocou um ataque aos arredores de Alagoas criando um enorme transtorno. Os exércitos de Zumbi eram capazes de invadir o local e se defender em qualquer lugar, mas as expedições invasoras também tinham suas artimanhas e estavam conseguindo tomar os postos palmarenses. Nenhum dos lados estava conquistando o território do outro, mas ao mesmo tempo cada lado poderia infligir danos aos seus oponentes .

O autor destaca que os portugueses capturaram tantos prisioneiros que não podiam arcar com a morte deles todos. Temendo que o retorno à escravidão em Pernambuco facilitasse muito mais o retorno deles a Palmares, o governador os enviou para Lisboa para trabalharem em embarcações. Lá eles trabalhavam por salário como todo mundo, embora sem opções de emprego em outro lugar. Ao final de 1681, Dom Pedro II nomeou João de Souza para substituir Aires de Souza de Castro como governador de Pernambuco no ano seguinte. O então governador era um militar profissional, sendo enviado para posto de governador com uma espada e um ramo de oliva – um decreto emitido pela coroa em 10 de março de 1682. Ele especificava precisamente o que deveria ser feito a respeito de Palmares.

O propósito da estratégia de oferta e ameaça era causar uma cisão dentro da população de Palmares, o mesmo tipo de cisão que tinha resultado em Cucaú⁶. Se funcionasse, inspiraria uma boa parte dos palmarenses a retornarem ao seio da sociedade da qual tinham fugido, enfraquecendo assim o grupo daqueles que tinham escolhido tentar a sorte na mata selvagem. No lado espada do decreto, o rei ordenava a continuação dos esforços militares sob as ordens de um governante

⁶ Acordo de paz assinado em junho de 1678 entre o governo de Pernambuco e Ganga Zumba, Rei de Palmares (Lara, 2022).

militar guiando soldados profissionais dedicados à causa. O decreto convocava pessoas locais a se juntarem à luta. Palmares tinha uma escolha: cooperar ou morrer. No lado do ramo de oliveira do decreto, o rei oferecia a possibilidade de paz por meio de cooperação. Reconhecia a liberdade de qualquer palmarenses que tinha sido livre antes de ir para Palmares, e estabelecia um processo legal para garantir apropriadamente a escravidão ou a liberdade.

Cheney (2014) também relata que qualquer cativo que pudesse mostrar papéis comprovando sua liberdade poderia apresentar seu caso a um juiz. Aqueles que reivindicavam a liberdade sem papéis comprobatórios poderiam apresentar seus casos a um juiz, e o mesmo poderia requerer do senhor de cada solicitante o tempo necessário de liberdade para as devidas apelações. A corte pagaria até mesmo o custo do auxílio legal.

O escritor observa que a oferta de liberdade não iria tentar a maioria dos palmarenses. Aplicava-se apenas aos habitantes de Palmares que descendiam de colonos brancos e não eram pretos ou mulatos – em outras palavras, somente àqueles de sangue branco ou indígena. Qualquer um que tivesse sido escravo antes de fugir para Palmares retornaria para a escravidão, isso incluía qualquer um nascido de uma mulher que tenha sido uma escrava. Desse modo, observa-se a escravidão ainda sendo uma condição hereditária, uma condição virtualmente congênita que passava de mãe para filho.

O Capitão Fernão Carrilho, que lutou contra Palmares, ainda esperava tomar posse das vinte léguas (120 km, 75 milhas) que lhe foram concedidas na ocasião e aceitou o comando. Com ordens expressas para não negociar qualquer coisa com qualquer pessoa, ele partiu em julho de 1683, com um grupo de trezentos homens. O governador pode ter insistido muito – ele de fato escreveu uma explicação detalhada do que o capitão faria e não faria –, porque Carrilho era conhecido por ter uma fazenda de gado no território de Palmares, presumivelmente com a permissão de Zumbi, uma situação não incomum conquistada por meio de algum tipo de pagamentos protetivos.

Carrilho foi incapaz de repetir o sucesso de sua invasão anterior. Ele pouco teve o que fazer até que um destacamento de vinte e cinco homens liderados por um certo Carlos Ferreira se deparou com quarenta homens trabalhando em um campo. Embora naquele momento os palmarenses estivessem trabalhando como fazendeiros, eles também estavam armados e prontos para defenderem seu campo.

De acordo com Cheney (2014), os relatos variam sobre o que aconteceu depois. O capitão disse ao governador que ele caiu em uma armadilha e não teve escolha além de negociar.

O governador estava bastante certo de que Carrilho estava tendo inclinação a negociar com Zumbi antes mesmo de deixar Alagoas. A sua prova estava em duas cartas que o capitão tinha escrito pedindo para que as demandas de “não negociação” em seu contrato fossem alteradas, sendo recusado pelo governador. Naquele momento, ele encontrava convenientemente cercado ao pé da Serra da Barriga e diante da escolha entre negociação e morte. Na visão do governador, a prontidão do capitão para fazer o que quisesse a despeito do que lhe era ordenado fazia com que seu caráter se encaixasse nesses parâmetros. Em suma, ele estaria focado em seu próprio interesse.

De acordo com o que o governador tinha ouvido, as negociações de Carrilho chegavam a envolver palmaresenses e portugueses se misturando no campo de uma maneira inconveniente quanto a homens que deveriam estar em guerra. O governador, sendo informado sobre o comportamento suspeito, enviou ordens ao capitão para destruir, não conversar com o inimigo. O homem cessou as conversas, mas deixou as forças palmaresenses escaparem. Mais tarde, segundo um relato que chegou ao governador, ele alertava as pessoas nos mocambos sobre sua aproximação, para que assim pudessem escapar antes de sua chegada.

O governador foi convencido de que Carrilho buscava algo além da missão que lhe fora dada. Ele estava de conluio com o inimigo, se conciliando com aqueles que deveria estar matando. Aparentemente, poderia estar usando a missão apenas para justificar as despesas com homens, equipamentos e suprimentos de que ele precisava para os seus pastos em Palmares. Parecia uma ideia inteligente, mas uma da qual logo se arrependeria. O governador, certo de que havia um traidor no comando de uma missão, enviou João de Freitas da Cunha para tirar o comando de Carrilho.

Apesar de estar se recuperando de uma doença, Cunha aceitou o desafio e se dirigiu ao interior com cinquenta homens. Encontrando Carrilho, ele prontamente o aprisionou e o fez ser escoltado de volta ao litoral. O governador o condenou por desobediência, destituindo-o de sua patente e do seu salário, e o enviou a uma prisão na capitania do Ceará, um dos poucos lugares no Brasil que eram menos hospitaleiros que Pernambuco. Zumbi usou o tempo para recuar e integrar suas

forças em um mocambo chamado Gôngoro. Da Cunha e Lopes Galvão o rastrearam, mas hesitaram diante do desafio de atacar a posição palmarenses. Eles precisavam de ainda mais reforços. Alguns chegaram a fazê-lo sob o comando de certo Belchior Pinto. O conseqüente ataque conseguiu queimar Gôngoro e algumas aldeias palmarenses, mas os homens de Zumbi os combateram e os forçaram a recuar.

Quando Cunha se reagrupava, Zumbi tinha organizado um ataque a Álamo (ou Alama), um vilarejo no litoral, mas quando chegou, Zumbi já tinha desaparecido. Cunha o perseguiu pelo próximo mês, incendiando os poucos mocambos que conseguia encontrar, decapitando os poucos cativos que aprisionava, mas nunca realmente confrontando ou derrotando as forças palmarenses. Outro destacamento lutou contra Zumbi perto da Serra Salabangá, um lugar hoje desconhecido. Devia se encontrar próximo à cidade palmarenses de Dambraganga, perto de onde hoje é a cidade de Viçosa no estado de Alagoas. Os homens de Cunha mataram sete guerreiros palmarenses e capturaram treze. Os cativos foram divididos igualmente entre os soldados, que então os venderam para a exportação da região. Mais tarde, em 1684, o governador de Souza convocou os exércitos. Os dez meses que Cunha passou no campo não tinham rendido mortos ou capturado o bastante para justificar os gastos. Os seus esforços não chegaram a ir além do mero terrorismo. Zumbi não estava contente por ter apenas expulsado a última expedição de seu território. Não muito depois que Cunha deixou Palmares, Zumbi provou a sua habilidade em não apenas partir para a ofensiva, mas também expandir os seus esforços ao norte em direção à capitania da Paraíba. Ele atacou um posto militar chamado Nossa Senhora das Neves.

Segundo as observações de Cheney (2014), essa seria mais uma das muitas situações da narrativa de Palmares que não temos como saber ao certo os motivos que levaram Zumbi a decidir tomar a ofensiva, portanto, é algo que ainda se discute. O ataque não iria expulsar os portugueses do Brasil ou de Pernambuco, talvez ele esperasse roubar armas e suprimentos. Talvez fosse político, uma vingança que pretendia desencorajar futuras incursões ou ele apenas quisesse provar algo. Após todas as suas veementes objeções à negociação, o governador decidiu ver se Zumbi poderia estar aberto a um acordo. Ele encarregou um oficial negro do regimento de Henriques para verificar se Palmares poderia estar

interessado em algum tipo de acordo de paz. O oficial permaneceu por alguns meses – nós só podemos indagar sobre o porquê, mas retornou sem uma resposta.

Em 19 de fevereiro de 1685, João da Cunha Souto Maior substituiu João de Souza como governador. Trazia com ele instruções de Dom Pedro II, vindas de Portugal, para negociar a paz com Palmares. O rei também escreveu uma carta, datada de 26 de fevereiro de 1685, direcionada ao próprio Zumbi falando que o perdoava e propunha liberdade para ele e seu povo:

“Eu, o Rei, torno conhecido a ti, capitão Zumbi de Palmares, que te perdoo por todos os excessos que tens cometido contra minha Casa Real assim como contra o povo de Pernambuco, e que eu assim faço entender que tua rebelião tem sido justificada pelos males praticados por alguns maus senhores em desobediência a minhas ordens reais. Eu te convido a estar em qualquer locação de sua escolha, com tua esposa e teus filhos e todos os teus capitães, livres de qualquer cativo, como meus súditos leais e fiéis, sob minha proteção real, como desfrutada por meu governador, que irá fazer o governo desta capitania” (Cheney, 2014, p. 148, tradução nossa).

Outra situação que não há como afirmar é se essa carta chegou a Pernambuco ou às mãos de Zumbi. Embora não resultasse em alguma coisa, foi uma extensão de protocolo sem precedentes, um rei na Europa se dirigindo a um rei rebelde – um rei rebelde negro – de uma nação estrangeira, um estado soberano. Essa carta pode ser bem interpretada como precursora de um fim a uma guerra que durara oitenta anos e uma vitória para Palmares. Se Zumbi aceitasse a oferta e cessasse a sua ofensiva guerrilheira, se o rei mantivesse sua palavra e garantisse que o cumprimento dela pelo governador, se colonos brancos na fronteira aprendessem a conviver com seus vizinhos negros, se os palmarenses pudessem continuar a viver em Palmares e continuassem a receber escravos fugitivos, e se todos aderissem aos termos do acordo de paz, então todo mundo teria o que desejava: paz para Palmares, infraestrutura segura, uma economia mais forte em ambos os lados, e todos os benefícios do comércio transnacional. Por isso se faz necessário a construção de uma história de palmares, e destacar o tempo que Zumbi esteve à frente.

Mas Zumbi não tinha razão para confiar no governador ou no rei. Ele não tinha caído no truque do tratado de cinco anos antes em Cucaú, e ele certamente não iria cair dessa vez. Ele não poderia arcar com outro erro como Cucaú. Ele não poderia aceitar uma promessa ou um comprometimento. Suas escolhas eram vida

ou morte, liberdade ou escravidão. Era uma decisão fácil: aceitar a vitória que o rei ofertava quase que certamente resultaria em uma derrota terminal.

Outro destaque importante é o livro *O quilombo de Palmares*, de Benjamin Péret, publicado em 1956, na Revista *Anhembi*, revista cultural paulista conhecida pelo seu papel questionador e progressista. O escritor ressalta que pesquisou outros autores para escrever o seu texto e que no livro de Edison Carneiro, também intitulado *O quilombo de Palmares (2011)*, ele encontrou excelente documentação que contribuíram para a sua escrita. Como outros autores que pesquisaram sobre Palmares, ele também discute as fontes primárias, analisa as questões políticas, religiosas, sociais e econômicas dos palmaristas.

Dentre as suas críticas, salienta a dificuldade de destrinchar o sentido de alguns eventos históricos do quilombo já que a maioria dos documentos para pesquisa provinha da mesma fonte, sendo extremamente parcial e prejudicial em termos de pesquisa. Foi em 1985 que voltou a circular através de uma palestra de Clóvis Moura, após a explanação do sociólogo sobre o ensaio no primeiro centenário da abolição da escravatura em Portugal. A partir daí, o texto foi elogiado pelo seu caráter inovador, o que lhe conferiu pertinência até os dias atuais na contribuição ao desenvolvimento da pesquisa sobre o tema que privilegia a nossa cultura brasileira. Acredita-se que as muitas analogias entre Palmares e outras espécies de lutas que surgiram em forma de movimentos sociais organizadas pelos oprimidos tenha levado o autor a se debruçar sobre o tema.

Flávio Gomes também faz parte dos autores que tentaram de alguma forma levantar uma biografia sobre Zumbi dos Palmares com seu livro *De olho em Zumbi dos Palmares (2011)*. O escritor relata que as muitas expedições também são alvo de inúmeras discussões. Há muitos relatos sobre elas, já que Palmares era um inimigo que foi construído estrategicamente e ficou bem fortalecido. É interessante ver a maneira como os relatos objetivavam Palmares durante as expedições como o relato do governador Dom Pedro de Almeida em que ele faz registros de batalhas anteriores ressaltando o exército destruído e os Palmares conservados, dando ênfase às dificuldades encontradas pelas tropas, para avançar o caminho.

As serras de Palmares pareciam inalcançáveis com infinitos espinhos, ladeiras muito precipitadas. O que de fato impossibilitou o acesso das tropas inimigas. “Assim eram incapazes de carregar mantimentos forçando os soldados a

levar nas costas a arma, a pólvora, balas, capotes, farinha, água, peixes, e rede com que possa dormir” (Gomes, 2011, p. 21). Isso tudo resultava em exaustão, logo vinham as enfermidades e muitos outros danos. A fama de Palmares seguia provocando fugas coletivas, abandono e destruição dos engenhos e raptos de negros que sofriam com a escravidão para viverem livres na Serra da Barriga.

2.2. ZUMBI, O GUERREIRO DE PALMARES

Um dos grandes personagens do Quilombo dos Palmares foi Zumbi. Sabe-se pouquíssimo acerca da sua vida e algumas conclusões feitas por alguns escritores, as quais eram consideradas verdades consolidadas, até certo tempo são atualmente questionadas por alguns teóricos da área. Partindo da história oficial a narrativa sobre Zumbi começa durante um dos muitos ataques feitos pelas autoridades coloniais contra Palmares.

De acordo com Freitas (1982), *“Zumbi nasceu do ano de 1655, numa das inúmeras povoações palmarias. Naquele ano, o então governador de Pernambuco, Francisco Barreto, enviou a primeira expedição [...]”* (Freitas, 1982, p.125). Após ter sido capturado foi criado pelo padre Antônio Melo que o nomeou de Francisco, o alfabetizou e fez dele também o seu coroinha quando completou dez anos de idade. O padre ressaltava a inteligência e a engenhosidade do menino:

“Aos dez anos, Francisco conhecia todo o latim que há mister e crescia em português e latim muito a contento. Esta informação faz pensar que talvez não fosse pura fantasia, como sempre supôs, a afirmação do historiador português Oliveira Martins de que os negros de Palmares “tinham leis que foram escritas por um Numa preto”. (Freitas, 1982, p.125).

Pelo que consta na maioria dos registros históricos, o padre teria se afeiçoado a Zumbi e admirava sua capacidade de aprender, entretanto na adolescência, ele fugiu para retornar a Palmares e assumiu uma posição de liderança no quilombo. De acordo com Freitas (1982), a afeição não partia apenas do padre, mas também de Zumbi. O fato deste retornar para presentear o padre, confirmava a reciprocidade entre eles, uma vez que sabia da miséria em que o padre vivia e queria garantir melhores condições para ele. Apenas na segunda visita contou ao padre que trocara o seu nome de batismo Francisco para o nome africano Zumbi:

[...] “o padre ficou consternado e perplexo quando certa manhã do ano de 1670, descobriu que seu coroinha, então com 15 anos de idade, fugira para a companhia dos negros levantados de Palmares. Mais tarde, já chefe de Palmares, Zumbi por três vezes penetrou no distrito de Porto Calvo para visitar o padre, levando-lhe presentes”. (Freitas, 1982, p.125).

Zumbi teria se tornado um importante chefe militar em 1678, líder da resistência contra os portugueses e, eventualmente, chefe do quilombo, após desentendimentos com Ganga Zumba⁷. Isso aconteceu porque Ganga Zumba havia recebido uma oferta de paz das autoridades portuguesas (acordo de Cucaú). Nessa oferta, aceitava-se mudar para uma aldeia estipulada pelos portugueses, e os negros nascidos em Palmares continuariam livres, mas os fugidos seriam reencaminhados à escravidão. O aceite de Ganga Zumba dividiu Palmares e parte dos quilombolas revoltaram-se contra ele – incluindo o próprio Zumbi.

Zumbi foi líder de Palmares e conduziu a resistência palmarina por muitos anos. No entanto, depois que a expedição de Domingos Jorge Velho e a destruição do Mocambo do Macaco, Zumbi e outros sobreviventes fugiram e esconderam-se nas matas da Serra Dois Irmãos. Durante um ano e meio, resistiram embrenhados no mato. Contudo em 20 de novembro de 1695 Zumbi foi morto, depois que um de seus companheiros chamado Antônio Soares revelou sob tortura o local de esconderijo de Zumbi. Um bandeirante chamado André Furtado de Mendonça organizou uma emboscada que localizou Zumbi. Após ser morto, sua cabeça foi decepada e exposta em Recife.

De uma forma sucinta, a história de Zumbi de acordo com os historiadores oficiais seria esta, porém temos contribuições mais detalhadas de outros autores como as contribuições da historiadora Silvia Hunould Lara, temos o artigo *Com fé, lei e rei: um sobado africano em Pernambuco no Século XVII*, que faz parte do livro *Mocambos de palmares: histórias e fontes (séculos XVI-XIX)* organizado pelo escritor Flávio Gomes. Zumbi nesse artigo já aparece com maior destaque inserido como símbolo da luta dos negros contra a escravidão que envolvia objetivos políticos para combater uma perspectiva racista e senhorial trazendo uma imagem forte de plena efervescência abolicionista:

⁷ Ganga Zumba foi o primeiro chefe (rei) conhecido do Quilombo dos Palmares que morreu em 1678 sendo substituído por Zumbi dos Palmares. (Carlos Eugênio Marcondes de Moura).

“Zumbi passou a ser oficialmente considerado um herói nacional e não apenas uma referência para os militantes do movimento negro, já que uma lei determinou que seu nome fosse ‘inscrito no Livro dos Heróis da Pátria que se encontra no Panteão da Liberdade e da Democracia” (Lara, 2010, p. 101).

O artigo apresenta uma perspectiva que tem como marca a militância de como foi construída a história de Palmares até que o quilombo se tornou o símbolo da liberdade. E nessa história, Zumbi é considerado o grande herói que quase sempre é visto de forma energética, resoluto e obstinado o *“Espártaco negro Palmares de que se recusou a qualquer acordo com as autoridades coloniais, optando por uma luta bem-organizada e incansável, vencido apenas à custa de uma traição”* (Lara, 2010, p. 101). Lara (2010) menciona um procedimento que é bem produtivo para os historiadores quanto à interpretação de fontes que no caso seria o cruzamento dessas fontes para reler algumas narrativas e dá como exemplo essa tese sobre o suicídio de Zumbi que se popularizou pelo texto de Rocha Pita (*apud* Mattos, 2007).

Um segundo exemplo seria a grande discussão sobre o número de habitantes da população do quilombo. A historiadora se diferencia quanto às preocupações que destaca em seus textos que não costumamos ver outros textos escritos pelos demais historiadores. Uma das grandes questões seria a falta de crítica mais cuidadosas em relação às fontes encontradas. Como podemos confirmar diante da seguinte colocação:

“Todos concordam que esses documentos foram escritos ‘pelos inimigos’ de Palmares e estão marcados pela ideologia senhorial. Décio Freitas chega mesmo a falar em ‘falsificação ideológica’, alertando para a necessidade de não se tomar ‘ao pé da letra tudo quanto está escrito nos documentos’, pois eles contêm exageros, mentiras e invenções em função dos ‘interesses pessoais e sociais’ de seus autores” (Lara, 2010, p. 103).

Para concluir essa reflexão discutida pela autora, apontamos que nas últimas décadas os historiadores necessitam pensar melhor sobre como devem lidar com as fontes, principalmente levando em conta os contextos de produção de cada documento encontrado, aspectos culturais, a qualificação de quem os produziu, as condições da escritura, o modo como foram produzidas as fontes, para que se possa

obter resultados mais interessantes e desenvolver argumentos importantes sobre as narrativas que serão contadas.

O livro *O reino negro de Palmares* (1988), de Mário Martins de Freitas, traz a informação de que fazia 30 anos da primeira edição e a editora explica que é uma obra comemorativa de cem anos da abolição. Uma das observações que acreditamos ser relevante, é o fato de trazer em anexo uma densa quantidade de documentos que não encontramos em outros. Há autores que trazem alguma documentação anexada, colocam algumas informações em nota de rodapé, ou fazem citações no corpo do texto. O livro de Freitas (1988) traz os documentos para consultar e refletir sobre. As documentações permitem uma leitura mais completa sobre os fatos narrados pela história oficial.

O livro *O negro no Brasil: História e desafios* (1987), do autor Mário Rodrigues da Silva entrega uma pequena contribuição sobre a temática, mas que acreditamos ser importante enquanto uma marca temporal que já destaca Palmares e Zumbi. O autor nos oferece muitos anexos como mapas e gráficos, fala sobre a luta pela liberdade e cita os quilombos como forma de resistência, sendo Palmares destacado por ele, pois sobreviveu por mais tempo aos ataques e à repressão colonial.

“A origem do Quilombo dos Palmares está dentro das situações políticas que se estabelecem no quadro histórico dos anos posteriores a 1625, no período em que os holandeses invadiram a capitania de Pernambuco e ali tomaram o poder político. Do lado português, formaram-se regimentos para defender as terras consideradas ‘invadidas’ pelos inimigos holandeses” (Silva, 1987, p. 23).

Segundo Silva (1987), Palmares seria um símbolo de força e fraternidade do modo de ser do povo negro que por anos se manteve firme e forte tendo sua própria estrutura social e política. Salaria também que além de negros havia índios, mestiços e brancos que eram marginalizados pela sociedade. A organização era admirada por todos que a estudaram, cada povoamento tinha seu próprio líder que era escolhido por meio de testes rigorosos decididos em um conselho, onde esse precisava ter resistência física e sabedoria. Sobre Zumbi, o autor traz o registro da sua resistência e de sua morte, destacando que o líder palmarino resiste por muito tempo considerando a violência de seus inimigos com ataques frequentes e

muitas torturas. Depois desse longo processo de torturas, um de seus companheiros de luta delatou seu esconderijo:

“20 de novembro de 1695 - Foi assassinado Zumbi dos Palmares, e sua cabeça exposta em praça pública, no Recife. Terminou assim a longa história de um povo negro que lutou e acreditou na liberdade dos oprimidos, em plena vigência da sociedade escravagista do século XVII” (Silva, 1987, p. 30).

Uma das conclusões que o autor apresenta é que apesar da repressão que sempre marginalizou os negros e os pobres, a motivação que os palmaristas tinham para lutar a favor da liberdade foi a força motriz que não deixava a vitalidade deles acabarem, por vezes tinham invasões que os deixavam cansados, mas a submissão aos brancos e a escravidão não era um destino que qualquer um deles aceitaria ter. A persistência os mantinha de pé, e esse modo palmarista de ser, até hoje intriga os que percorrem textos e documentos à procura de algo a mais que possam agregar a essa história.

Segundo Nascimento (2014), Zumbi era reconhecidamente líder entre os integrantes da comunidade e o respeito por ele veio das suas habilidades para guerra por ser estrategista. Ainda de acordo com Nascimento (2014, p. 121), *“Zumbi, apesar de jovem, já pensava de forma estrategicamente impecável.”* O autor faz um contraponto entre a figura de Zumbi e Ganga Zumba que podem ser vistos sob uma perspectiva de liderança diferente, pois Zumbi ao contrário de Ganga Zumba tinham uma visão de liberdade para todos e o seu pensamento fez dele o símbolo de resistência escrava e afro-brasileira *“(Nascimento, 2014, p. 122).*

O autor destaca que muitas histórias foram criadas em torno de Zumbi para tentar minimizar seus esforços como um líder resistente. Uma dessas, seria o seu suicídio para não se entregar aos algozes, mas isso se revelou falso: *“O líder rebelde só foi morto em 20 de novembro de 1695. As tropas repressoras precisaram de meses para achar o seu esconderijo”* (Nascimento, 2014, p. 65-66). Com a sua morte, as autoridades coloniais caçaram todos os outros generais palmarinos, para que o quilombo nunca mais tivesse condições de se reerguer.

Em suas conclusões, Nascimento (2014) discute que muitos escritos sobre Palmares no período colonial reproduzem de forma acrítica o discurso das autoridades coloniais presentes nos documentos oficiais da época. Quando os documentos narram as histórias do quilombo, há sempre uma valorização dos feitos

militares que são adjetivados como valorosos, no entanto, hoje, tais documentos são percebidos como a ser revisados e contrastados com outros que narram o mesmo episódio, pois podem conter partes ou até um todo equivocado.

Outro aspecto que é destaque nesse livro é o acordo de 1678 que não é aceito, no qual as terras de Cucaú foram oferecidas para os nascidos em Palmares. O acordo oferecia moradia e liberdade, mas não para todos os negros. Zumbi, descrito aqui como aquela figura bélica, não aceita o acordo em nome da liberdade de todos. Sendo assim, a perseguição aumenta e os palmaristas se ocultam ainda mais pelas matas, onde as tropas inimigas sentiam muita dificuldade para localizá-los.

Zumbi era considerado um rebelde que não fazia acordos por não acreditar nas promessas dos inimigos e continuava a luta e teria liderado Palmares até o fim sendo considerado um líder incontestável diferentemente de Ganga Zumba. Esse conflito entre eles, bem como suas formas de liderarem o Quilombo de Palmares, segundo a historiadora é retratado por muitos outros historiadores. Alguns posicionamentos estão de acordo, outros se divergem. Mas como em toda história, as divergências de opiniões são comuns. Lara (2022), com um pensamento que caminha para uma possível conclusão, afirma a esse respeito:

“Certamente houve muitos motivos para o fracasso do acordo que deu origem a Cucaú. Além das conjecturas de uns poucos autores, no entanto, o ponto de vista dos palmaristas geralmente não aparece na bibliografia. Eis a novidade da análise que apresentamos aqui. Antes de dar continuidade a ela, convém examinar como a destruição de Cucaú foi compreendida do outro lado do Atlântico” (Lara, 2022, p. 267).

Contudo, no caso do livro *O Quilombo de Palmares* (2002), de Benjamin Péret, temos uma crítica inovadora com palavras penetrantes e singulares, advindas de seu olhar estrangeiro, de poeta surrealista e historiador francês sobre o Brasil e Palmares, pois ele vê o excêntrico, o exótico, o extravagante. O autor preocupava-se com a opressão e a exploração em que viviam os negros e faz questão de explicar o seu ideal de liberdade, destacando que não quer que o seu pensamento o seu posicionamento contra qualquer maneira de oprimir e explorar. Para o escritor a sua forma de encarar a liberdade deve partir do ponto de vista dos oprimidos, pois *“Sabedor destas objeções, ciente de que, através da história, o conceito de*

liberdade tem sido vítima de equívocos, quando não de deformações [...] (Péret, 2002, p. 37)

Palmares se contrapunha a opressão, a sociedade portuguesa em praticamente todos os sentidos, provando que a liberdade era possível e que a escravidão era desnecessária. Palmares deixou uma grande lição de vida para aqueles que podem se aprofundar pelas histórias que aconteciam por trás de suas paliçadas e representou a esperança de fazer com que a sociedade percebesse que todo homem é formado por um corpo e uma alma e ambos devem ser livres. O ensaio do autor atribuiu um lugar de importância ímpar para Palmares em termos políticos mostrando a importância da liberdade. Sendo um surrealista marxista via a liberdade como algo essencial, vital, pois é o motor da história das classes oprimidas.

Quando vai retratar Palmares, o autor traz Zumbi em um dado episódio ferido numa perseguição liderada por Manuel Lopes. Isso aconteceu prestes ao momento em que ele iria se tornar o chefe supremo: *“Zumbi, que alguns anos mais tarde deveria tornar-se o chefe supremo do quilombo, foi ferido no combate por uma bala que lhe aleijou a perna para sempre”* (Péret, 2002, p. 94). Zumbi dispunha de poder e tinha um caráter militar declarado.

Péret (2002) segue apontando que em outro ataque, pelo mesmo inimigo, ofereceram a Zumbi muitos acordos a fim de que ele se rendesse para que fosse perdoado, mas caso contrário continuaria sendo objeto de guerras sem trégua. Sem sucesso, foi rechaçado para outro quilombo no interior da floresta. Os confrontos seguiam incessantemente até que um dos homens de Zumbi resolveram fazer um acordo que lhe garantisse a vida, caso o entregasse e foi o que foi feito. Mesmo refugiado no subterrâneo e cortando o acesso dos paulistas até lá, eles o encontraram. Zumbi os combateu desesperadamente e de forma valorosa, mesmo assim muitos foram mortos e outros feridos.

Somente depois de dois anos, o Mocambo Macaco foi tomado em 20 de novembro de 1695. Nesse momento, o Quilombo de Palmares, segundo Péret (2002), deixaria de existir, mas ressalta que resistiu a inúmeros assaltos durante cinquenta anos *“tendo a sua frente a figura épica de Zumbi, nosso Spartacus negro”* (Péret, 2002, p. 23). A respeito da morte de Zumbi há um trecho que o autor descreve a mesma situação retratada por outros autores, que seria o acordo entre

um dos homens de zumbi e as tropas inimigas. Ele o descreve como o mulato que troca a localização de Zumbi pela sua liberdade:

“A proposta foi aceita, e o mulato guiou a tropa para o esconderijo do chefe negro. Ele tinha-se separado da família e fizera-se acompanhar apenas de vinte negros. Estes achavam-se repartidos por catorze postos de emboscada. Com os seus que restavam, Zumbi correu a refugiar-se num subterrâneo que tinha preparado; mas os paulistas haviam-lhe cortado o acesso. Zumbi combateu ‘valorosa e desesperadamente’, matando um homem, ferindo alguns, e, não querendo render-se, nem os companheiros, foi preciso matá-los. Os brancos só conseguiram pegar vivo um dos homens de Zumbi. Foi a 20 de novembro de 1695. Cerca de dois anos haviam-se passado desde a tomada do mocambo do Macaco” (Péret, 2002, p. 112).

No caso mais específico sobre Zumbi encontramos informações nos capítulos XVIII, XXVI e XXIX. Em alguns trechos é destacado como aquele que era adorado pelos seus homens e com sua imagem imponente, alguém que poderia prever o que aconteceria em suas batalhas. Seu heroísmo parecia algo inatingível, um rei semidivino. Mas que em determinado momento foram alcançados por Jorge Velho preferindo a morte ao cativo e se atiraram do penhasco:

“Este certificado, passado no dia seguinte da facinorosa luta, ainda no calor das refregas sanguinolentas, não podia pormenorizar os acontecimentos e se os negros caíram no despenhadeiro ou nele se atiraram, preferindo a morte gloriosa ao cativo. Alcançados na fuga pelas tropas numerosas de Bernardo Vieira de Melo e tangidos para o mocambo pela mesma estreita faixa, à borda do precipício, outros se atiraram no abismo penhascoso, imitando os primeiros, cobrindo com seus corpos e seu sangue o exemplo do rei heroico, do bravo Zumbi, do rei semidivino de todos eles!” (Freitas, 1988, p. 322).

Mas mesmo depois desse final trágico que teve esse mocambo, alguns ainda escaparam com vida, fundaram outro mocambo, mais distante, lá escolhiam um novo rei, um novo Zumbi, sobrinho do primeiro, conforme os usos e costumes dos palmaristas. Mais tarde, depois de lutas tremendas, soube honrar os que morreram lutando e os que preferiram a morte saltando do penhasco ao cativo ignominioso.

2.3. A NECESSIDADE DE UMA REVISÃO HISTÓRICA

Diante das pesquisas encontradas, observamos que o estudo sobre Palmares e Zumbi já possui material suficiente para ser discutido criticamente e ser pensado a partir de um contexto de revisão a respeito das obras que se instituíram como as principais. O escritor Rômulo Luiz Xavier Nascimento (2014), em *Palmares: os escravos contra o poder colonial*, apresenta outros autores que também foram estudiosos dessa temática como Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edison Carneiro, Roger Bastide, os quais destacaram Palmares como uma grande reação cultural, religiosa, política e econômica. Alguns ainda ressaltam que é como se a África fosse transportada para o Brasil.

Apesar das grandes discussões entre os historiadores e intelectuais, a crítica vê Zumbi como uma figura mítica e que não é à toa que o dia da suposta morte de Zumbi, em 20 de novembro, tenha sido considerado o dia da Consciência Negra, pois para muitos movimentos, a figura de Zumbi é sempre evocada: tais como a Frente Nacional Negra (FNB), o Movimento Negro Unificado (MNU) e o Teatro Experimental do Negro (TEN) que sempre procuraram criar uma reflexão crítica sobre a condição do afro-brasileiro enquanto cidadão.

De acordo com Nascimento (2014), tais movimentos são responsáveis por desenvolverem grandes ações políticas, tendo Zumbi, o grande líder quilombola, sendo quem perseverou por essa inserção sociocultural do negro no nosso país. Finaliza seu texto com um depoimento interessante do rapper Emicida que diz que o dia 20 de novembro, simbolicamente dedicado a Zumbi dos Palmares, é um grito de todos os negros e negras pela liberdade e justiça em protesto pelos horrores causados pela escravidão:

“O dia 20 de novembro é a referência de lutas por um Brasil livre para todos. Por tudo isso, a figura de Zumbi e a resistência palmarina continuarão vivas por muito tempo enquanto houver grandes desigualdades sociais e raciais no Brasil” (Nascimento, 2014, p. 156).

O Movimento Negro Unificado contra o racismo e a discriminação racial define o dia da consciência negra da seguinte forma:

“Nós, negros brasileiros, orgulhosos por descendermos de Zumbi, líder da República Negra dos Palmares, que existiu no Estado de Alagoas, de 1595 a 1695, desafiando o domínio português e até

holandês, nos reunimos hoje, após 283 anos, para declarar a todo o povo brasileiro nossa verdadeira e efetiva data: 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra! morte do grande líder negro nacional, ah, responsável pela primeira e única tentativa brasileira de estabelecer uma sociedade democrática, ou seja, livre, e em que todos negros, índios e brancos realizaram um grande avanço político, econômico e social. Tentativa esta que sempre esteve presente em todos os quilombos". (Nascimento, 1980, p. 256)

Nessa perspectiva de trazer a figura de Zumbi dos Palmares para ser analisada de acordo com as visões de historiadores e outros pesquisadores que também se debruçaram sobre o tema, encontramos outras formas de narrar que certamente podem trazer outras representações, outros olhares, outras escritas, e muitas possibilidades de leituras e interpretações que ainda não foram feitas. Como o poeta Oliveira Ferreira Silveira (1987) que escreveu *O poema sobre Palmares*. Nele, o autor narra a história do quilombo e de Zumbi apontando os momentos trágicos e gloriosos. Nesses versos temos as palmeiras como sentinelas, Palmares como um lugar sagrado que acolhe os negros e Zumbi como o general das armas. Como podemos concluir nas citações a seguir temos uma proposta de reescrita da História.

[...]

*Senhor historiador oficial,
deixe o sobrado, a casa-grande,
recue na linha do tempo,
mergulhe no espaço geográfico,
peça licença, limpe os pés,
se deixe abocanhar por um quilombo,
mastigar pelas choças,
meta-se no bucho do palmar,
escute aí seu coração tambor
e veja o sangue digno
fluindo generoso
nas veias caudalosas.
Desde o alto da Serra da Barriga
Olhe no rumo literal:
Veja num lado da história, noutra escória.
Depois comece a contar.*

[...]

(SILVEIRA, 1987, p. 2-3).

Os versos percorrem a Serra da Barriga, um espaço conquistado, um lugar que não pode ser derrotado, pois sua raiz é eterna. Mesmo que destruam Palmares, nada abalará a sua glória.

[...]

Palmar!
arranquem todas as palmeiras
e mais se encravará
a raiz dessa memória,
quebrem os contrafortes
e não se abalará
tua glória,
queimem a história toda
e verão que és eterno!

[...]

(SILVEIRA, 1987, p. 2).

Portanto, Palmares representa a liberdade em todos os sentidos, um lugar onde habitavam guerreiros. É uma fortaleza intransponível, local em que a opressão não mais poderia atingir o negro, símbolo de resistência à escravidão e resgate da memória e da cultura:

[...]

Uma lança caneta-tinteiro
escreveu liberdade no céu,
riachos e palmeiras,
matos e montanhas,
e se espalhou no ar uma áurea boa,
sono de leves pálpebras,
sonho de grandes asas, fofas plumas.
Palmar!
e um brado irrompeu, honra e brio,
nosso brado maior, nobre e digno,
irrompeu
do mais fundo subterrâneo,
violência de lavas escuras
transbordando libertas!

[...]

(SILVEIRA, 1987, p. 1-2).

A figura de Zumbi tem representação heroica, ele é visto como o grande líder que retoma a identidade e a dignidade dos negros. Mostra que o derramamento de sangue pelo seu ideal não foi em vão. Há também enaltecimento aos que persistem e resistem nessa luta que se travou durante longos anos. Os combatentes são apresentados como guerreiros, exemplos a serem seguidos. Num tom irônico, descreve que as expedições contra Palmares são fracassadas:

[...]

*Guerreiros de Zumbi
não se vendiam nem se compravam.
combatiam
pela liberdade que se davam.*

*Zumbia flecha, zunia lança.
Zumbi na serra- a voz do negro alta.
Zumbi na guerra- a mão do negro forte.*

*Expedições e expedições
despedidas
combatentes mais famosos
desafamados,
tropas e tropas
estouradas
por esses negros inferiores,
coisas
bestas*

[...]

(SILVEIRA, 1987, p. 11).

Além de seu protagonismo político e literário, Silveira (1987) tornou-se uma importante referência intelectual para a literatura negra brasileira, contrapõe-se à visão desacertada acerca da aparente apatia do negro e a sua condição de subordinado desde a libertação dos escravos em 1888, transcorrendo o período de exceção no Brasil, como afirma o discurso canônico literário oficial até os dias de hoje. O autor fez toda a diferença, pois foi um pensador obstinado, sempre teve como uma das maiores preocupações dar a voz e marcar um lugar digno para os

que foram condenados por essa sociedade racista. Como observa Frantz Fanon (2008), para falar é preciso ter condições, “*falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso da civilização.*” (FANON, 2008, p. 33).

O poeta não só fez questão de conhecer esse mundo, mas também fazendo uso das palavras de Fanon (2008), preocupou-se em transformá-lo. Assumiu para si, como objetivo pessoal, o movimento da negritude que anunciava ao negro que ele não deveria ter vergonha do seu corpo, da sua pele e nem do seu cabelo. O movimento alertava aos negros para não aceitarem mais ser o objeto da ação do outro, as imposições do branqueamento. Convidava todos que a buscassem ser sujeitos de suas próprias histórias e se negassem a colocar as máscaras brancas, que sempre lhes eram impostas. Todos deveriam combater de frente, ir à luta. Todas as frentes culturais que foram criadas tinham como objetivo dar visibilidade ao negro e à sua cultura, possibilitar discussões das causas e soluções para as mazelas vividas pelo negro brasileiro. O apelo era pelo firme propósito da denúncia contra essa total invisibilidade.

O autor publicou *Germinou* em 1962, *Poemas Regionais* em 1968, *Banzo Saudade Negra* em 1970, recebeu por esse livro menção honrosa da União Brasileira de Escritores, *Décima do Negro Peão* em 1974, *Palavras da Praça* em 1970, *Pêlo Escuro* em 1977 e *Cinco poemas em Cadernos Negros 3*, em 1980. Participou de uma coletânea na Alemanha, para autores negros e teve poesias registradas em revistas de universidades da Virgínia e da Califórnia, nos Estados Unidos. Silveira (1987) recebeu também a medalha Mérito Cruz e Souza em Florianópolis e ainda foi homenageado no II Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, na Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.

Silveira (1987) foi também conselheiro da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República, integrava nesse órgão com *status* de ministério, o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial, período 2004-2006. Como homem diaspórico, lutava por respeito às diferenças, reconhecimento das contribuições do negro na construção histórica do nosso país. Preocupava-se com um lugar digno que deveria ser conquistado na sociedade pelo negro. Engajou-se numa grande luta pela afirmação da voz dos afrodescendentes.

Segundo Eloísa Elena Prates Boeira (2013), Silveira (1987) escreveu também sobre autores que contribuíram para a escrita da poesia afro-brasileira, como o

poeta Edimilson de Almeida Pereira, Luiz Gama, Oswaldo de Camargo, entre outros. Traduziu *Cahier d' um au pays natal*, de Aimé Césaire, mas que infelizmente não foi publicada. O autor tornou-se amigo do historiador Décio Freitas o qual pesquisava sobre Palmares, empenhou-se para ajudá-lo na sua publicação aqui no Brasil, com o título *Palmares: a guerra dos escravos*. Militante engajado, lutava pela igualdade racial no país. Questionou a comemoração do dia 13 de maio e se tornou um dos idealizadores da transformação do dia 20 de novembro em o Dia da Consciência Negra. Vivia, constantemente, inquieto devido à situação da população negra no Brasil. Estudioso desse tema, acabou se tornando um ativista fervoroso. Lutou pela inclusão do negro nos diversos espaços da sociedade e dentre suas estratégias, consta a publicação de artigos, reportagens, contos e crônicas.

Silveira (1987) foi um dos responsáveis pela criação do *Grupo Palmares*, de Porto Alegre e um dos fundadores do Movimento Negro Unificado (MNU-RS) e também integrante do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial. Em reconhecimento a seu trabalho, recebeu várias distinções como a menção honrosa da União Brasileira de Escritores, do Rio de Janeiro, pelo livro *Banzo Saudade Negra* em 1969 e medalha ao Mérito Cruz e Souza, da Comissão Estadual para Celebração do Centenário da Morte de Cruz e Souza – Florianópolis – SC, em 1998, dentre diversas outras honorarias. O autor reunia-se em Porto Alegre com outros cidadãos negros para discutirem a situação dos descendentes de africanos no Brasil. Em suas reuniões com o *Grupo Palmares*, chegaram à conclusão de que 13 de maio, o dia da abolição da escravatura, assinada pela Princesa Isabel, uma portuguesa, em 1888, não tinha um significado importante, já que foi uma liberdade que apareceu apenas na lei e nada de concreto ocorreu depois.

Mediante a essa insatisfação, reivindicaram uma nova data que reverenciava Palmares, o qual foi muito mais que um quilombo, foi uma reunião de quilombos, era tratado ora como república, ora como reino, dada a sua importância, começou por volta de 1595 na Serra da Barriga, a sua luta durou um século inteiro. A população negra optou por uma data que tivesse um significado importante para o grupo: 20 de novembro - data da morte de Zumbi. Assim, o Dia da Consciência Negra no Brasil passou a homenagear a figura do líder do Quilombo dos Palmares. O dia de sua morte foi adotado como o dia de celebração da consciência negra. Após o período de sete anos, o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUDR) oficializou a data.

Segundo Petrônio Domingos (2007), o movimento negro era um grupo organizado que visava uma mudança social de um cenário onde os negros sofriam preconceitos e discriminações raciais, que os marginalizavam, excluindo-os do meio social, do mercado de trabalho, do meio cultural, do meio político e educacional. Esse grupo fazia uso do conceito da negritude em busca de uma identidade. O *Movimento Negro* passou por várias fases como uma virada histórica: as organizações de aproximação do poder, uma Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (SEPIR) e a Fundação Palmares.

Com isso, o movimento avança e traz consigo a política de cota nas universidades que foi de grande importância para os negros no país. Além disso, muitos grupos foram criados, como: *O Club 13 de Maio dos Homens Pretos* (1902), o *Centro Literário de Homens de Cor* (1903), *A Associação dos Brasileiros Pretos* (1917), etc., jornais como: *A Sentinela* (1920), *O Alfinete* (1918), *O Baluarte* (1903). Um outro agrupamento muito importante foi o *Teatro Experimental do Negro* (TEN), que teve como proposta inicial ser constituído apenas por atores negros, mas posteriormente foi modificado. Com o Estado Novo (1937-1945), houve repressão política que inviabilizou qualquer movimento contestatório. Mas com a queda da ditadura “vanguardista”, ressurgiu o *Movimento Negro* organizado que se amplia, criando uma série de outros grupos e jornais.

O golpe de 1964 representou uma derrota para os negros e o movimento negro entrou em refluxo, desmobilizando as lideranças negras. A reorganização política só aconteceu na década de 1970, no Rio de Janeiro, com o movimento *Soul*, o *Grupo Palmares* (1971), o *Instituto de Pesquisa das Culturas Negras* (IPCN), em 1976. O papel desses grupos e dos jornais, além de grandes meios de denúncia e resistência, também era o de construir um espaço para o negro na sociedade.

De acordo com Domingos (2007), o protesto negro contemporâneo se inspirou na luta a favor dos direitos civis dos negros estadunidenses, que tiveram os honrosos Martin Luther King, Malcom X, *Panteras Negras* e outras organizações negras marxistas. Influenciado por essas forças externas, o *Movimento Negro Unificado* (MNU) assume um discurso contra a discriminação racial, uma luta revolucionária e anticapitalista. O MNU foi um marco na história do protesto negro no Brasil, usou como estratégia combinar a luta do negro com a de todos os outros oprimidos pela sociedade. Contestavam a ordem social vigente e o negro tinha

poder pela primeira vez, Zumbi passa a ser um símbolo da resistência à opressão racial, a representar o povo negro.

Para os ativistas, “a luta continua”, reivindicavam visibilidade pública e passaram a utilizar com orgulho o termo negro, para designar todos os descendentes de africanos escravizados no país. Desde então, se busca as raízes africanas, a identificação das contribuições da cultura negra para a cultura brasileira e valorização da culinária de origem africana. Assim, através do seu dinamismo, o movimento negro consegue a elaboração e reelaboração de cada conjuntura histórica, utilizando diversas estratégias de luta a favor da integração do negro e de tentativa de eliminação do racismo na sociedade brasileira.

A partir da perspectiva da reescritura destacamos os trabalhos de Aline Vieira de Carvalho (2005), que se refere ao silenciamento sobre Palmares em relação a determinados conflitos e por isso, torna-se importante conhecer o acervo documental sobre ele, para que possamos conhecê-lo e divulgá-lo. As narrativas que surgem nesse contexto vão se alicerçando a novas hipóteses sobre a vida e a cultura desses quilombolas. São vozes que vão sendo abertas sobre Palmares, seu espírito humanista e de liberdade.

Seguimos com as colocações de Andressa Mercedes Barbosa dos Reis (2004) que faz uma observação sobre as discussões acerca da historiografia de Zumbi e de Palmares que em sua maioria, foram consultadas nos Institutos Históricos do Nordeste para que Palmares e, principalmente, Zumbi pudessem alcançar a notoriedade e publicidade atuais. A autora contribui ressaltando o destaque do tema na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB) com o interesse de rememorar os fatos de maior representatividade. Luciara Leite de Mendonça (2018) traz questões sobre as representações de Zumbi nos eixos heroicos e míticos. Traça observações de como ele era descrito e as questões de sua incorporação ligada à historiografia oficial, mas que acredita que, sem dúvidas, deve ser exaltado por toda sociedade. A historiografia demonstra que as imagens de Zumbi e do Quilombo variaram ao longo da história brasileira, houve uma periodização formulada para a historiografia, assim os períodos fornecidos foram:

“-1640 a 1837: período correspondente à caracterização do Quilombo dos Palmares como inimigo das armas coloniais, sendo que a imagem de Zumbi se encontrava diluída, porque não havia um

personagem específico com este nome, e sim o título honorífico de Quilombo.

-1838 a 1900: este marco inicia-se com a fundação do IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro) e marca o silenciamento de Palmares na história oficial do império. A tendência deste período foi relatar brevemente a história do Quilombo, em raras páginas de história geral do Brasil, de Alagoas e dos municípios alagoanos.

-1901 a 1947: devido ao trabalho de coleta e divulgação de documentos, foi possível aos autores de meados do século XX promoverem uma total reviravolta na historiografia palmarina; dedicando obras inteiras a respeito do Quilombo. Foi durante essas décadas que a personagem Zumbi surgiu para a história como o principal líder palmarino” (Mendonça, 2018, p. 22-23).

Zumbi dos Palmares ficou na memória histórica, se transformando em símbolos de resistência política e muitos autores já falavam na epopeia de Zumbi e a simbologia foi se estendendo, para um símbolo étnico e as interpretações culturalistas já estavam na imprensa negra que publicava vários textos e desdobramentos de vários estudos sobre o tema.

Na visão do autor Flávio dos Santos Gomes (2011), Palmares é um lugar que precisa ser sempre revisitado para que novas reflexões sejam feitas acerca do Quilombo e de seu líder Zumbi, visto que como enfatiza o autor, há muitos Zumbis, misturando passado e presente, que são transformados em heróis e mitos, e precisam ser revisitados continuamente nas histórias e nas memórias, não há como tentar aprendê-los de uma só vez. Torna-se necessário um diálogo entre os historiadores, o compartilhamento entre as visões que obtiveram ao trabalhar com os documentos sobre os quais se debruçaram, a fim de fazer comparações e contrastes, entre as possibilidades de versões dessas histórias, para que esse discurso que foi cristalizado como uma única verdade possa se transformar em um convite que permita a multiplicidade de versões sobre o tema e que cheguem até a Academia e aos leitores que quiserem se aprofundar sobre a história de Zumbi e do Quilombo de Palmares.

Os autores João José dos Reis e Flávio dos Santos Gomes juntos organizaram uma coletânea bastante numerosa e interessante sobre Zumbi e o Quilombo de Palmares intitulada *Liberdade por um fio: história dos Quilombos no Brasil* (1996). Os artigos contidos nesta obra fazem uma evocação dos tempos, trazem o passado para o presente dialogando com o futuro. Contribuem com muitas fontes inéditas. Propõem um esforço contra o esquecimento das memórias e das histórias. São textos que têm o objetivo de ensinar, de denunciar, de conchamar a

sociedade para refletir criticamente sobre a História do Brasil sob a justificativa de que o esquecimento.

Diante disso, acreditamos que seja necessário destacar os autores que demonstraram um compromisso político e que prezam pela revisão de práticas dissimuladas, de atitudes preconceituosas, racistas, lapsos e equívocos sobre um acontecimento importante da nossa história. Nessa linha optamos por agregar alguns escritores que não são necessariamente historiadores, mas são igualmente narradores da nossa história como é o caso do escritor Lázaro Ramos (2017) *Na minha pele* está escrita se encaixa na proposta de uma reescrita da história, quando pensa uma narrativa a partir da pele e da voz negra.

O autor além de narrar suas experiências como um ator negro, traz outras experiências negras apontando para necessidade de demarcação de lugar por parte da população negra, em todas as instâncias da sociedade brasileira. Ramos (2017) relata sobre vários convites para trabalhar como ator, mas preferiu não aceitar, pois “[...] *sonhava em ver a história negra contada de outra maneira [...]*” (Ramos, 2017, p. 98). Ele não queria viver um personagem de novela de época que repetia uma história de escravidão. “*Por isso, afirmava que não viveria um personagem [...]* calado, chicoteado, nem em fantasia erótica. *Piada? De fato, esse é um recurso muito usado em fugas, ou como defesa. Ou será ação política?*” (Ramos, 2017, p.98).

O autor escreveu, produziu, dirigiu, atuou em inúmeros longas, curtas, séries, novelas e filmes. Em tudo que se dedicou foi movido pelo desejo de discutir temas caros à sociedade contemporânea. Suas reflexões partem da necessidade de um olhar positivo em relação ao negro, ou seja, buscando a pluralidade cultural e racial. Além disso, enfatiza a importância de lidarmos com tudo que nos afeta e utilizarmos as armas mais eficazes que temos, abraçando as diferenças e lutando contra a perversidade, contra o preconceito e o racismo.

Quando se faz a escolha de ser um pesquisador, um escritor escolhe vislumbrar alguma luz capaz de fazer brilhar argumentos potentes, para instruir, instigar, convocar outros a participar de um exame de determinada história e da relevância de determinada temática ser pesquisada e trazida para o debate social de forma consistente. É interessante ressaltar que em diversos gêneros temos recebido contribuições a respeito de uma revisitação à imagem de Palmares e Zumbi, seja através de um historiador, um poeta, um escritor, ou um roteirista.

O que nos remete ao conceito de Quilombismo apresentado por Abdias do Nascimento em seu livro homônimo (1980). Segundo o autor, o Quilombismo seria uma forma associativa de agrupamento, que poderia estar localizada dentro dos espaços dos quilombos ou fora deles, importando mais sua função social para a comunidade negra. Para Nascimento, *“Com efeito, o quilombismo tem se revelado fator capaz de mobilizar disciplinadamente as massas negras por causa do profundo apelo psicossocial cujas raízes estão entranhadas na história, na cultura e na vivência dos afro-brasileiros”* (NASCIMENTO, 1980, p.256). O ideal quilombista permeia todos os níveis da vida negra, pois ele é um ideal forte que inspira as organizações social, afirma Nascimento (1980).

Portanto, as revisões históricas devem ser apresentadas com a finalidade de lutar contra o apagamento proposital desta história. Lutemos por um Zumbi presente. No decorrer da tese faremos apontamentos importantes e mais detalhados acerca do legado que Zumbi deixou para o povo brasileiro, suas sementes, tornando-se muito mais do que o Zumbi que conhecemos até agora. Nas obras de ficção dentro da literatura infantil e juvenil, encontramos diversas sementes germinadas por ele, em especial a resistência contra qualquer forma de opressão e luta pela liberdade.

3. AS INTERFACES ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA

“As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada” [...] (ADICHE, 2009, p. 10).

Neste capítulo, apresentamos as interfaces entre a História e a Literatura trazendo teorias que sustentam cada um desses discursos e suas possibilidades dialógicas. Como consta na citação de Adiche (2009) as histórias importam e a maneira como elas foram usadas também, por isso trouxemos alguns conceitos no sentido semântico e etimológico dos termos que estão sendo estudados na literatura e história. Apontando para os seus momentos de transitoriedade, pois as mudanças estão ligadas a questões diversas, tais quais de ordem social, histórica, cultural. Ou seja, ocorrem muitas transformações na maneira que os discursos são organizados à medida que o tempo passa. Assim, surgiram as narrativas com toda essa simbologia que elas carregam levando em conta o período em que elas foram construídas.

Acreditamos que é importante observar como os críticos, historiadores e literatos abordavam/abordam essa relação dialógica entre literatura e história. De que maneira tais críticos apresentaram o confronto entre as obras e como trazem a literatura, nessa elaboração do confronto e tudo o que forma seu contexto, pois está ligada a várias formas e expressões de arte o que possibilita os diversos diálogos intertextuais.

De acordo com Tania Franco Carvalhal (1986, p. 48) “o texto escuta as ‘vozes’ da história e não mais as representa como uma unidade, mas como um jogo de confrontações”. Optamos por um estudo comparatista, pois percebemos que dele extraímos novos pontos de contato, para o diálogo entre a Literatura e a História. A autora destaca que a tarefa da Literatura Comparada vai muito além da analogia e faz parte do pensamento do homem, para que organize sua cultura. A crítica literária, por exemplo, quando analisa uma obra, muitas vezes é levada a estabelecer confrontos com outras escritas de outros autores para elucidar e para fundamentar juízos de valor.

[...] “a comparação não é um método específico, mas um procedimento mental que favorece a generalização ou a

diferenciação. É um ato lógico-formal do pensar diferencial [processualmente indutivo] paralelo a uma atitude totalizadora [dedutiva]” (Carvalho, 1986, p. 7-8).

No decurso, o diálogo com outras áreas do conhecimento vai sendo acrescentados e validados possibilitando novas interpretações. Por conseguinte, fizemos comparações e contraposições citando alguns autores que discutem o tema. Em termos de teoria sobre a História, muitas questões são levantadas, como as que foram apontadas por Lourdes M. G. C. Feitosa (2014) em seu artigo *Teoria da História e a questão de gênero na Antiguidade Clássica* que compõe o livro *Narrar o passado, repensar a História* (2014), dos organizadores Margareth Rago e Renato Aloizio de Oliveira Gimenes: “*O que é História? De que maneira é produzido o conhecimento histórico? Quais são as discussões e debates colocados no meio acadêmico a respeito da representação da História?*” (Feitosa, 2014, p. 239).

De acordo com Antonio Paulo Benatte (2014) em seu artigo *História, Ciência, Escrita e Política*, o historiador é um narrador que conta os acontecimentos memoráveis do passado e registra fatos importantes para arquivar a memória da humanidade. O autor complementa ainda que:

“Até o século XVIII, e sem contradição com o ideal de discurso verdadeiro sobre o passado, o texto histórico confundia-se com o texto que hoje chamamos ‘literário’. O historiador sempre fora, desde a antiguidade clássica, um narrador. A história era concebida como um ramo da retórica e um gênero narrativo particular” (Benatte, 2014, p. 68).

Sabemos que as transformações históricas repercutem diretamente nas formas literárias, uma vez que a Literatura é uma arte que expressa esse produto histórico e o representa, espelha ou retrata uma realidade que está fora dela. A separação entre o histórico e o literário vai acontecer a partir do século XVIII, com a pretensão da história de se tornar ciência, assim sendo ocorre a cisão entre fato e ficção que é apresentado por alguns autores no século XIX.

Consequentemente, a literatura ficaria responsável por relatar a ficção e a historiografia responsável por relatar o fato. Mas sabemos atualmente que não é uma divisão absolutamente sustentável, já que não há fatos sem ficção dentro de uma narrativa. Quando algo é contado existe a aproximação entre a história e a

literatura, pois ambos são gêneros narrativos e dependem da linguagem, do seu uso e de suas formas para produzir sentido sobre os eventos humanos.

No artigo *Entre Narrativas Literárias e Históricas*, a autora Gabriela de Lima Grecco (2020) postula discussões importantes sobre as aproximações entre essas duas formas narrativas e destaca os frutos dessas aproximações. Observa que tanto a literatura quanto a história apreendem as realidades sociais e que ambas têm um percurso discursivo respeitável pela forma que representam a sociedade. O texto literário atualmente pode ser visto como fonte para a história, mas no passado apenas a essa área do conhecimento continha as fontes. Com essa mudança de pensamento, podemos pressupor que tanto a escrita histórica, como a escrita literária podem compartilhar um ambicioso projeto de compreender as realidades humanas, evidenciando a força das representações do passado propostas por esses dois diferentes discursos.

O historiador e o literato dispõem de artefatos distintos para apresentar suas narrativas e obedecem a formatos específicos, limites de como devem ser produzidos seus textos entre fato e ficção. No entanto, ambos representam o social e são escritos por ele. Muitas vezes se aproximam oportunizando reflexões sobre os acontecimentos sociais de pontos discursivos diferentes, o que oferece um enriquecimento cultural.

Nesse sentido, pode-se verificar que a aproximação entre história e literatura já tem um percurso respeitável, de modo que muitos historiadores reconhecem no texto literário a possibilidade de se trabalhar com discursos que, em grau variado, revelam o campo de produção simbólica de uma época. “Toda ação social é deduzida a partir de um sistema objetivo de representações que se encontra fora do alcance do ator social” (Grecco, 2020, p. 3).

Todavia, no decorrer de seu livro, a autora faz considerações que não poderíamos deixar de apresentar sobre como ocorreu a cisão entre a história e a literatura. Para isso, ela recorre ao século XIX, no qual a literatura seria considerada apenas ficcional e não ligada ao contexto. Apresentada com grande capacidade de oscilar entre os espaços da realidade e da fantasia. E a história já era percebida como imparcial, tinha como o objetivo narrar os grandes fatos nacionais de grandes heróis. Por isso, essas mudanças foram importantes, dado que a própria literatura comparada que nasce nesse mesmo período e tem com um

objetivo ressaltar não só as diferenças entre a literatura e a história, mas também os seus pontos de aproximação.

Na contemporaneidade, a relação entre história e literatura apresenta olhares intertextuais e essa relação passa a ser incluída num grande contexto de transformações teóricas, na qual se busca novos paradigmas de análise da realidade histórica. A aproximação entre os estudos entre essas áreas do conhecimento se amplia e conseqüentemente traz novas possibilidades interpretativas dos contextos narrados. Nesse sentido, os discursos, ao resgatarem temas históricos, operam seletivamente, assegurando esse novo olhar sobre os fatos, reinterpretando-os.

“Nessa perspectiva, os estudos na disciplina da História, através dos textos literários, estão assentados na ideia da literatura como um campo privilegiado para a investigação histórica, vista como valiosa fonte de análise, na medida em que possibilita um melhor entendimento relativo às representações construídas numa dada sociedade” (Grecco, 2000, p. 5).

A fim de discutir teorias que envolvem a história e a literatura não há como não recorrermos ao passado e ao mesmo tempo fazermos contrapontos com o presente, pois sabemos que no passado havia essa comparação entre objetividade e subjetividade perpassando pelos dois tipos de discursos. Assim, entendemos ao longo dos anos que narrando o passado, repensamos a história como disciplina, sendo responsável por manter viva nossa memória cultural e nossas tradições intelectuais.

A literatura enquanto uma expressão artística se dirige à imaginação e até aos sentidos, toma o homem como um todo, ilumina as suas ideias, os seus sentimentos, influenciando nas experiências tanto do indivíduo como da sociedade. Como salienta a escritora Adriana Facina (2004), em seu livro *Literatura e sociedade*, a literatura expressa as visões de mundo que são informadas pela história.

“Com base nessa ótica, pode-se dizer que a literatura não é espelho do mundo social, mas parte constitutiva desse mundo. Ela expressa visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais. Essas visões de mundo são informadas pela experiência histórica concreta desses grupos sociais que as formulam, mas são também elas mesmas construtoras dessa experiência” (Facina, 2004, p. 25).

As visões de mundo concebem a prática social desses indivíduos e dos grupos sociais aos quais eles pertencem, ou com os quais se relacionam. Portanto, analisar visões de mundo e ideias transformadas em textos literários supõe investigar as condições de sua produção, situando seus autores histórica e socialmente. Para o homem, é imprescindível, enquanto um ser social, a representação de tudo que o cerca desde os tempos mais remotos. A necessidade de fabular e contar histórias que falem de um povo, uma época e um grupo social. Facina (2004) afirma ainda que:

“Nessa perspectiva, faz pouco sentido afirmar coisas do tipo ‘tal escritor estava à frente de seu tempo’, pois ainda que não seja compreendida e admirada em sua época e só venha a ser consagrada posteriormente, toda criação literária é um produto histórico produzido uma sociedade específica, por um indivíduo inserido por meio de múltiplos pertencimentos” (Facina, 2004, p. 10).

De acordo com a interpretação da escritora, é preciso dessacralizar a criação literária e destacar a sua dimensão histórico-sociológica, enfatizar a perspectiva de que a Literatura, ou mesmo a arte, participam das atividades humanas. Seria de fato considerar a confecção literária como parte da dinâmica social que pode ser analisada racionalmente sem considerar nenhuma genialidade nessa produção. Seria um produto cultural confeccionado por artistas e intelectuais em seu trabalho.

Tanto a história escrita quanto a Literatura e a escrita literária devem ser pensadas ao mesmo tempo como um conceito, ou seja, como uma forma de conceber diferentes concepções de leitura, escrita e prática. Ambas, a historiografia e a literatura, têm suas formas de se inscrever nos textos. O dicionário *Oxford Languages*⁸ compreende duas definições de história: a primeira como um conjunto de conhecimentos relativos ao passado da humanidade e sua evolução, segundo o lugar, a época, o ponto de vista escolhido. E a segunda que apresenta a história como ciência que estuda eventos passados com referência a um povo, país, período ou indivíduo específico. No caso da literatura, a primeira seria o uso estético da linguagem escrita; arte literária. E a segunda seria o conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético, pertencentes a um país, época e gênero.

⁸ Dicionário online do Google (tradução nossa).

Em relação às questões etimológicas, Antônio Cardoso Filho (2003), em seu texto *A palavra “Literatura” e seu uso ao longo da História*, explica que a palavra “história” tem origem no idioma grego e origina-se do vocábulo “*hístōr*”, que significa “aprendizado”, “sábio”, fazendo referência ao conhecimento obtido a partir da investigação e do estudo. Já a palavra literatura origina-se do latim *littera*, -ae, que significa letra. *Litteratura*, -ae, por extensão, era a arte de escrever.

A literatura, segundo Cardoso Filho, encarrega-se de dar nomes às coisas, relacionar os sentidos das palavras e atribuir-lhes sentido, um saber que tem relação com a arte. Para reforçar as suas ideias, o autor vai agregando outros significados que falam um pouco mais sobre a beleza da literatura e como os que encontramos nos textos bem elaborados que reservam uma preocupação com a estética que era observada nas belas letras, nas cantigas, nas poesias, nos versos.

“Nas línguas europeias, o sentido de literatura era essencialmente igual ao sentido original latino: o saber e a ciência em geral, e quando se falava em ‘literatura’, ‘letras’ ou mesmo ‘letras humanas’ se queria significar com isso as várias formas de conhecimento tanto de poetas e oradores quanto de gramáticos, filósofos e matemáticos. No século XVII já se falava em ‘belas letras’. Mas, em resumo, pode-se dizer que até a primeira metade do século XVIII, para indicar o que hoje se chama ‘literatura’, falava-se em eloquência, poesia, verso” (Cardoso Filho, 2023, p. 25).

Observamos que para falar de literatura e história é preciso propor uma discussão sobre narrativas. Levantar questões sobre a forma como as narrativas apresentam os eventos narrados. A avaliação desse processo pode depender em alguns momentos, temos uma ou outra forma, ou ainda temos o momento em que estão em pleno diálogo. De acordo com Linda Hutcheon (1991), em *Poética do pós-modernismo*, tanto a história como a literatura são consideradas formas discursivas igualmente intertextuais, ademais, a autora problematiza a relação dessas formas de linguagem. Destaca que nas metaficções historiográficas é comum encontramos uma tentativa de instituir uma relação dialógica entre o presente e o passado.

A escritora aponta a necessidade de se conceber uma nova teoria que dê conta dos recentes produtos culturais, uma teoria não estável, mas aberta a inserções e apropriações diversas, assim como são compostas muitas das atuais produções, já que o próprio transcurso apresenta suas formas dicotômicas, portanto é necessário o olhar ex-cêntrico: para Hutcheon, “*ser ex-cêntrico, ficar na fronteira*

ou na margem, ficar dentro e, apesar disso, fora éter uma perspectiva diferente “[...] uma perspectiva que está sempre alterando seu foco porque não possui força centralizadora” (Hutcheon, 1998, p. 96).

De acordo com o pensamento *hutcheano*, as obras narrativas da estética do pós-modernismo têm como características recorrentes fazer referências a personagens e eventos históricos, ao próprio fazer literário como arte, como criação artística. Assim, a arte do pós-modernismo subverte o texto histórico, mas não o rejeita. Isso ocorre porque, a história não se tornou obsoleta: no entanto, ela está sendo repensada como uma criação humana. Contudo não deixa de destacar que a História começa textualmente pelo passado e vem fazendo o seu percurso até os dias atuais. A autora observa que o discurso histórico de acordo com a metaficção historiográfica serve-se das mentiras e verdades, da ficção e dos fatos. Trabalha o tempo todo com essa dicotomia. Conforme destaque a seguir:

[...] não podemos conhecer o passado, a não ser por meio de seus textos: seus documentos, suas evidências, até seus relatos de testemunhas oculares são textos. Até mesmo as instituições do passado, suas estruturas e práticas sociais, podem ser consideradas, em certo sentido, como textos sociais (Hutcheon, 1991, p. 34).

O historiador Michel de Certeau (1982), em seu livro *A escrita da História*, expõe o que seria a prática do fazer história de como ela conduz a sua atividade a partir do tempo e de um lugar social. De uma maneira interessante, argumenta que as práticas dessa confecção variam, não sendo estáticas e sempre há possibilidade de mudanças. E segue expondo que não é uma técnica única que rege esse fazer do historiador, mas uma multiplicidade que depende da forma como ele domina as tecnologias do seu ofício. Segundo Certeau,

[...]” O historiador não se contenta em traduzir de uma linguagem cultural para outra, quer dizer, produções sociais em objetos de história. Ele pode transformar em cultura os elementos que extrai de campos naturais. Desde a sua documentação (onde ele introduz pedras, sons, etc.) até o seu livro (onde plantas, micróbios, geleiras, adquirem o estatuto de objetos simbólicos), ele procede a um deslocamento da articulação natureza/ cultura” (Certeau, 1982, p. 79).

O autor segue com suas conclusões observando que o ofício de ser um historiador é algo plural, pois somos produtos de uma época e lugar e isso sofre

ajustes ao longo do tempo. A história é feita através de pesquisas, de junções, de reflexões sobre tudo que nos cerca o passado, políticas, morais, éticas estabelecendo relações subjetivas e objetivas. Logo é o historiador que faz esse recorte, de acordo com o seu olhar, e cada um tem sua própria historicidade. Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em 'documentos' certos objetos subdivididos de outras formas. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar estes, mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Isto consiste em 'desfigurar' as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto *a priori* (Certeau, 1982, p. 80).

Há também, como destaca o historiador, o lugar da técnica e da forma de escrita quando o presente reconstrói um passado. Ele narra o passado que subsiste em outros lugares e vai dialogando com as fontes narrativas e com as fontes reais. Entendendo que essa relatividade das fontes, do tempo e do lugar interfere no discurso literário da história, aliás, a cultura é algo que influencia no olhar:

“Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômica, política e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc.” (Certeau, 1982, p. 66).

As práticas feitas pela historiografia abrem espaço na sociedade para compreender a relação entre as possíveis realidades de tempo e espaço levando em consideração que essas atividades fazem parte do ser humano. Contudo, o autor destaca que em geral um historiador escreve para os seus pares, portanto parte de um lugar social e institucional, então a história se constitui num método em que aquele que escreve irá se basear.

O fazer história depende de muitas práticas e elas devem levar em conta as possibilidades, as interpretações mesmo quando se escreve para os seus semelhantes. Há o lugar da Ciência, da técnica dos modelos, das representações, mas também há o lugar das ideias. Sendo o mais importante de tudo que foi elencando levantar a questão: como a história funciona dentro da sociedade?

O historiador Hyden White (1992), em seu livro *Meta-História: A imaginação da História no século XIX*, pode, em certa maneira, responder a questão levantada sobre o funcionamento da sociedade quando destaca que a função do historiador é

explicar o passado, descobrir as histórias, ou seja, as invenções que existem em modalidades diferentes de textos, mas que, para chegar a explicar, é necessário desenterrar e ir a fundo em cada texto, pois o próprio historiador não poderia usar a sua criatividade para criá-las. Só lhe cabe de fato as explicações. O historiador, portanto, não deixa de ser um “inventor de histórias:

“Diz-se às vezes que o objetivo do historiador é explicar o passado através do ‘achado’, da ‘identificação’ ou ‘descoberta’ das ‘estórias’ que jazem enterradas nas crônicas; e que a diferença entre ‘história’ e ‘ficção’ reside no fato de que o historiador ‘acha’ suas estórias, ao passo que o ficcionista ‘inventa’ as suas. Essa concepção da tarefa do historiador, porém, obscurece o grau de ‘invenção’ que também desempenha um papel nas operações do historiador” (White, 1992, p. 22).

Ao contrário de outros analistas da escrita histórica, White (1992) supõe que a meta-história consiste em utilizar explicitamente os conceitos teóricos para dar as suas narrativas o aspecto de uma explicação. Além disso, cita três tipos de estratégias que podem ser utilizadas pelos historiadores a fim de alcançarem condições para o seu trabalho com as explicações que ele nomeia de impressão explicativa:

“Chamo, a essas estratégias, explicação por argumentação formal, explicação por elaboração de enredo e explicação por implicação ideológica. Dentro de cada uma dessas diferentes estratégias identifico quatro possíveis modos de articulação pelos quais pode o historiador alcançar uma impressão explicativa de tipo específico. Para os argumentos há os modos do formismo, do organicismo, do mecanicismo e do contextualismo; para as elaborações de enredo há os arquétipos da estória romanesca, da comédia, da tragédia e da sátira; e para a implicação ideológica há as táticas do anarquismo, do conservantismo, do radicalismo e do liberalismo”.

Em outro livro *Trópicos do discurso* (1994), White fala sobre os dados históricos e a questão da manipulação desses dados. Para o historiador o ideal fosse encontrar o equilíbrio entre a história como ciência e como arte simultaneamente. E cita duas afirmações a respeito dos historiadores nesse sentido:

“Os historiadores afirmam as vezes que somente na história que a arte se mantém numa síntese harmoniosa. Segundo essa

concepção, o historiador não é apenas um mediador entre o passado e o presente; tem igualmente a tarefa de reunir dois modos de compreensão do mundo que costumeiramente estariam invariavelmente separados” (White, 1994, p. 40).

A citação corrobora para a explicação de que há muito da arte na história, de literatura na história e de que essa separação proposta no século XIX não faz muito sentido para os intelectuais que pensam sobre o tema na atualidade. Tais lacunas discursivas foram sendo diminuídas e no lugar as aproximações foram se tornando mais relevantes para os estudos contemporâneos, os historiadores podem ser mediadores entre o passado e o presente, mostrando o diálogo entre eles.

“O que se costuma denominar a ‘preparação’ do historiador consiste, na maioria dos casos, no estudo de algumas línguas, em estágio nos arquivos e no cumprimento de alguns exercícios destinados a familiarizá-lo com trabalhos de referência comuns e periódicos ligados ao seu campo” (White, 1994, p. 53).

Walter Benjamin foi um dos críticos literários que tinha uma visão inclinada para arte e grande preocupação com a estrutura social. Ele percebia a literatura e a arte como algo inseparável. Foi considerado um crítico revolucionário inclassificável e por isso recorremos à obra *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio - uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”* escrita por Michael Löwy (2005). A obra, de uma forma geral, retrata a literatura e a história sempre de forma dialógica com outras áreas.

“Os escritos sobre arte e literatura podem ser compreendidos somente em relação a essa visão de conjunto que os ilumina a partir de dentro. Sua reflexão constitui um todo no qual arte, história, cultura, política, literatura e teologia são inseparáveis” (Löwy, 2005, p. 14)

Com relação aos escritos da história, o autor considera que são para além de relatos. Inspirava-se em fontes messiânicas e marxistas, utilizando a nostalgia do passado como método revolucionário de crítica do presente.

“Seu pensamento não é, então, nem ‘moderno’ [no sentido habermasiano] nem ‘pós-moderno’ [no sentido de Lyotard], mas consiste, sobretudo em uma crítica modernidade

[capitalista/industrial], inspirada em referências culturais e históricas pré-capitalistas” (Löwy, 2005, p. 15).

Segundo Löwy (2005), o objetivo de Benjamin era aprofundar e radicalizar a oposição entre o marxismo e as filosofias burguesas da história, destacar seu potencial revolucionário e elevar seu conteúdo crítico. As suas ideias propunham uma revolução que ia contra a corrente que seguia com a história oficial destacando a situação dos oprimidos enfatizando assim, seu viés político de revolução efetiva. Defendia a revolução histórica como um processo aberto visando uma ação ética social e política. Preocupando-se com que a documentação seja situada no seu contexto histórico, atenta-se, portanto, com o ponto de vista do oprimido.

Para finalizar, é de grande relevância destacar a dimensão universal das proposições feitas pelo autor, pois ele tentava compreender a história das minorias “[...] – “ *do ponto de vista dos vencidos*” - não só a história das classes oprimidas, mas também a das mulheres – a metade da humanidade – [...]” (Löwy, 2005, p. 39).

Dentre o grupo de historiadores que tem um pensamento reflexivo e discute também o pensamento sobre o fazer histórico e literário destacamos o historiador Durval Albuquerque Júnior (2019), com seu livro *O Tecelão dos Tempos*, que nos convida a refletir sobre a escrita da história e inventar novos usos e sentidos para o passado. Essa sua obra assemelha-se a um manifesto, um ponto de partida para os historiadores repensarem a sua prática e certos convencionalismos que marcam a tradição historiográfica, já que a história está em constante transformação, por isso, certas tendências foram sendo esquecidas com o tempo e outras surgiram para formular novas maneiras de produzir histórias. Nas palavras de Albuquerque,

[...] “a história nasce como este trabalho artesanal, paciente, meticuloso, diuturno, solitário, infundável que se faz sobre os restos, sobre os rastros, sobre os monumentos que nos legaram os homens que nos antecederam que, como esfinges, pedem deciframento, solicitam compreensão e sentido” (Albuquerque, 2019, p.30).

A citação anterior é uma boa descrição de como esses textos se entrelaçam. O estilo narrativo que foi preterido pela historiografia por muito tempo, em especial, no Brasil, porém o trabalho artesanal intrinsecamente, sendo um convite para o

diálogo com outras possibilidades narrativas. A força da escrita, da palavra por si mesmo, sua dimensão estética tem a capacidade de afetar e tocar os leitores desse trabalho do afeto a literatura desempenha muito bem, enquanto a historiografia pode ser simplesmente uma narrativa com pretensão de ser e mostrar apenas o real, objetiva, assim, já cumpre as suas finalidades. Para o autor, a historiografia não precisa ter a pretensão de mobilizar as pessoas, mas a literatura já pretende tocar o leitor, chamar a atenção, emocionar, comocionar, o que é movimento interno que o leva para dentro da história.

À medida que vamos trazendo as peculiaridades de cada um desses discursos, somos levados também a fazer discussões conceituais. Entendemos que muitos críticos se baseiam nas observações de que a história tem como base para o seu trabalho o fato e os documentos. E que a literatura por utilizar esse formato de afeto que citamos anteriormente usa sua história, suas estéticas, suas tramas para capturar seu público.

Contudo não podemos deixar de mencionar que a literatura tem um grande potencial para pensar a realidade e a vida humana. A mesma traz enredos das suas narrativas para a sociedade que são, de certa forma, mais bem recepcionadas pelos leitores, pois com seus textos que passam por adaptações tais como: inspirações para filmes, novelas, peças teatrais e outros.

3.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA

Como discutido anteriormente, a literatura tem característica de afetar o ser humano e fazer com que ele reflita sobre o mundo que o cerca. Para o sociólogo Antônio Candido (1995), em seu ensaio *O direito à Literatura*, a literatura é vista como um direito essencial que tem o poder de nos levar à efabulação, de formar e informar. É através da arte literária que o homem se humaniza, aprende o essencial para a sua vida, conhece a complexidade do mundo e dos seres. Portanto, torna-se capaz de refletir sobre os problemas e as emoções:

“Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a cota de humanidade na medida em que nos torna mais

compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 1995, p.249).

Para o homem, é imprescindível enquanto um ser social a representação do que o cerca, desde os tempos mais remotos possíveis. A necessidade de fabular e contar histórias que falem de um povo, uma época e um grupo social, surgindo as narrativas com toda essa simbologia que carregam. Houve um momento em que o texto era interpretado por si só, sem levar em conta o tempo e o espaço em que foi construído. O autor se valia do real para construir na obra um cenário possível, partindo de contos banais, até os mais complexos.

As narrativas vão transmitindo uma visão do mundo por meio de representações individuais e coletivas que permitem ao leitor transcender a situação imediata e usar a sua sensibilidade para ver a representação de si e da humanidade de formas distintas.

Tomemos os três elementos fundamentais da comunicação artística: autor, obra, público e vejamos sucessivamente como a sociedade define a posição e o papel do artista; como a obra depende dos recursos técnicos para incorporar os valores propostos; como se configuram os públicos. Tudo isso interessa na medida em que esclarece a produção artística, e, embora nos ocupemos aqui principalmente com um dos sentidos da relação (sociedade-arte), faremos as referências necessárias para que se perceba a importância do outro (arte-sociedade). Candido (2006) reflete que *“Com efeito, a atividade do artista estimula a diferenciação de grupos; a criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva; as obras delimitam e organizam o público”* (Candido, 2006, p. 33).

O autor destaca, em sua obra *Literatura e Sociedade*, que a Literatura deriva de um sistema simbólico e de representações sociais. E que a magnitude de uma obra depende da forma como ela representa a realidade, se cumpre sua função social com sensibilidade e inteligência.

“A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem em a um momento determinado e a um determinado lugar” (Candido, 2006, p. 53).

As obras que de fato transcendem o lugar e o tempo possuem um valor universal para a sociedade. São obras que se deslocam sempre fazendo sentido, para o leitor e são capazes de trazer para esse leitor experiências peculiares que combinam o estrutural com o social. Expõem informações importantes, são capazes de causar emoção, apresentar valores sociais e valores culturais, ou seja “[...] a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo [...]” (Candido, 2006, p. 64).

A respeito do tema representação que Candido (2006) aborda, trazemos para dialogar com ele o escritor Roger Chartier em seu livro *A História Cultural* (1990) que também fala sobre o assunto, porém de forma mais profunda, pois já discute o conceito de representação como variabilidade e da pluralidade de compreensões, e incompreensões do mundo social e natural.

[...] “o conceito de representação é a de variabilidade e da pluralidade de compreensões (e incompreensões) do mundo social e natural. [...] As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe [...] a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (Chartier, 1990, p. 2).

Esse movimento da História Cultural tem como objetivo destacar as manifestações populares, os ritos e símbolos, vistos como expressões legítimas de uma dada consciência das sociedades humanas. Percebe as representações, para além do que estava sendo dito - como escolhas extremamente significativas, já que são a partir destas representações que as sociedades podem observar a realidade e definir as suas existências.

À medida que as obras espelham a sociedade e impactam essa sociedade deve haver uma reação a estas. É interessante pensar na sua função social e política e, também, na ideologia que elas trazem. Sem a literatura, a sociedade não teria o equilíbrio e a integração, pois há em todo texto literário um caráter humanizador.

Literatura e leitura estão intimamente conectadas, precisamos saber ler para chegar à literatura, algo que é fundamental para a construção de uma sociedade democrática. Ela é a possibilidade de imaginação para que possamos criar mundos diferentes. Estar diante de um texto literário é como abrir um leque que permite a toda pessoa conhecer outros lugares, formas de pensar, vivenciar coisas que talvez

jamais poderíamos. Quando fazemos o exercício de fabular, podemos criar algo diferente da realidade, sonhar e transformar. E segundo Candido (1995), é a capacidade de fabular de poder imaginar uma sociedade diferente da que temos e atualmente estamos vivendo um tempo em que essa habilidade se tornou escassa. Esse tempo atual de ausência de imaginação.

3.2 A HISTÓRIA NA LITERATURA

A história e a literatura como conseguimos observar se entrelaçam. Apesar de criações, recriações, interpretações, as narrativas contemplam o discurso historiográfico em suas ficções. Nesse subcapítulo, trouxemos obras que fazem uma reescritura da história sobre Zumbi e o Quilombo de Palmares. Algumas mantêm muito da história oficial e outras, para além da história, já trazem alguns acréscimos em suas ficções.

Uma das grandes discussões que são travadas até hoje a respeito da escravidão é a questão de um ser humano ser considerado um objeto e por isso aquele que fosse o seu proprietário poderia tratá-lo como tal. O historiador Sidney Chalhoub (1990), especialista nessa temática, em *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*, explica que no período da escravidão, a coisificação era considerado algo comum.

O escravizado não tinha direito nenhum. Não podiam ter sentimentos pelos seus familiares, eram marcados a ferro, tratados de fato como seres irracionais e inferiores. “*O problema da coisificação dos escravos ganha então uma dimensão bem mais abrangente. A definição legal do escravo como ‘coisa’ se transforma também numa condição social [...]*” (Chalhoub, 1990, p. 36-37). O historiador endossa que os proprietários lidavam com os escravizados como quem lidava com o gado. Destaca que o tratamento dado a estes cativos “*era em vários aspectos idêntico ao dado às bestas*” (Chalhoub, 1990, p. 36-37).

Nas versões ficcionais também foram apresentadas a problematização do negro que era escravizado ser considerado um objeto e ser tratado como gado. Como podemos observar em Caruso (2005) “*recebiam como castigo as muitas chibatadas e muitas vezes nem sobreviviam a elas. - Uma, duas, três, quatro, cinco-*

um negro ao lado estava escalado para contar o número de chibatadas” (Caruso, 2005, p. 13).

Esse diálogo ficcional que confirma a história inserida na literatura perpassa por muitas narrativas como no livro de Sônia Rosa (2016), *Zum zum Zumbiiiiiiii*, cuja narrativa traz a história de Zumbi a partir do feriado de 20 de novembro, momento em que a mãe prepara um bolo e vai narrando toda a história para o seu filho. Ela explica que Zumbi *“viveu num tempo em que alguns homens sem coração escravizavam outros homens. Os escravizados eram pessoas de pele negra. Muitos eram africanos ou filhos de africanos”* (Rosa, 2016, p. 9).

A escritora Janaína Amado (2014), em seu livro *Zumbi, o menino que nasceu e morreu livre*, retrata a liberdade de Zumbi como ele desfrutou dela, o momento em que foi capturado e sua fuga para retornar para o seu povo e lutar pela liberdade como líder do Quilombo de Palmares. Há nessa narrativa uma passagem que também retrata a situação do negro como objeto. A história ficcional contextualiza a situação de os negros terem sido trazidos da África. *“Eles eram caçados como bichos na África, acorrentados e jogados em navios apertados e imundos”* (Amado, 2014, p. 2). Depois, no Brasil, passavam por outra situação horrível, pois *“eram vendidos como se fossem coisas, mercadorias, e obrigados a trabalhar para os seus donos, os senhores brancos”* (Amado, 2014, p. 2).

Como conseguimos observar, há na literatura, um entrecruzamento dos discursos históricos e ficcionais. Estamos exatamente entre a objetividade e a subjetividade. O fato e a ficção representando o mesmo episódio histórico que passou por pesquisas, cruzamentos de fontes e transformaram suas perspectivas em textos. Em muitos momentos podemos destacar esses encontros, como por exemplo, a discussão sobre o nome Zumbi, seu significado inserido no livro *Zumbi assombra quem?* de Allan da Rosa (2017).

Certamente é uma das obras instigantes da presente tese, por trazer os fatos oficiais da história, mas também, as suas contradições no decorrer da narrativa. Há como nas outras obras muitos pontos de encontro, assim como há vários pontos para discussões críticas envolvendo os desencontros que serão discutidos posteriormente. O livro de Rosa retrata uma família afro-brasileira que ajuda o menino Candê a conhecer sua história, seu passado e seus ancestrais, e a se construir enquanto sujeito e como lidar com as pessoas no seu cotidiano escolar.

A família narra acontecimentos que envolvem Zumbi e o Quilombo dos Palmares, pouco a pouco, por meio de detalhes, revela-se muitas experiências vividas pelos negros. Através de uma releitura, é possível fazer uma reescrita da história salvando-a do esquecimento. Nesse processo de ressignificação e reconstrução da história afro-brasileira, a narrativa também apresenta em suas tramas uma questão recorrente sobre o significado do nome Zumbi e o porquê das analogias pejorativas atribuídas a ele. Como exemplifica o trecho:

[...] o que é Zumbi mesmo então, sô? Dizem até que vem dos infernos debaixo da terra.

- Chamam esses de Zumbi porque decretaram que a língua, o cabelo e a respiração negra era assim, corpo de maldade. E maldade seria domínio pra baixo da terra [...]

- É a terra das rochinhas, das minhocas e das raízes se enrolando por baixo da terra, Candê. Das águas que vem com frescor pra nossa sede. E do fundo do chão vem a força que tu usas pra pular. Vem do chão e do sol que te coroa.

- Por que tanto chamam Zumbi de demônio, então, tio?

- Por que ele era a dor de cabeça dos que tinham chicote na ponta da cruz da caneta, sabem que dizem que ele aprendeu a ler com um padre, pra balançar a palavra deitada no papel e inflar a letra com estratégias? [...] dizem que ele lia sonhos também [...] lia os passos, lia o que arfava subindo e descendo no peito das pessoas e o que vibrava na garganta (Rosa, 2017, p. 34-35).

O texto literário explica que o nome dado a Zumbi pode ter sido pelo mistério que ele causava em seus inimigos. Ele era visto como algo pertencente à maldade, por que ele passou a ser um problema com as estratégias que criava para liderar o quilombo dos Palmares e enfrentar seus opositores. Dentro da história oficial temos o texto de Rômulo Luiz Xavier Nascimento, *Palmares: escravos contra o poder colonial* (2014), que traz a explicação sobre o nome Zumbi:

“O nome Zumbi poderia ainda estar atrelado a região do antigo Congo a partir do século XVI, quando os vocábulos similares como Nzumbi, Zambem e zumbi passaram a designar, graças às missões cristãs, o rei de Portugal ou o Deus dos cristãos. No entanto, entre os quilombolas zumbi não desfrutou do status de divindade ou coisa parecida. O respeito dos palmarinos por ele veio da habilidade para a guerra, ou seja, o fato de ser um líder militar estrategista”. (Nascimento, 2014, p. 64).

Além da origem do nome no texto de Nascimento (2014) encontramos a confirmação das habilidades para a guerra que Zumbi possuía e, também, seu *status* de um grande líder e estrategista militar que resistiu a muitas tropas inimigas.

O historiador Décio Freitas (1982), em seu livro *Palmares: a guerra dos escravos* traz igualmente uma contribuição acerca da origem do nome de Zumbi dos Palmares que ele encontrou em suas pesquisas nos documentos portugueses “o nome do caudilho negro aparece como Zumbi ou Zambi, mas a primeira grafia é mais frequente e se acha consagrada pelo uso” (Freitas, 1982, p. 126). O autor discute contribuições trazidas por cronistas que definem o nome de Zumbi como o deus da guerra, mas ele discorda argumentando que o que consta na mitologia africana:

[...] “é uma divindade suprema chamada Nanzambi [Nayambi, Nayame] a qual segundo Bauman, se cultuava na parte ocidental do norte congolês e foi a partir do século XVI largamente difundida por missões cristãos sendo com o tempo adotado pelos Ngalas os Sokos do Congo Médio, bem pelos Fãs e seus vizinhos do sul do Camarão” (Freitas, 1982, p. 126).

Freitas (1982) destaca que em Angola, *Zombi* (Nzumbi) significava defunto. Portanto, dialoga com o texto literário de Rosa (2017) que fala da questão de Zumbi ser chamado de defunto com poderes de ler sonhos e deixar as pessoas amedrontadas. De acordo com sua pesquisa, entende que por isso, não seria impossível que os palmarinos vissem Zumbi dessa forma, um general com poderes de uma encarnação divina.

O historiador Edison Carneiro (2011), em seu livro *O quilombo dos Palmares*, perpassa por contribuições de muitos outros escritores. Ele menciona muitos nomes e detalha essas contribuições que foram determinantes para a execução de sua obra. Faz um percurso detalhado desde a formação do Quilombo de Palmares, sua repercussão e o movimento de fuga dos negros para o local .

Esse movimento de fuga “era, em si mesmo, uma negação da sociedade oficial, que oprimia os negros escravos, eliminando, sua língua, sua religião, seus estilos de vida” (Carneiro, 2011, p.). Na ficção, Fernando Paixão (2009), com o livro de cordel *Zumbi dos Palmares*, mostra o início do movimento que se nomeou como “Quilombagem”. Era uma constelação de movimentos e de protestos, uma espécie de insurreição contra o regime escravista em prol da libertação, pois o negro

já tinha uma longa história sobre resistência, revoltas, fugas e chegar aos quilombos era um momento de glória.

*“O negro enquanto cativo
Sonhava com a liberdade,
No quilombo ele buscava
Representatividade;
Movimento radical
De muita expressividade”*
(Paixão, 2009, p. 15).

Outra contribuição acerca desse tema do Quilombo dos Palmares é a obra *Zumbi* (2009), uma epopeia de Zumbi dos Palmares escrita pelo jornalista e poeta Jonathas Wagner e pelo historiador Ramatis Jacino. O livro é um cordel e conta a vida do líder negro, considerando-o como símbolo da resistência, contra a escravidão. A narrativa parte do seu nascimento e vai até o seu retorno para o quilombo narrando suas lutas e glórias. Temos um exemplo que dialoga com a narrativa anterior sobre o tema discutido.

*“Palmares era uma fortaleza
Como ele jamais vira igual:
Mais de cinco quilômetros tinha
O seu muro principal
Formado de pedra e de madeira
Apresentava uma imensa porteira
De uma altura abissal”*
(Wagner; Jacino, 2009, p. 61).

Antes de Zumbi se tornar o líder do Quilombo de Palmares quem chefiava o quilombo era Ganga Zumba, também conhecido como Gana Zumba, em algumas versões que contestam que a transcrição do nome foi feita de forma errada. A historiadora Silvia Hunold Lara (2022) já traz essa atualização em seu livro *Palmares e Cucaú: o aprendizado da dominação*. A autora já faz as alterações, pois sua pesquisa, além de ser um trabalho de longa data, tem muita experiência com o tema, portanto sempre destaca a necessidade de que todo historiador precisa trabalhar com exercício analítico das fontes e não se deixar levar pelas repetições acríticas.

O personagem em destaque é apresentado pelos historiadores de formas diferentes. Freitas (1982) relata que Ganga Zumba era aquele a quem todos obedeciam, era o senhor de todos, o rei de Palmares. “*O primeiro grande chefe de que se tem notícia chama-se Ganga Zumba*” (Freitas, 1982, p. 102). Sobre esse líder, de acordo com o historiador, nasceu em Palmares e teve numerosos netos. Sobre o seu ofício, o historiador afirma que:

“Não há divergências de fontes contra o fato de que o grande chefe era eleito. O que não está bem esclarecido é que se o mandato tinha duração limitada ou se era vitalício impõe-se frisar que a autoridade do grande chefe não provinha de funções mágicas ou religiosas, inseparáveis da autoridade política em tantas partes da África”. (Freitas, 1982, p. 103).

O livro de Maria Julia Maltese (2021), *Dandara e Zumbi* pretende ser uma biografia dessas duas personalidades negras que segundo a autora marcaram a época e se tornaram uma inspiração e exemplo para novas gerações. O trecho que descreve Ganga Zumba apresenta-o como em outras narrativas como o tio de Zumbi. “*Seu tio era Ganga Zumba, um dos grandes líderes de Palmares. Ele administrava os mocambos e comandava a resistência de inúmeras expedições que marchavam contra Palmares para destruí-lo*” (Maltese, 2021, p. 81). Nota-se que na ficção de Caruso (2005), Ganga Zumba é o chefe supremo das terras dos Palmares e comandava os outros chefes. Sua fama era de quem aprendia tudo com facilidade e agilidade, morando na casa grande com a sua família e sendo servido por todos.

“Era Ganga Zumba, descendente de africanos da nação de Allanda. Os negros dessa nação em geral eram muito altos e robustos. Inteligentes, tinham uma civilização avançada em relação aos demais grupos étnicos e africanos. Tradição de um forte exército e talentoso artístico” (Caruso, 2005, p. 40).

O escritor Luiz Galdino (2006), no livro *Palmares*, confirma as descrições tanto de Freitas (1982) como de Caruso (2005) que esse líder tinha uma postura inconfundível “*Bastava olhar para um homem bem grandalhão falando pausado para saber que se tratava de Ganga Zumba, que acabava de retornar à aldeia*” (Galdino, 2006, p. 8). Vestia-se muito bem apresentado de tecidos e peles de animais e sentava-se num trono coberto com pele de onça, agia com respeito e sem alterar a

voz quando falava com seus súditos. Dialogando com Galdino (2006), Paixão (2009) destaca que Ganga Zumba foi o primeiro líder dos negros em Palmares e em sua ficção destaca que era tio de Zumbi dos Palmares que também foi um líder guerreiro. O nome Ganga Zumba significa o grande senhor, homem de um físico avantajado com uma força superior.

*“Ganga Zumba chefiou
Duas batalhas cruéis:
Contra o vil Fernão Carrilho
Que cumprindo seus papéis
Derrotou o grande líder
E seus guerreiros fiéis”
(Paixão, 2009, p. 27).*

Tanto na história quanto na ficção temos sempre o registro de um acordo importante chamado o acordo de Cucaú. A questão deste acordo inclusive tem a ver com a maneira que termina o reinado de Ganga Zumba, pois em função de ser aceito, os textos começam a trazer Zumbi assumindo o posto de Ganga Zumba. Além disso, há divergências quanto a maneira que esse episódio é narrado tanto pelo discurso histórico quanto literário, porém, esse tema é relevante para todos, pois de alguma maneira está inserido na grande maioria das obras. Algumas se estendem um pouco mais trazendo detalhes e outras retratam de maneira mais curta.

Decidimos trazer novamente Silvia Hunold Lara (2021) e seu livro *Guerra contra Palmares: o manuscrito de 1678*. O livro traz uma pesquisa de fôlego sobre Palmares que apresenta documentos que já mencionam os mocambos desde o início do século XVII. Essas cercas foram aumentando em quantidade de pessoas e espaço físico com o tempo. Palmares de acordo com os autores foi um assentamento de fugitivos da história da escravidão no Brasil “Ele foi o mais duradouro, extenso e importante” (Lara, 2021, p. 9).

O documento é conhecido pelo título *Relação das guerras feitas aos Palmares de Pernambuco* e é a principal fonte utilizada pelos que tratam e retratam essa história. É um documento bem detalhado e descreve interna e externamente os mocambos e as expedições enviadas contra eles.

“O relato detalha especialmente a atuação do governador dom Pedro de Almeida e as campanhas lideradas por Manoel Lopes (em 1675) e

Fernão Carrilho (em 1677-78), que destruíram muitas cercas e aprisionaram mais de duzentas pessoas, incluindo vários parentes dos que então governavam os mocambos. A narrativa termina com as comemorações pela vitória obtida e as negociações entre uma embaixada dos Palmares e o governo de Pernambuco que resultam em um acordo de paz, em junho de 1678” (Lara, 2021, p. 10).

Os negros dos Palmares receberam um papel em 22 junho de 1678. O documento foi enviado em nome do príncipe de Portugal a Ganga Zumba, concedendo perdão caso ele aceitasse ir com a sua família e os outros negros nascidos em Palmares para que ele fosse morar nas aldeias de Cucaú e seriam todos alforriados.

“Em nome do Príncipe de Portugal meu vosso senhor vos remeto a vos Gana Zumbâ o bem da liberdade e perdão de viverdes há tantos anos fora da nossa obediência, e por mandardes todos vossos filhos e família e lançar a meus pés e pedir perdão da obediência, a que até agora faltastes vos concedo o que por este papel vos prometo, no que não haverá a menor dúvida, tendo por mui firme que também da vossa parte vos não faltareis ao que vossos filhos me vieram pedir e segurar” (Lara, 2021, p. 176).

A citação faz parte desse documento que propôs o acordo enviado ao chefe guerreiro de Palmares, Ganga Zumba. Esse momento histórico foi para os palmarinos um momento de muitas divergências e desentendimentos. Além de tudo, o prazo para tal decisão deveria ocorrer em trinta dias. O acordo foi interpretado por muitos historiadores e literatos de formas diferentes.

Alguns acreditavam que poderia ser da parte do rei negro uma maneira de buscar a paz e segurança para o seu povo e outros que como rei ele não tinha uma visão que contemplasse a liberdade de todos e não seria justo. Como vimos, esse acordo foi documentado e estudado pela história e pela literatura. Destacamos na literatura alguns trechos dessa história nas histórias literárias, para constatar o tamanho da repercussão que esse acordo causou na história do Quilombo dos Palmares.

De acordo com Maltese (2021), Ganga Zumba aceitou o acordo que chamaram de tratado de paz e partiu para Cucaú com os palmarinos, mas que se frustrou ao ver que não era o que ele acreditava que seria.

“Ganga-Zumba aceitou o tratado de paz e partiu para Cucaú com uma pequena parcela da população de Palmares. Dizem que o que deveria ser o paraíso se tornou uma prisão ao ar livre, cercada de

vigilância e hostilidade. Em pouco tempo ele viu suas expectativas frustradas e, em 1680, morreu envenenado” (Maltese, 2021, p. 21).

Já na versão de Edvaldo Arlégo (2017), *Zumbi dos Palmares*, que retrata especialmente as condições desumanas em que viviam os negros quando escravizados, suas insatisfações e a procura por Palmares em função da luta pela liberdade. O autor observa que Ganga Zumba pensa nos prós e contras, mas decide mandar seus filhos e mais alguns palmarinos para assinarem o acordo, o tratado de paz com o governador Pedro Almeida. *“No Recife assinaram o tratado de paz entre os negros e lusos, com celebrações religiosas em Olinda e no quilombo. Parecia que tudo serenava. Puseram fim à guerra. Triste engano” (Arlégo, 2017, p. 37).*

Em *Zumbi dos Palmares: o rei negro do Brasil*, José Carlos Barbosa (2003) tenta resumir a história sobre Zumbi dos Palmares que ele nomeia de rei negro. Sua narrativa é breve, mas tem como intenção principal mostrar o heroísmo de Zumbi. Em relação ao acordo feito pelo Governador Pedro Almeida e Ganga Zumba.

“Diante das perdas sofridas pelos palmarinos, o governador começou a tratar o que restava do quilombo com certa benignidade e compreensão. Integrado na colônia, os negros poderiam construir em Palmares um novo reduto português - dizia ele - e seus mocambos ganhariam condições de vida colonial. Ganga Zumba pensou nas propostas do governador, enquanto revia os muitos combates já travados, as dificuldades de conseguir armas de fogo e, ao lado disso, a possibilidade de viver em paz, aumentar as plantações e ter toda a sua gente reconhecida como livre” (Barbosa, 2003, p. 27-28).

A escritora Madu Costa (2013), em seu cordel *Zumbi dos Palmares*, traz o episódio do tratado entre Ganga Zumba e o governador, destacando que no processo do acordo, o líder do quilombo ficou empolgado com a possibilidade da paz. Porém, foi traído, envenenado e morto. Acusaram Zumbi de sua morte o qual prosseguiu com guerra, pois queria ser livre junto com todos os outros palmarinos e o que havia sido combinado com Ganga Zumba pelo governador não foi cumprido.

*“Humilharam Ganga Zumba
E com o veneno ele morreu.
Zumbi foi acusado
Da morte de Ganga Rei.
Nas lutas por liberdade,
Zumbi procurava a lei”
(Costa, 2013, p. 16).*

A todo tempo que lemos as narrativas sobre Palmares nos deparamos com o nome de Domingos Jorge Velho. De acordo com o Conselho Ultramarino, Jorge Velho foi o responsável pela destruição de Palmares que aconteceu em 1695. Foi concedido a ele, pelo rei, o posto de mestre-de-campo. Ele recebeu esse posto pela conquista de Palmares, já que ele trabalhou para a extinção total dos palmarinos e de seu líder. Voltando a dialogar com os historiadores Mário Martins Freitas (1988), em seu livro *O reino negro de Palmares*, apresenta Domingos Jorge Velho da seguinte maneira:

“Domingos Jorge Velho era, ao tempo das funestas guerras palmarinas, um dos mais famosos predadores sertanejos, tipo representativo do bandeirante rude, ‘enérgico, dado aos prazeres da cama e da mesa, animado pela cobiça e pela rapacidade⁹, cruel na guerra, impiedoso na paz’, respeitado, temido e admirado pelos seus homens de armas e pelos seus numerosos índios, verdadeiro exército, e como ele dizia, que não era de gente matriculada nos livros de Sua majestade, nem obrigada por soldo, nem por pão de munição, e por isso, capaz de todos os vandalismos, obedientes ao seu chefe até ao sacrifício da morte!” (Freitas, 1988, p. 302).

O autor segue ratificando que Jorge Velho era um carrasco que se considerava um domador de gentios, esses que agregou ao seu exército depois de tê-los domesticado. Ele estava certo de que venceria Palmares, que prenderia todos os palmarinos e depois os venderia. Porém, ele subestimou o reino de Palmares quando fez a sua primeira tentativa de invasão. Lá mesmo no meio da Serra, foi surpreendido e sua primeira tentativa foi um fracasso.

“Domingos Jorge Velho, diante do primeiro fracasso, foi obrigado a confessar ‘que lhes não foi muito fácil nesse princípio pela pouca experiência que tinham das traças, astúcias e estratégias desse inimigo, e nenhum conhecimento das disposições destes países, mui fragosos, e mal penetráveis’, levar os negros de vencida como antecipadamente supunha” (Freitas, 1988, p. 304).

Ainda na linha historiográfica, Freitas (1982), Domingos Jorge Velho pertencia ao grupo de bandeirantes que saía à caça de índios e tesouros. Conquistou muitos latifúndios, apoiado pelos índios que ele chamava de gentios e os

⁹ O termo rapacidade de acordo com o *Dicionário on-line de português* seria alguém que tem propensão ou costume de roubar; avidéz de um animal que se atira sobre a presa.

treinou para matanças de formas espantosas. Seu argumento era que não passavam de selvagens.

Ele conseguiu construir um arraial em uma parte do Macaco, um dos Mocambos de Palmares, e se refugiou lá com sua tropa. “*Concluiu estar ‘tão fortificado o mocambo que só ter artilharia lhe falta.’ Dividiu a força em três contingentes: um para ‘picar na porta’ e os outros dois para investir pelos flancos*”. (Freitas, 1982, p. 161). Por muitas e muitas vezes, eles tentaram invadir Palmares, mas parecia impossível, até que aos poucos isso vai acontecendo.

Na Literatura, Luiz Galdino (1993), em *Palmares*, acerca da queda de Palmares, relata:- *O comandante é Domingos Jorge Velho, um paulista do cão! Índios e brancos tremem igualmente por ouvir o nome!*” (Galdino, 1993, p. 24). Em *O Vampiro e o Zumbi dos Palmares* (2013), Ivan Jaf descreve o comandante Jorge Velho. O livro tem uma narrativa diversa das demais apresentadas na tese, pelo fato do autor escrever peças teatrais, quadrinhos e ser roteirista de cinema, onde sua ficção traz uma linguagem bem simbólica.

O personagem principal é um vampiro centenário que alega ter conhecido Zumbi dos Palmares e resolve contar tudo para o narrador dessa história. No trecho, o autor não economiza palavras para apresentar as barbaridades cometidas pelo comandante Jorge Velho.

“O nome dele era Domingos Jorge Velho. Havia tempo senhores de engenhos e governadores vinham pensando em contratar paulistas pra dar um fim ao quilombo dos Palmares, mas o projeto era arriscado porque aqueles bandos de ladrões de terra e mercenários podiam se tornar um problema pior que os negros. As notícias das barbaridades cometidas por eles, assustavam, mas com ameaça real de uma sublevação total dos escravos e extermínio dos brancos, Recife finalmente decidiu mandar procuradores para contratar os serviços de Jorge Velho” (Jaf, 2013, p. 87).

Depois do contrato assinado, o comandante parte com sua tropa para destruir Palmares. Foi de mocambo em mocambo agindo com muita crueldade, destruindo e queimando tudo, degolando todos que encontrava pelo caminho. Ele queria a cabeça de Zumbi dos Palmares. Nos versos de Costa (2013), Domingos Jorge Velho recebe adjetivos semelhantes aos escritores citados anteriormente. Ele é apresentado como um exterminador, um carniceiro que planejou muito bem a destruição que iria fazer no Quilombo de Palmares.

*“Bandeirante Jorge Velho,
Carniceiro, exterminador,
Para acabar com Palmares
Foi o nome que vingou.
Aceitou esse serviço,
Plano forte que traçou.*

*Domingos Jorge Velho
Juntou gente e prometeu
Escravos para os soldados,
Muita gente se envolveu.
Chegando a Palmares,
Ele logo compreendeu.*

*Ali era fortaleza,
Zumbi com os seus construiu
Muralha alta que cercava
E um fosso ele abriu.
Soldados de Jorge Velho
Morreram nesse funil”
(Costa, 2013, p. 24).*

A autora segue com a sua narrativa destacando a esperteza de Jorge Velho, que vendo a muralha de Zumbi, constrói a sua na calada da noite escondendo todas as suas armas, despertando Palmares com os estouros de seus canhões, incendiando todo Quilombo e deixando muitos mortos estendidos no chão. Zumbi dos Palmares, o líder do quilombo tão cobiçado pela Coroa Portuguesa, foi por longos anos o tormento de muitos, principalmente para Domingos Jorge Velho.

Por isso temos no presente muita busca do passado, a fim de ver e rever esse notório episódio da história brasileira. O personagem de destaque da nossa tese de acordo com Freitas (1982) foi o líder do Quilombo de Palmares comparado a um *“Espártaco Negro”*¹⁰. Em alguns documentos aparecem comentários ligados a ele com essa adjetivação.

“Deslocou povoações inteiras para lugares mais remotos. Incorporou as milícias e submeteu a adestramento intensivos todos os homens válidos. Multiplicou os postos de vigilância e observação na orla das matas. Despachou agentes para reunirem as armas e as munições. Reforçou as fortificações do Macaco a ponto de torná-la quase inexpugnável. Finalmente, decretou a lei marcial: os que tentassem desertar Cucaú, seriam passados pelas armas”. (Freitas, 1982, p. 124).

¹⁰ Espártaco foi um gladiador trácio que liderou uma revolta de escravizados contra a República romana entre 73 e 71 a.C. O termo, também, faz uma alusão ao livro *Black Spartacus – The epic life of Toussaint Louverture* de Sudhir Hazareesingh (2020).

O historiador Joel Rufino dos Santos (1985), em seu livro *Zumbi*, traz uma pequena biografia da vida do líder palmarino baseada, principalmente, na obra do historiador Décio Freitas. Ele narra a história mostrando que Zumbi antes de se tornar o líder de Palmares, que se opôs a Ganga Zumba e ao acordo que ele firmava com os brancos negociando a liberdade apenas dos palmarinos. O escritor afirma que Zumbi foi um caso extremo de resistência ao sistema e recordista de vitórias como podemos confirmar na citação a seguir:

“Zumbi diferiu, entretanto, de muitos desses campeões da guerra numa coisa: não combateu para conquistar territórios ou glórias. Foi, no entanto, um guerreiro implacável, incapaz de hesitar diante do sangue e do fogo. Desde que se sentou no trono que fora de Ganga Zumba, na praça central da cerca do Macaco, seu corpo pequeno e magro se transformou numa flecha apontada para o coração do mundo escravista. Ele transformou o povo inteiro de Palmares - quase trinta mil pessoas - num arco retesado” (Rufino, 1985, p. 37).

Na narrativa em quadrinhos que retrata Zumbi dos Palmares como um super-herói escrita por Antônio Krisnas (2002), *Zumbi: A saga de Palmares*, traz um protagonista super estrategista que não aceitou que ninguém fosse escravo em Palmares, pois dizia que o Quilombo era a terra da liberdade. E fazia todos recuarem quando chegava para lutar. Ele teria sido enviado por orixás africanos *“Foi Ogum que enviou, capitão zumbi, que salvou muitas vidas!”* (Krisnas, 2003, p. 23).

Renato Lima (2009), escritor da narrativa *Zumbi dos Palmares*, também traz o líder Palmarino como um grande estrategista, como o símbolo da luta contra a escravidão e pela liberdade. Destaca-se que Zumbi era descendente de guerreiros, imbangalas ou jagas, de Angola, tornando-se um herói por defender Palmares: *“O mestre contou que ele se tornou um guerreiro para defender Palmares dos soldados portugueses”* (Lima, 2009, p. 8).

Paixão (2009), nos versos de Cordel, narra a bravura de Zumbi. Mostra como ele foi tentado a aceitar uma negociação com o imperador e no entanto não o fez. Destaca que Palmares sobreviveu aos longos anos de ataque, por conta dessa bravura que nunca se viu igual. Como podemos comprovar na citação:

*“O que mais impressiona
Neste capítulo da história:*

*A bravura de Zumbi
E seus momentos de glória,
Nessa luta que não vai
Sair nunca da memória”
(Paixão, 2009, p. 48).*

O livro *Zumbi dos Palmares*, de Leda Maria de Albuquerque (1978), é um romance que retrata Zumbi dos Palmares, porém tem como personagem um negro chamado Bambusa, no início da narrativa, que era escravo e foge para Palmares a fim de se tornar um dos generais de Zumbi e junto com ele lutar pela liberdade. Isso de fato se realiza depois de muitos obstáculos que Bambusa precisou vencer.

A narrativa traz um recorte muito discutido pelos historiadores e literatos que seria sobre a morte de Zumbi e seus generais. De acordo com a narrativa, Zumbi, como rei, propõe o último salto para a liberdade a partir da afirmação de que a liberdade nunca morre. Bambusa como general endossa a proposta do rei: “*O Zumbi tem razão. Não nos podemos vencer. Nós somos a liberdade e a liberdade não morre. Depois precipitou-se no espaço*” (Albuquerque, 1978, p. 110). Quando Jorge Velho chegou à beira do precipício, não restou mais nada de Zumbi dos Palmares e seus heroicos companheiros, apenas podia avistar uma massa sanguinolenta.

Conforme o historiador Flávio Gomes (2011), em seu livro *De olho em Zumbi dos Palmares*, a ficcionista comunga da mesma descrição sobre a morte de Zumbi. Ambos trazem a morte do chefe palmarino como um suicídio. Apesar de muitas especulações e as fontes transcritas, a versão do suicídio segundo o autor surge do Conselho Ultramarino, em 1694, assegurando que após muita intimidação “*se precipitaram por um rochedo, morrendo nele mais de 350, sendo causa de sua total ruína e da feliz vitória*” (Gomes, 2011, p. 70).

Como a morte de Zumbi apresenta uma polêmica, há também a versão datada e registrada de 1695 que retrata o assassinato de Zumbi ao invés do suicídio: “*Em 1696, foi enviada a cabeça do Zumbi que determinara que pusesse em um pau no lugar mais público daquela praça*” (Gomes, 2011, p. 70). Segundo o historiador, o que está escrito nessa versão é que tal decisão foi tomada para amedrontar os negros e abalar a crença que eles tinham sobre a imortalidade de Zumbi.

Esta segunda versão também foi registrada pela ficção, no livro da escritora Carla Caruso (2005), *Zumbi, o último herói de Palmares*, que narra esse episódio

dramático. A autora começa esse episódio da narrativa mostrando que todos achavam que o líder havia morrido, que tinha se suicidado saltando no despenhadeiro, no entanto, ele estava nas matas da montanha azul, reorganizando o resto de seu exército” (Caruso, 2005, p. 60). Mas no caso, havia sido um alarme falso. Zumbi estava vivo e a fama de imortal, de um ser indestrutível se espalhava por toda mata e pelo mundo do açúcar. Contudo, essa narrativa descreve que Zumbi foi traído por um homem de sua confiança, o qual negocia sua liberdade revelando o esconderijo do chefe guerreiro.

Ele vai até o esconderijo escoltado pelas tropas inimigas e fere Zumbi para que ele fosse capturado. *“O mulato levou os brancos a um lugar enorme dos penhascos. Lá escondia-se Zumbi. Soares chamou Zumbi e quando o temido negro apareceu para lhe dar um abraço, Soares lhe cravou um punhal”* (Caruso, 2005, p. 61).

Mesmo ferido, Zumbi luta e até mata, mas era desleal a situação em que se encontrava e não podia vencer então. *“No dia 20 de novembro de 1695 Zumbi foi morto. Sua cabeça foi cortada e levada para o centro das vilas açucareiras”* (Caruso, 2005, p. 61). De acordo com a narrativa, a cabeça permaneceu espetada por anos. Sob a mesma afirmação de que trouxe Gomes (2011), foi espetada numa grande estaca e os brancos diziam que não era imortal.

Na versão de Maltese (2021), a autora fala sobre a crença da imortalidade de Zumbi, contudo devido a traição que sofreu foi emboscado e capturado, ele morre. Ela cita o nome de Antônio Soares que encontramos nas versões historiográficas e ficcionistas. Foi André Furtado de Mendonça que ganhou a fama de ter vencido essa batalha.

“Zumbi foi decapitado e sua cabeça foi exposta na praça principal para servir de exemplo para provar que ele não era imortal. O legado de Zumbi permaneceu. A resistência negra a escravidão continuou durante anos, mesmo que, a mando do rei de Portugal, os negros fossem cruelmente perseguidos e marcados a ferro” (Maltese, 2021, p. 29).

Na versão de Eva Ribeiro (2001), o livro *Zumbi dos Palmares* é uma narrativa curta que retrata Palmares desde sua origem. Destaca o líder como um mito, relata os ataques contra o quilombo, a traição sofrida por Zumbi, e vai trazer o contexto da sua morte.

Confirmando o que muitos ficcionistas e historiadores trazem, essa situação está ligada à divisão de grupos dos palmarinos, sendo que um deles foi chefiado por Antônio Soares que depois de ser torturado por André Furtado e delata o esconderijo de Zumbi em troca da sua liberdade. Sua morte data em 20 de novembro de 1695.

“O seu traidor levou um dos homens do exército de Domingos Jorge Velho até o esconderijo de Zumbi. Este homem era André Furtado de Mendonça que levou Zumbi até Domingos Jorge Velho que matou a sangue frio com dois tiros à queima roupa. Era o fim a cabeça cortada e levada para a vila de Recife como prova do fim de Palmares e da rebeldia dos negros, que a todo momento eram ameaçados por feitores, que diziam fazer com eles, o mesmo que foi feito com Zumbi”. (Ribeiro, 2001, p. 19-21).

Diante das versões da história e da literatura podemos concluir que ambos estudam a atividade humana. Seus discursos interessam a sociedade e tem o seu valor nas suas formas de narrar. É um fato que existe a necessidade e a importância de se conhecer história para se interpretar bem literatura e fazer determinados contrapontos.

Em relação ao estudo pretendido nesta tese, especialmente neste capítulo, trouxemos a história de Zumbi e do Quilombo de Palmares, para mostrar o quanto há de história nas obras literárias.

Algumas obras são mais antigas e outras mais recentes. Essa escolha se deu para que pudéssemos mostrar o quanto a história e a literatura evoluem e como é importante trazer essa evolução para o espaço acadêmico. Sabemos que há uma série de diferenças nos detalhes dessas escritas, mas que também podemos notar que no que se refere ao tema pesquisado ambos são contribuintes importantes dentro de seus formatos.

Há muitas formas de narrar mesmo entre os pares. Essa questão também é perceptível a partir das comparações, pois cada escritor tem um ritmo, escolhas lexicais, estilos de escrita, possibilidades de manejos de fontes. Tudo isso deve ser levado em conta.

Em cada leitura, é possível receber uma nova contribuição para a pesquisa, o despertar para uma nova forma de olhar os capítulos que talvez precisem ser mais aprofundados, ou outros que não mereciam tantos detalhes e ainda aqueles que

trazem conhecimentos riquíssimos e nos surpreendem pela forma como narram a História e o que trazem com histórias para contribuição para a nossa história.

Além dessa perspectiva, é importante ressaltar que toda obra traz as marcas dos escritores e de seus tempos. As obras também podem trazer as representações e as ideologias anteriores àquelas que predominam em sua época; em outros casos, os textos se antecipam aos acontecimentos, constituindo então, uma forma de comunicação social que irá ser lida e apreciada não só no presente, mas também no futuro e em diversos contextos. Ao examinarmos o nosso referencial teórico, histórico e literário notamos esse potencial em determinadas obras e escritores.

A partir dessas conclusões já somos capazes de entender o porquê de alguns livros não chegarem à academia e outros serem tão citados e referendados. Muitas obras literárias carregam consigo, devido ao período temporal nas quais foram lançadas ou são retratadas, um pedaço dos costumes e das vivências de tal época.

É possível, portanto, observar como diferentes livros trazem o passado ao presente, ensinando o leitor sobre a história brasileira por meio da arte da literatura como vimos desde o começo do capítulo em que apresentamos o potencial artístico que pode haver nos textos através dos teóricos que discutem o tema.

Quando trazemos Zumbi, o líder palmarino e o Quilombo dos Palmares para esse diálogo a intenção é exatamente a de ver as possibilidades de ler essa história, desde os primeiros registros até os mais atuais e verificar como podemos questionar, ou até reinterpretar algumas obras, fomentar uma visão crítica sobre como a literatura e a história narra e tem narrado os acontecimentos referentes ao tema. Os discursos históricos e literários coexistem de diferentes modos de produção, uns acompanham os dominantes que por vezes consideramos ultrapassados, inadequados, para o nosso presente e outros nos surpreendem com reescritas inusitadas de versões possíveis para a nossa história.

Mas acreditamos que são inesgotáveis as possibilidades dessas reescritas, já que muitas fontes ainda exigem uma atenção especial e minuciosa de leitura para serem transpostas por um historiador ou literato em trabalhos acadêmicos ou literários.

Os escritores são sempre visionários que de fatos históricos captam grandes possibilidades, pois sabemos que uma sociedade exprime frequentemente aquilo que ela está construindo pelas representações daquilo que ela está vivendo.

Algumas obras registram fatos, outras reproduzem as inquietações de seus tempos, outras os desejos e aspirações. Há sempre um conteúdo latente de uma época, pois dificilmente um escritor conseguiria transcrever perfeitamente esse conteúdo latente.

Essas considerações levam-nos a entrever a zona de fertilidade que existe no cruzamento da literatura com a história: as obras literárias que melhor traduzem os movimentos sociais e históricos não são as que retratam de forma escrupulosamente exata os acontecimentos exteriores; são as que exprimem aquilo que falta a um grupo social, e não aquilo que ele possui plenamente. O escritor vai dar uma forma às aspirações desse grupo uma tentativa de representá-lo.

As representações podem ou não serem contradições, o texto literário age sobre seus leitores mostrando as possibilidades de relações dos homens entre si com seu meio ambiente, a obra literária libera possibilidades subjacentes a certas situações, joga com essas possibilidades, dando-lhes vida e faz com que elas, sob forma fictícia, comecem a se realizar; ela tenta assim explorar as virtudes inerentes a uma época.

Literatura e história, segundo Maria Teresa de Freitas, em seu artigo *A História na Literatura: princípios de abordagem*, afirma que:

[...] “não são, portanto, independentes uma da outra, mas tampouco estão ligadas entre si por relações mecânicas de causa e efeito; a História é imanente às obras, e não uma fatalidade exterior a elas; ela é parte integrante de sua dinâmica interna e ao mesmo tempo, se elabora através delas. Presença da História nas obras, e não influência da História sobre as obras: é o que deverá guiar a análise que se pretende produtiva das relações entre Literatura e História” (Freitas, 1984, p. 176).

Ainda sob a perspectiva histórica que pensa os acontecimentos na literatura a partir de uma reconstrução e das histórias vivenciadas e da maneira como podem ser interpretadas, Santos (2007) afirma que:

“O historiador, nessa perspectiva, reconstrói os acontecimentos das histórias vividas, informando aos seus leitores o esquema interpretativo no qual se descortina o passado vivido, demonstrando conjuntamente os seus procedimentos narrativos e os recursos metodológicos e teóricos empregados, dando possibilidade de reconhecer que as novas abordagens e objetos de estudos utilizados revelam a diversidade de leituras possíveis e, portanto, diversas formas diferentes de escrita, complementares entre si” (Santos, 2007, p. 118).

Diante do exposto, é possível entender que a literatura e a história podem narrar o passado, pois conjuntamente, dizem muito mais do que outra marca ou registro do passado. e Ambas podem servir como fontes para as pesquisas, pois representam as realidades construídas sobre o passado, o presente e até o futuro dos homens.

A literatura insere-se como uma fonte histórica, ou seja, como um registro de um tempo que nos informa sobre seu autor, sobre seu contexto histórico, sobre o imaginário e a cultura de uma determinada sociedade no tempo em que a obra foi produzida. A historicidade no que lhe concerne refere-se ao contexto histórico, em qual contexto se insere aquilo que se analisa.

A Historiografia é, literalmente, como nos informa Michel de Certeau (1982), o texto produzido a partir do método científico da história analisando seu contexto é chamado de historiografia. A fonte seria o registro histórico de determinado tempo, acionando o que um homem pode dizer ou escrever, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele e nesse lugar atualmente devemos inserir a literatura.

Os autores Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso Pereira (1998) no livro *A História Contada: capítulos de história social e da literatura no Brasil* afirmam: “Para historiadores a literatura é, enfim, *testemunho histórico*.” Apesar de ser ficcional, o que a princípio faria da literatura uma fonte não confiável para a História, toda narrativa se constroi a partir da realidade dos indivíduos e de suas sociedades.

Portanto é importante realizar a leitura desse contraste entre o fato e a ficção, pois é nele que surgem os grandes diálogos. Uma possibilidade relevante seria pensar na seguinte questão quando podemos perceber que um livro literário popularizou um fato histórico, a ponto de ter se tornado interessante para diversos leitores ganhando destaque entre a sociedade, nas mídias e redes sociais, sendo discutido de alguma maneira, resenhado e indicado por muitos leitores. Como destaca Adriana Moura de Figueiredo (1988) em seu artigo *Letras Insulares: Leituras e formas da História no modernismo brasileiro* cujo artigo faz parte do livro *A História contada* de Chalhoub e Pereira (1988). A aproximação desses campos tem trazido muitos debates acadêmicos.

“O interesse em aproximar as fronteiras entre os campos literários e histórico tem estado, ultimamente, na crista dos debates acadêmicos. Múltiplas são as leituras dessa aproximação. O texto literário que já havia há tempos consagrado como um documento legítimo para análise do historiador, agora aparece circunscrito ao debate sobre a narrativa histórica, como um texto que não guarda, como narrativa, diferenças substantivas com o texto histórico. Entre uma e outra perspectiva, certo é que as aproximações entre a narrativa histórica e a literária ganharam uma amplitude impensável há duas décadas”. (Figueiredo, 1988, p. 301).

Concluimos que existem diferentes graus de ambiguidade nos dois discursos, sendo assim, sabemos que cada um guarda as suas correntes teóricas, portanto cada um terá uma relação diferente do real e de como irá apresentá-lo. E sendo assim devemos considerar em nossas pesquisas cada obra e cada autor, de fato como produto de seu tempo.

Na história de Zumbi e do Quilombo de Palmares encontramos como foi apontado pelos autores e os trechos das narrativas que citamos muitos pontos de interseções entre a literatura e o passado da história nacional. Entendemos que a literatura é um meio de narrar ou interpretar o passado de uma sociedade. E ainda que nas obras de ficção trazidas à tese encontramos perspectivas únicas sobre eventos históricos sobre o tema, os personagens e aspectos culturais do nosso país.

No próximo capítulo daremos continuação a nossa pesquisa fazendo um pequeno recorte literário e aprofundando um pouco mais nas obras literárias. Apresentaremos algumas teorias sobre a literatura infantil e juvenil, já que o nosso referencial literário traz apenas livros desta categoria e trataremos de alguns conceitos que respaldam o nosso recorte literário.

Faremos também uma relação entre a teoria que consta desse campo literário e as obras de ficção, destacando ainda que escolhemos as obras que trazem a literatura infantil e juvenil para as crianças e a adolescentes negras, com o objetivo de tratar de subtemas que interferem na realidade do cotidiano delas. A fim de ajudá-las a refletir sobre a nossa história e sobre as suas histórias pessoais, trazendo sempre um ensinamento os quais poderão levar para as suas vidas.

Entendemos que a literatura voltada para a temática infantil trazendo personagens negros pode ensinar as crianças e os adolescentes a se conhecerem melhor. As obras que escolhemos têm o potencial para tratar conflitos do dia a dia que por vezes incomodam, machucam, dilaceram suas identidades.

A arte literária tem a capacidade de saber dizer, de narrar sobre esse processo de conhecer a história e se reconhecer na história. É um processo coletivo e contínuo, pois se faz necessário o contato com outro com a sociedade, com isso quando são capazes de se reconhecerem muitas situações podem ser mudadas.

A princípio quando a literatura infantil e juvenil negra foi escrita ainda não tinha esse foco. As publicações eram mais para atender pedidos que atendessem a lei 10.639/2003, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. No entanto, as obras que foram escritas no começo ainda não estavam maduras o suficiente para entender o objetivo dessa lei.

A proposta deveria ir muito além de mencionar o tema por alto, ou tratar de maneira inadequada. As crianças e os adolescentes precisam se reconhecer e se valorizar, por isso os personagens dessas narrativas precisam estar relacionados a aspectos positivos. Elas precisam saber o quanto são livres. Precisam conhecer a história, a cultura e os valores. A literatura deve despertar a imaginação, enfatizar a beleza, a inteligência, o potencial de sucesso que há dentro de cada ser. Mostrar como as belezas podem ser potencializadas e como a dedicação pode levar todas as pessoas a realizarem seus sonhos.

Destarte é necessário que essa literatura seja inserida nas escolas e nas famílias desde a educação infantil e para os primeiros usos da educação básica a fim de mostrar a questão da representatividade. Apresentar a cultura negro brasileira e sua construção até os dias atuais e mostrar enfaticamente o universo de perspectivas que elas devem ter da sociedade e de si. Apresentar a questão da ancestralidade para elas e reforçar a necessidade de valorizar as suas raízes e cuidar da autoestima. Em função de toda essa necessidade, as obras que iremos apresentar no próximo capítulo são apenas as que já estão de acordo com todas as necessidades levantadas nessa breve conclusão.

4. A FORMAÇÃO HUMANA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

“Que valia ser criança se lhe faltava infância? Este mundo não estava para meninices. Por que nos fazem com esta idade, tão pequenos, se a vida parece sempre adiada para outras idades, outras vidas? Deveriam -nos fazer já graúdos, e ensinados a sonhar com conta medida”. (Couto, 2009, p. 112).

Dialogando com a citação que inicia esse capítulo, tomamos como reflexão, o contexto da história da literatura infantil e juvenil, o qual sempre foi marcado por desafios. Para pensar a literatura infantil e juvenil¹¹ é necessário pensar no seu leitor: a criança e o jovem. Todos conviviam igualmente com os adultos, o mundo infantil não havia sido criado, portanto crianças e jovens não eram pensados, com nenhuma atenção especial. Eles não eram percebidos socialmente como seres diferenciados, todos compartilhavam o mesmo tipo de roupa, ambientes caseiros e sociais, como também o trabalho.

É consenso entre diversos estudiosos que as literaturas infantis e juvenis têm um papel relevante no desenvolvimento intelectual de crianças e jovens, porém, nem sempre isso foi seriamente considerado. Antes do século XVII, a literatura infantil era restrita a poucos, já que as crianças eram vistas não como crianças, e sim, como pequenos adultos.

A história da literatura infantil começa a ser delineada entre os séculos XVII e XVIII quando a criança passa a ser vista com um olhar diferente, vista como um ser diferente do adulto. E são reconhecidas as suas necessidades e características próprias, assim deveriam distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial que as preparassem para a vida adulta. De acordo com Cunha (1999), cabe ainda destacar que, nesse período, as crianças pertencentes às classes populares não tinham, muitas vezes, sequer o direito de ler e escrever.

No século XVIII, então a criança passa a receber uma educação que a preparasse para uma vida futura. Nesse momento, a criança é vista como um indivíduo que necessita dessa atenção diferenciada que é demarcada pela idade. Sendo assim, o adulto passa a idealizar a infância, já que a criança é vista, pela perspectiva de um ser dependente do adulto devido a sua falta de experiência com o mundo real. Observa-se, nesse ínterim, que durante muito tempo a família utilizou a

¹¹ Fizemos uma divisão entre literatura infantil e literatura juvenil, nos baseando nos critérios editoriais das referidas obras que serão analisadas.

literatura infantil com o objetivo de educar e ajudar as crianças de forma moralizante, como destaca Ricardo Santos David (2016) em seu artigo *Literatura infanto-juvenil: discussões sobre o panorama histórico e gênero literário e suas características*.

“A literatura infantil teve origem no século XVII com Fenélon (1651-1715), com o intuito de educar moralmente as crianças. Nessa época, as histórias continham informações maniqueístas que tinham como objetivo transmitir aos leitores o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado. As histórias tinham objetivos sociais e eram escritas com o simples fundamento de ensinar as crianças através dos contos e relatos, que faziam com que as crianças se encontrassem naquela história e sentirem-se -se motivadas a ser como aqueles personagens, que funcionavam como modelo de vida para aqueles leitores”. (Davi, 2018, p. 3).

O público jovem leitor, normalmente entre quatorze e vinte e quatro anos, se tornou um grupo forte. As narrativas trazem temas sobre questões identitárias; culturais; conceitos de inteligibilidade; convivência humana; valores; ancoragem familiar; linguagens, raça e representação. Os leitores são motivados a pensar, a sentir e a refletir diante do que encontram. A literatura equivale a redimensionar espaços e pensar lugares

“Neste momento de nossa história e nessa ordem de ideias, a hipótese que nos anima é que enlaçar a educação e a literatura equivale a redimensionar forças. Forças para intercambiar saberes e consumir patamares para a desafiadora perspectiva de vislumbrar-se uma nova forma de humanidade”. (Cunha, 2017, p. 189).

Ao entrelaçar a educação e literatura estamos aproximando saberes, porém precisamos pensar em reflexões que possam ultrapassar os pensamentos didáticos e que enfatizem a aplicação e valor no processo ensino-aprendizagem. Tal entrelace vai além de ser um importante motivador para formar futuros leitores críticos-reflexivos. As experiências leitoras surgem a partir das leituras de textos literários, pois estes têm papel relevante no processo de formação de sujeitos. Portanto, necessitamos cada vez mais do espaço para a literatura infantil e juvenil, a fim de que tenham um contato agradável e contínuo com o mundo mágico e ficcional, próprio das narrativas literárias.

Em consonância com esse pensamento trouxemos para o nosso diálogo o texto *A Literatura em perigo*, de Tzvetan Todorov (2009). Inicialmente, o autor questiona em seu livro o fato de a literatura ser vista como uma disciplina, sendo que

ela é muito mais que isso. A literatura é uma arte que corre o perigo de ser diminuída quando é reduzida ao seu papel de disciplina escolar, já que ela tem um valor singular por revelar particularidades do ser humano, da sociedade. Como afirma o escritor:

[...] “e necessário incluir as obras no grande diálogo entre os homens, iniciado desde a noite dos tempos e do qual cada um de nós, por mais ínfimo que seja, ainda participa. ‘É nessa comunicação inesgotável, vitoriosa do espaço e do tempo, que afirma o alcance universal da literatura’, escrevia Paul Bénichou. A nós, adultos, nos cabe transmitir às nossas gerações essa herança frágil, essas palavras que ajudam a viver melhor”. (Todorov, 2009, p. 2009).

Despertar no público infantil e juvenil o apreço em relação aos textos literários tornar-se possível se houver uma apreciação estética organizada. Para isso, são imprescindíveis a vontade e esforço do mediador, pois é necessário que se modifique positivamente a visão e o valor da leitura, para que outras funções se acrescentem à atividade literária. Por conseguinte, devemos destacar a relevância que a literatura e a sua capacidade de formação e informação têm nas vidas das pessoas, assim poderão ser pessoas mais eficientes, sensíveis e mais críticas a respeito da realidade em que estão inseridas. É importante que aqueles que forem mediar uma leitura tragam temas transversais em suas propostas, sugerindo a abordagem de temas universais como: ética, pluralidade e diversidade culturais, elementos que são fartos na composição dos bons textos literários que podem ser trabalhados com todas as idades.

A literatura é essencial para a formação das crianças e jovens, como leitores de mundo e, além disso, quanto mais cedo as histórias orais e escritas forem inseridas em seu cotidiano, maiores serão as chances do desenvolvimento do prazer pelo ato ler o qual proporcionará descobertas e conhecimentos que permitirão a esses leitores criarem a capacidade de vir a comunicar-se com o mundo, conforme cita Abramovich (1991) em seu livro *Literatura Infantil: Gostosura e Bobices*.

“Ler histórias para crianças é também suscitar o imaginário e ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos” [...] (Abramovich, 1991, p. 22).

Em função desses aspectos, podemos observar que a literatura é um artefato que possibilita meios para que as crianças e os jovens encontrem a si mesmos e aprendam a se posicionar diante do mundo. Ao ler um livro, eles têm a possibilidade de se verem, de se encontrarem e até de se transportarem para as histórias, ou trazer essas histórias para suas vidas, pensando em seus papéis desempenhados, ora como os heróis, ora como os vilões. Quando irão necessitar exercer coragem, ou precisarão refletir sobre os seus medos, amor dúvida atitudes positivas ou negativas.

Os livros não têm tamanhos e nem limites para a leitura criativa. A aventura tem inúmeros potenciais, depende das singularidades de seus leitores e da apresentação dos mediadores, essas são as lentes, os filtros sob o qual as narrativas podem ser apreciadas. Podem tornar-se desventuras, vitórias e derrotas num passe de mágica. Através da literatura, os leitores podem aprender a decidir sobre seu próprio futuro, aprendendo a se posicionar de forma crítica e reflexiva diante da sociedade.

Os textos literários provocam reflexões de natureza cognitiva e afetiva, permitindo aos leitores a entrada em um mundo desconhecido, porém, instigante, que desenvolve o imaginário e desperta a curiosidade. Considerando, dessa forma, a leitura como uma forma de perceberem-se no mundo e entenderem a realidade que os cercam, a literatura possibilita a formação de cidadãos capazes de entenderem a realidade social, atuarem sobre ela e quem sabe possam, se preciso for, transformá-la. Segundo Coelho:

“Desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem [...]. No encontro com a literatura [ou com a arte em geral] os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade”. (Coelho, 2000, p.29)

Os leitores constroem significados sobre o que ouvem ou leem usando seus conhecimentos prévios, criando imagens que estão ligadas às suas próprias experiências e interações humanas, e construindo significados na medida em que interagem com outras crianças, jovens e adultos, comentando as histórias com os

seus semelhantes e abrindo-se uns para os outros em todos os contextos sociais. Em especial, precisamos pensar também nas formas de trabalhar o texto literário no contexto escolar, por exemplo, deve haver mudanças na seleção desse material, de igual maneira, também deve se atualizar não se pautando na concepção tradicional da prática leitora, centradas na visão do professor, mas variando de acordo com a perspectiva social e cultural e de formação do sujeito. Para que o convívio do leitor com a literatura resulte afetivo, nessa aventura espiritual que é a leitura, muitos são os fatores em jogo. Entre os mais importantes está a necessária adequação dos textos às diversas etapas do desenvolvimento infantil (Coelho, 2000, p. 32).

A leitura pode estimular a visão de mundo do leitor. Pode ser percebida como fonte de prazer, permitindo o desenvolvimento do imaginário das crianças e dos adolescentes. As descobertas oferecidas pelo livro como suporte lúdico, atrativo e criativo não tem limites. Portanto, descobrir e ampliar os detalhes é o que torna cada momento literário essencial para que se realizem novas descobertas, assimilando aos conhecimentos anteriores. Como destaca o escritor Roland Barthes (2010), em seu livro *O prazer de ler*, quem escreve adota uma linguagem de criança no peito e um “texto de prazer: [é] aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela [...]” (Barthes, 2010, p. 20, inserção nossa).

O papel da literatura na formação da criança e do adolescente dessa forma mais ampla é muito importante, porque envolve o aspecto sensível do ser humano. A dimensão cultural da literatura pode ensinar o quanto é importante aprender a se relacionar com o outro, como declara Toni Morrison em seu livro *A origem dos outros: seis ensaios sobre o racismo e a literatura* (2019): “No entanto, é impossível ler suas ideias a respeito do pertencimento, de quem se encaixa e de quem não se encaixa sob o guarda-chuva da sociedade, sem pensar no atual momento em que vivemos” (Morrison, 2019, p. 10).

A literatura fala desse aspecto sensível que está dentro desse nicho cultural e forma esse humano. Ela transcende a si mesma permitindo que quem se serve dela, entre em contato com o seu mundo interior e com um mundo interior do outro, o que circunda esse outro e cerca-o de humanidade. A formação humana na literatura infantil e juvenil constitui ponto fundamental para o crescimento das crianças e dos adolescentes. Jefferson Silva do Rego, em seu artigo *Literatura e Humanização em Antônio Candido* (2020), destaca o pensamento do sociólogo a

esse respeito que o processo de humanização é causado pela apreciação da literatura.

“Para Candido, o processo de formação humana está relacionado com a literatura e possibilita ao sujeito leitor uma contínua qualificação de seu senso ético e estético. O autor explica que, mediante a experiência estética ocasionada pela leitura de uma obra de arte literária, o sujeito desperta e desenvolve sua criticidade, bem como seus sentimentos e emoções. A dizer, a experiência com a obra de arte literária” (Rego, 2020, p. 62).

Quem lê aprende a ouvir, a escutar, a imaginar e a refletir. Quando uma criança e um jovem aprendem a ler, eles descobrem que para a vida fazemos muitas perguntas para as quais não haverá respostas prontas. Seu imaginário, depois de despertado, trará muitos enriquecimentos e, cada vez mais, apreços pela leitura serão desenvolvidos e as suas visões de mundo ampliadas. No decorrer da experiência, o senso crítico e a criatividade seguirão crescendo, ou seja, a leitura abre as mentes como se fossem portas. Como ensina Antônio Cândido, em seu livro *Vários Escritos* (1995), “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 1995, p. 180).

Consideramos que no mundo atual, com tanta complexidade e desumanização, é preciso investir no que torna as pessoas mais humanas, a fim de buscar novas soluções para a reintegração harmoniosa do Eu com o mundo. Tal descrição dialoga com o livro *O pensamento do tremor* (2014), de Édouard Glissant, que fala sobre essa contaminação dos sujeitos entre si. Ter uma “[...] conexão com todos os outros, e nenhum deles redutível ao que quer que seja, e o que informa o todo-o-mundo” (Glissant, 2014, p. 136). É lendo, ouvindo, contando e criando histórias que o imaginário das crianças e jovens poderá ser atingido.

A literatura nos coloca em contato com aqueles que vieram antes de nós. Ela permite a criação de laços com os que estão ao nosso redor. É nutrição, socialização e, sobretudo, humanização. As literaturas infantil e juvenil podem ser vistas como uma porta de entrada para o universo maravilhoso da leitura. Para entendermos bem a importância dessa literatura na formação do ser humano, citamos novamente o ensaio *O direito à literatura*, de Antônio Candido, nele o autor destaca o quanto “a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em

todos os níveis é um direito inalienável” (Candido, 2011, p.176). Também afirma que a literatura consiste em um elemento indispensável quando se quer promover a humanização dos seres humanos. Esse conceito de humanização defendido pelo escritor aborda aspectos essenciais, tais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

São nos livros, na literatura que temos esse material riquíssimo que contém repleto de histórias, memórias, diversidade cultural, fantasia, encantamento e valores humanos. Não devemos esquecer que literatura é antes de tudo arte e, como tal, tem a função de exercitar o nosso pensamento poético – relacionado com o imaginar que é outra forma de pensar, sentir, perceber e conhecer o mundo e a nós mesmos. A linguagem artística é plurissignificativa, permitindo diversas interpretações, pois faz um apelo à nossa criatividade e sensibilidade.

O livro infantil e juvenil torna-se, assim, um recurso importantíssimo para o desenvolvimento de capacidades e habilidades de ordem cognitiva e sócio afetivas para os dois grupos, como a coordenação motora, a criatividade, a percepção visual, e noções de cores e de espaço, além de garantir o acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens e inferências. As obras literárias abrem-se à liberdade de interpretações, visto que são diversos os caminhos de leitura que elas podem propor e fomentar discussões importantes para os jovens.

4.1 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E SEU PAPEL HUMANIZADOR: INTERSEÇÕES COM O DISCURSO AFRO-BRASILEIRO

“A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa [...] internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está sempre presente, como a vida” (Barthes, 2001, p. 103-104).

Nessa seção optamos por delimitar as nossas escolhas literárias dentro do tema “As representações de Zumbi dos Palmares” e trouxemos livros que privilegiam a literatura negra e afro-brasileira. Apresentaremos narrativas específicas sobre Zumbi dos Palmares fazendo o entrecruzamento com as teorias sobre a literatura

infantil e juvenil e as temáticas tratadas por esse nicho específico de literatura. No livro *Cultura e representação* (2016), de Stuart Hall traz um conceito importante de representação que faz todo sentido para ser desenvolvido em nossa tese, já que este termo seria a grande questão que nos propomos apresentar. O autor desenvolve sua análise política, a partir de uma noção específica do conceito mencionado, em específico retrata o ato representativo, nos processos de construção social da realidade.

“O sentido é o que nos permite cultivar a noção de nossa própria identidade, de quem somos e a quem “ pertencemos” - e, assim, ele se relaciona a questões sobre como a cultura é usada para restringir ou manter a identidade dentro do grupo e sobre a diferença entre grupos. O sentido é constantemente elaborado e compartilhado em cada interação pessoal e social da qual fazemos parte” (Hall, 2016, p. 21-22).

Entende-se como literatura negra a produção literária na qual o sujeito da escrita é o próprio negro. O autor parte da sua experiência de sujeito negro, da sua vida, da sua origem. A escrita negra traz personagens negros como protagonistas. Ela tem o intuito de, primeiramente, tentar romper o círculo vicioso do racismo enraizado, também, na prática literária e apresentar os negros como seres humanos, valorizando a raça, a integridade, a identidade, a cultura. É uma literatura essencialmente política e ideológica e tem como objetivo a afirmação de uma identidade. Assim, tal nomenclatura é também uma forma de dar visibilidade ao discurso ou linguagem da população negra e, desse modo, valorizar as vozes daqueles que, historicamente, foram silenciados.

Já no livro *Literatura negro-brasileira*, o autor Luiz Silva (2010), cujo pseudônimo Cuti, faz um panorama histórico da presença do negro na literatura brasileira e centra a discussão a respeito desta presença e de como o negro é visto e retratado ao longo da história sugerindo uma nova nomenclatura. De acordo com as colocações do escritor a chamada literatura negro-brasileira nasce na e da população negra.

“A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra ‘negro’ aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura

que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali elementos negros e indígenas para se fortalecer” (Cutí, 2010, p. 44-45).

As características que definem essa literatura estão, portanto, vinculadas à temática da obra e ao seu caráter político, não há como desvencilhá-los. A temática e o contexto de produção são os principais definidores dessa categoria de literatura. O mais importante a ser destacado é que tanto a literatura negra quanto a negro-brasileira contam histórias a partir de uma perspectiva dos sujeitos negros narrando e expondo questões que, muitas vezes, um olhar branco não seria capaz de fazê-lo.

De acordo com Candido (1995), a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Essa literatura propõe discussões, denuncia as desigualdades e amplia as possibilidades de vivermos dialeticamente os problemas. Como coloca a escritora Dalcastagnè (2011), nesta literatura temos as vozes que estavam à margem e precisam alcançar legitimidade com a sua escrita literária.

“Há uma preocupação de escutar vozes que se encontram nas margens do campo literário, aquelas vozes cuja legitimidade para produzir literatura é posta em questão é que, ao mesmo tempo, tencionam, com a sua presença, nosso entendimento do que é (ou deve ser) o literário”. (Dalcastagnè, 2011, p. 9).

No *Dicionário escolar Afro-brasileiro*, de Nei Lopes (2006), encontramos a definição de Literatura afro-brasileira que seria uma literatura contemporânea produzida por escritores negros brasileiros na contemporaneidade que antes de tudo leva em consideração a questão da estética negra e o reconhecimento dela. O autor cita algumas referências nesse nicho de escritores tais como: Caldas Barbosa; Luiz Gama; Lima Barreto; Lino Guedes; Solano Trindade; Abdias Nascimento; Muniz Sodré; Joel Rufino dos Santos; Flávio Santos Gomes e Álvaro Nascimento. De acordo com o escritor Eduardo de Assis Duarte (2023), em seu livro *Por um conceito de literatura afro-brasileira*, desde a década de 1980, há escritores negros que produziam assumindo seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente, os números foram aumentando e esses escritores ocuparam o espaço na cena cultural, ao mesmo tempo em que as demandas do

movimento negro se ampliam e adquirem visibilidade institucional. A esse respeito, a citação a seguir endossa a nossa explicação.

“Já o termo afro-brasileiro, por sua própria configuração semântica, remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos. Processo de hibridação étnica e linguística, religiosa e cultural. De acordo com um pensamento conservador, poder-se-ia dizer que afro-brasileiros são também todos os que provêm ou pertencem a famílias mais antigas, cuja genealogia remonta ao período anterior aos grandes fluxos migratórios ocorridos desde o século XIX”. (Duarte, 2023, p. 5).

Ainda não há consenso entre teóricos e escritores sobre a nomenclatura ideal a ser utilizada nos livros de temática negra, no entanto optamos pelo termo literatura afro-brasileira por entender que ele dialoga melhor com nosso corpus.

No Brasil, a literatura com tais objetivos nasce no final do século XIX e início do século XX, tinha como foco ensinar valores morais, mas ainda com pouca intenção de ser arte literária. Portanto, havia pouca preocupação com a criação de um repertório cultural rico para oferecer à criança e ao adolescente, pois o propósito era de se ensinar regras de convívio, ou até mesmo conteúdos educacionais.

Com o tempo, mais autores foram se engajando nas temáticas com essa finalidade de falar sobre o negro, sua condição, seus valores, a ancestralidade, a representatividade, a língua, a linguagem. Por conseguinte, a literatura infantil foi adquirindo maior visibilidade social, principalmente, a questão da representatividade foi sendo mais bem demarcada na literatura em função da formação e do fortalecimento da autoestima das pessoas negras. Como nós sabemos, ao longo dos últimos séculos a imagem do povo negro quando era apresentada nas narrativas era feita de maneira estereotipada de forma agressiva para rebaixá-lo diante do branco.

A literatura tem o poder de modificar, de ressignificar essa visão estereotipada dos negros, de confrontá-la diante das críticas sociais. Sabemos que a literatura é um espaço no qual se constroem e se validam representações do mundo social, o autor, no manuseio das representações sociais, pode incorporar algo já existente e reproduzir de maneira acrítica, tomando por verdadeiras as ideias que se baseiam nesses estereótipos, ou colocá-las em choque diante dos olhos dos leitores. Tal posicionamento pode exigir do leitor adesão, recusa, intervenção, ou pelo menos uma reflexão sobre o mundo em que vive.

A construção positiva da população negra ocorre através da apresentação de sua autoestima e da valorização da sua própria imagem. Dessa forma, trabalhar literatura infantil e juvenil de maneira consciente faz toda diferença social, seja nas salas de aula, em família, ou em cursos para professores e mediadores de leitura. Desde muito cedo, deve-se propiciar às crianças um currículo¹² vinculado aos valores, a memória e também a valorização das características étnicas do negro relacionadas ao tipo de cabelo e a cor da pele construindo uma atuação significativa para os personagens e que esses representem os negros ressignificando-os, com o objetivo de mostrar a sociedade que é possível e necessário tanto para negros como para os brancos superar o racismo e aprender com as diferenças. Sendo assim, sabendo-se da necessidade do incentivo da literatura para crianças e adolescentes atualmente observamos que as narrativas precisam colocar em discussão a presença negra e destacar a urgência de atitudes mais afetivas para com as crianças e jovens negros.

Regina Dalcastagnè (2008) apresenta uma pesquisa, em seu artigo *Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura brasileira contemporânea*, que apresenta romances publicados pelas principais editoras do país nos últimos quinze anos e mostra que foram identificados quase oitenta por cento de personagens brancos. Durante essa pesquisa foi levantada a questão da baixa presença da população negra entre os personagens e os poucos que estiveram presentes foram representados de forma estereotipada. A pesquisa de Dalcastagnè (2008) constata a necessidade urgente de obras que pudessem mostrar outras formas de representação do negro na literatura, a fim de mudar essa perspectiva social para uma imagem de valor.

“Assim negros e brancos, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente”; (Dalcastagné, 2008, p. 206).

¹² Conforme determina a lei 10.639/03 (lei que obriga o ensino de história e literatura afro-brasileira nas escolas)

A dor da escravidão outrora trazida nas literaturas não contempla mais ninguém. Nesse momento histórico e literário, importa falar de resistência, de luta pelos direitos e de alteridade. Alimentando sempre as narrativas que ofereçam leituras que tragam o respeito e a união entre as raças, abrindo espaços para discussões que visem aproximações e não exclusões. Precisamos de discussões críticas que mostrem o quanto a liberdade é importante, pois somos todos responsáveis pela luta contra a deformação das mentes.

Nossas crianças e os nossos jovens precisam informar-se para formar seus pensamentos forjando-os em uma criticidade que revogue a luta contra o preconceito, o desrespeito, a segregação, a humilhação daqueles que foram por muito tempo chamados de outros. Além da formação, deve-se pensar na continuidade dessa formação para as crianças e para os adolescentes a fim de que as relações raciais que são percebidas de forma desrespeitosas e desumanas sejam combatidas. Como salienta o escritor Édouard Glissant (2005), em seu livro *Introdução a uma poética da diversidade*, precisamos permitir a permutação com esse outro, dizer não a qualquer tipo de inferiorização e dar destaques aos que surgem ressaltando a valorização. Ainda promover sempre o diálogo questionando os parâmetros que muitas vezes são impostos à nossa sociedade.

“Para Glissant, os povos que irrompem na contemporaneidade necessitam construir sua modernidade à força, e cabe às artes em geral, e à literatura em particular, a função essencial na propulsão do imaginário utópico de suas coletividades; do contrário estas correm o risco de não se nomear, de calar sua voz, sua identidade e seu projeto coletivo. Assim sendo, sua escrita – de grande densidade poética – está conscientemente ancorada na espessura antropológica e na singularidade histórica do lugar de onde o intelectual, o poeta, o escritor e o artista emitem a sua voz, o seu canto”. (Glissant, 2005, p. 9-10).

Ao escrever um livro para crianças e adolescentes os autores entram em conexão com muitas questões que resgatam até mesmo suas próprias infâncias e as suas próprias memórias afetivas, então esse elemento da memória está em constante diálogo dentro das narrativas. Os escritores podem de forma lúdica alimentar sonhos, tocar e envolver os leitores pretendendo ressignificar os elementos da ficção para fortalecer os leitores diante das situações reais nas suas vidas. As obras literárias que trouxemos para dialogar neste capítulo são narrativas

com conteúdo capazes de lapidar o imaginário humano e auxiliar a compreensão e a resolução de conflitos internos de cada indivíduo em particular.

4.2 DIALOGANDO COM AS OBRAS INFANTIS

“A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência”. (Bakhtin, 1992, p. 112).

Iniciaremos as nossas análises com um livro que aborda a história de uma data muito importante no nosso calendário brasileiro: o dia 20 de novembro, data em que comemoramos o dia da *Consciência Negra*. O livro *Zum zum Zumbiiiiiiii* é uma história sobre Zumbi dos Palmares para crianças, da autora Sônia Rosa (2016) com ilustrações de Simone Matias. A escritora negra, premiada, enquadra-se no perfil dos autores engajados na luta pela visibilidade do povo negro e afro-brasileiro. Foi professora durante trinta anos e há vinte e seis anos escreve sobre crianças e jovens negros. Em seus livros, encontramos personagens brancos, mas a grande maioria é de negros. De acordo com a própria autora, sua escrita pode ser categorizada como negro-afetiva.

Rosa (2016) aborda questões importantes, tais como o fortalecimento das identidades, a importância de se exercer o respeito pelo outro; a dignidade; a afetividade; a ancestralidade; a diversidade; o pertencimento e o protagonismo negro. A história inicia-se com um feriado que permite a toda família estar em casa, por isso há bolo gostoso no forno e brincadeiras entre pai e filho utilizando um peão que reproduz na palma da mão do pai este som “Zum Zum Zum” que evoca também o “Zum Zum Zum” da capoeira que o filho joga na escola.

“E a cortina balançava com o vento que entrava pela janela, livre, leve e solto... Zum Zum Zum biiiiiiii, Zum Zum Zum biiiiiiii, Zum Zum Zum biiiiiiii, um sopro, uma cantoria, um assobio: Zum Zum Zum biiiiiiii, Zum Zum Zum biiiiiiii, Zum Zum Zum biiiiiiii”. (Rosa, 2016, p. 25).

A narrativa retrata uma família que revive um dia que homenageia um líder negro político-histórico, enquanto os familiares preparam uma refeição e se confraternizam, também contam ao menino a história desse líder. “O pai colocava a

mesa, Tinha suco de laranja nos copos coloridos, mesa forrada com toalha bordada e muita alegria pela casa! Muita poesia para todos os lados!” (Rosa, 2016, p. 23). Ao fazerem esse percurso histórico, os familiares estão formando e informando o menino. Além disso, a narrativa é introduzida com muita sonoridade, através da palavra Zumbi esse “Zum Zum Zum” onomatopéico que busca a lembrança do líder palmarino no vento. Essa é uma característica marcante e importante nas literaturas que se propõem trabalhar com a temática afro-brasileira.

Os familiares mais antigos ensinam aos mais jovens através de narrativas orais. Zumbi é apresentado à criança como um amigo de tudo que é livre. Seguindo a narrativa, ele também é enaltecido por sua valentia e inteligência, reconhecido como alguém iluminado que brilhava como a noite. É fundamental perceber que a narrativa introduz elementos importantes para a formação identitária, cultural, histórica e política do menino que está ouvindo durante um momento de confraternização. A presença da família em casa cozinhando e brincando com ele fortalece os vínculos afetivos e apresenta de uma maneira positiva a importância da data que está sendo comemorada.

O “Zum Zum Zum” parece vir do vento acompanhando toda a narrativa. O vento aparece sempre com seu assobio como se evocasse esse iluminado e brilhante rei para participar da comemoração. Envolvido por este movimento nasce uma questão dentro da cabecinha do menino e ele exterioriza o que pensa para a mãe depois de ouvir a música engraçada cantada pelo vento. Ele quer saber se Zumbi e o vento são amigos. A mãe naquele gesto acolhedor, além de colocar o filho no colo acompanhado de cafuné, conta que Zumbi era sim amigo do vento, da capoeira, da música, do pião, dos passarinhos e de tudo que fosse livre.

A sonoridade que percorre a narrativa também demarca mais uma das características observadas, como relevantes dentro da literatura que provoca encantamento nas crianças. Nesse momento passamos a perceber o potencial literário deste livro e a intencionalidade do texto que apresenta a literatura e a história entrelaçadas para com o objetivo de educar, formar e reescrever um momento que tem um poder ideológico muito importante. Como podemos confirmar diante da reflexão de Eliane Debus et al. em *Literatura Infantil e Juvenil: pelas frestas do contemporâneo*:

“E nesse movimento de ideias, aqui apontando de modo sucinto, pretendemos abordar a aproximação entre a literatura e a educação como campos de conhecimentos vivos, históricos e ideológicos, no contexto do acontecimento da formação humana”. (DEBUS, 2017, p.20)

A mãe segue a narrativa ressaltando que há beleza na figura de Zumbi, ou seja, aqui temos a marca da sua negritude. Conceito que de acordo com o *Dicionário Escolar Afro-Brasileiro* (Lopes, 2006) significa pertencer à coletividade dos africanos e afrodescendentes, pois ele era um rapaz bonito, forte, valente e sua pele parecia com a cor da noite. Nesse contexto, percebemos a beleza negra sendo exaltada, através da imagem de Zumbi. A mãe compara a beleza do menino a de Zumbi, ou seja, reforça sua negritude. Destaca também que, para além disso, Zumbi era um ser iluminado cujo brilho permaneceu até hoje, já que cada vez que contamos a sua história ele está presente. Notamos que a valorização do corpo negro se configura neste trecho da narrativa, como também a questão da memória, dos valores, da luta pela liberdade. “[...] Zumbi era forte, valente, inteligente e bonito como você” (Rosa, 2016, p. 11) Como enfatiza o escritor Kabengele Munanga em seu livro *Negritude: usos e sentidos* (2012) é preciso que todos entendam a importância da resistência cultural:

“Tomar consciência histórica da resistência cultural e da importância de sua participação na cultura brasileira é o que importa e deveria fazer parte do processo de busca da identidade negra por parte da elite politizada” (Munanga, 2012, p. 17).

A mãe enfatiza que o líder negro não queria que o povo do quilombo voltasse a ser escravizado. Que ele cuidava do quilombo com muita dedicação, era o guerreiro mais forte, o comandante que liderava os outros homens, por isso os seus feitos são conhecidos até hoje. Tais características ressaltadas pela mãe reforçam o valor e a importância que sua família vê na liderança de Zumbi. Ela ainda destaca o quanto ele lutou em favor dos negros e como resistiu. Assim seu status simbólico para a família vai sendo repassado para o membro mais jovem.

Segue com a narrativa mostrando a importância do protagonismo de Zumbi dos Palmares por abraçar essa luta e essa causa a favor da liberdade de todos os escravizados do Brasil, dessa forma, ele se tornou essa pessoa tão especial para todos nós. Hoje, em 20 de novembro comemoramos o seu dia, para que ninguém

se esqueça das maldades que foram feitas contra os negros e da luta desse grande homem, contra os que cometiam essas atrocidades. Finalizando a história, juntos deram um viva a Zumbi pelos seus feitos. Depois se abraçaram, longamente. O menino disse à mãe o quanto gostou da história, chamou Zumbi de seu amigo. O bolo já estava pronto, cheiro gostoso que perfumava a casa.

A segunda narrativa que trouxemos para dialogar é o livro *Zumbi, o pequeno guerreiro*, do escritor Kayodê (2007) e ilustrado por Edmilson Q. Reis aliado à editora Quilombhoje que é um coletivo cultural responsável pela publicação da série *Cadernos Negros*. A narrativa apresenta uma parte da história afro-brasileira. Consta na lista de indicações da revista *Raça* (13, 2022) que o apresenta como um livro que convida seus leitores a fazer reflexões.

Temos uma obra de ficção inspirada na vida de Zumbi dos Palmares com o objetivo de mostrar a importância de lutar pela liberdade. Como a escrita é voltada para as crianças, o autor optou por trazer Zumbi como criança também, portanto temos muita ação, brincadeiras, imaginação e diversões que fazem parte do mundo infantil. Além disso, a produção narrativa teve como intuito atender as Leis 10.639/03 e 11.645/2008, a fim de ampliar o repertório cultural, promover o respeito e o bem entre as pessoas, além despertar nas crianças o sentimento de pertencimento, incentivar o protagonismo negro. Também houve interesse em produzir um trabalho que articula a ficção e a história para reescrever história de zumbi para mostrar a razão de atualmente o líder fazer parte da galeria oficial de heróis brasileiros.

Na obra, Zumbi e Dandara vivem em liberdade no Quilombo de Palmares e são muito felizes vivendo lá. Aproveitam as manhãs e as tardes de sol para brincar, dançam, lutam capoeira, comem frutas, mas tudo isso passou a ser ameaçado quando o Quilombo foi invadido. Nesse momento, os dois precisaram ajudar na defesa de Palmares e precisaram lutar para não perderem a sua liberdade. O Quilombo é descrito com todas as maravilhas que há em uma floresta e o alto do morro, as palmeiras são o lugar das brincadeiras dos pequenos protagonistas negros, vivendo suas histórias rodeados de bichos, zum zum zuns e liberdade. Existe um convite para que as crianças leitoras se encantem pelas brincadeiras.

*“De manhã bem cedo
Depois que o sol mostra a cara
Aonde vai Zumbi?
Chamar sua amiga Dandara
- Danda, vamos brincar?”*

- Oba, é pra já

*Eles brincam de pega-pega
E de plantar bananeira
Sabem dançar uma dança
Que parece capoeira
-Vamos comer maçã?
- Vamos pra cachoeira”*
(KAYodê, 2007, p. 4).

Em Palmares existiam muitos habitantes de raças diferentes e todos eram livres. Havia diversidade, respeito e dignidade que são temas importantes para a literatura afro-brasileira. O poema entrelaça a memória, a História e a ficção. A quebra da linearidade se dá quando este retrata a invasão de Palmares. Quando os inimigos invadiram o Quilombo, as crianças tiveram que encerrar as brincadeiras e lutar como se fossem adultos. As pessoas começaram a correr e gritar, tudo saiu do lugar, pediram socorro e rezam Ave-Marias. Como podemos confirmar na citação, as crianças optaram por lutar, tomaram para si a atitude de resistir.

*“- Que foi, Zumbi?
Dandara pergunta
- São aqueles homens ruins
eu acho que vai ter luta
Um guerreiro começa a gritar:
- Gente, vamos lutar!*

*Dandara quer chorar:
- Zumbi, pra que brigar?
Se a gente não lutar
eles vão nos escravizar
vão prender a gente com umas correntes pesadas
e vamos ter que trabalhar
sem ganhar nada”.*
(Kayodê, 2007, p. 6).

*“Mas os soldados estão prendendo todo o povo
Zumbi fala ‘não’ Dandara grita de novo
(Kayodê, 2007, p. 8).*

*“Zumbi fica bravo
É ali que ele vive
- e ninguém vai ser escravo
- Socorro, Zumbi, socorro
Um guerreiro diz assim:
- Zumbi, você deve fugir”*
(Kayodê, 2007, p. 9).

*“Mas Zumbi tem uma herança
Uma lembrança de seus pais
Que já não vivem mais
Zumbi ganhou uma lança
E a fé nos orixás*

*Lá no meio da luta
Parece que ele escuta
As vozes de seus pais:
‘Vá em frente, rapaz
você é um menino bonito
forte e inteligente
você pode vencer
vá ajudar sua conta!’
(Kayodê, 2007, p. 10).*

*“E ele corre, ginga, dança
E consegue pegar sua lança*

*Mas a lança de Zumbi
Parece que fica viva
E está bem atrevida
Ele joga a lança, vum
Lá no céu do quilombo
E ela volta, zum
Picando
que nem marimbondo”
(Kayodê, 2007, p. 11).*

*“O povo é corajoso
E luta por liberdade
Ai, vixe, Maria
O inimigo fica com medo
E foge lá pra cidade*

*Viva! Viva!
Que zum-zum-zum!
Que correria! “
(Kayodê, 2007, p. 14).*

*“As crianças podem de novo
Brincar lá no quilombo
E o povo depois de lutar
Vai cantar e trabalhar
Mas se o inimigo voltar
Ui, vixe, Maria, a lança vai voar”.
(Kayodê, 2007, p. 16).*

Partindo de uma interrupção no cotidiano das personagens, a narrativa acontece. Zumbi e Dandara são dois amigos que se divertem muito juntos e

expressam um grande afeto e cuidado entre si, apesar de ainda serem crianças, são grandes guerreiros. Certamente, a narrativa oferece às crianças, pré-adolescentes, adolescentes e adultos, uma abordagem reflexiva, e ao mesmo tempo divertida, da história de Zumbi dos Palmares. De acordo com o texto *Mestiçagem como símbolo da identidade brasileira*, de Kabengele Munanga (2010), a literatura infantil além de poder ser utilizada como recurso para nortear as discussões, também pode ajudar a construir associações positivas nas crianças negras, pois “*Através do seu caráter lúdico e de seus elementos simbólicos, a literatura pode despertar sonhos, deslumbramento, coragem e empoderamento*” (Munanga, 2010, p. 447).

As narrativas que seguem essa linha têm o objetivo de romper com o silêncio, despertar o sentimento de acolhimento e solidariedade entre as pessoas e mostrar que devemos conhecer o passado para romper com os preconceitos. Incentivar a cultura do bem, através do respeito a todos os indivíduos. De acordo com artigo *Memória e identidade social*, de Michael Pollack (2016), os silêncios são parte de uma estratégia para controlar a sociedade.

“É sempre um trabalho de lidar com silêncios que incomodarão aqueles que se alimentam destes para controlar a sociedade. Pode-se imaginar, para aqueles e aquelas cuja vida foi marcada por múltiplas rupturas e traumatismos, a dificuldade colocada por esse trabalho de construção de uma coerência e de uma continuidade de sua própria história”. (Pollack, 2016, p. 11).

Como estamos tratando de uma literatura para crianças, tais narrativas querem apresentar a possibilidade de união entre os povos, motivando a família a começar esse projeto em casa, em seguida que o professor possa retomá-lo no ambiente escolar. De acordo com Cavalleiro, “*o silêncio que atravessa os conflitos étnicos na sociedade é o mesmo que sustenta o preconceito e a discriminação no interior da escola*” (Cavalleiro, 2000, p.198). No entanto, através da mediação a qual é parte essencial para processo de leitura com as crianças e adolescentes, esses conseguirão fazer as inferências e as ponderações necessárias sobre o tema, em especial as de pele negra, possam construir uma identidade racial positiva.

“O resgate de sua cultura, do seu passado histórico negado e falsificado, da consciência de sua participação positiva na construção do Brasil, da cor de sua pele... O que seja, a recuperação de sua negritude, na sua complexidade biológica, cultural e ontológica”. (Munanga, 2010, p. 447).

4.3 DIALOGANDO COM AS OBRAS JUVENIS

“Depois de ‘que é a Literatura?’, ‘Quem fala?’, e ‘Sobre que?’, a pergunta é ‘para quem?’ Parece inevitável” (Compagnon, 2003, p. 2003).

A literatura, além de seu caráter artístico, possui também uma função social, que é a de representar a realidade, bem como questioná-la e repensá-la, a fim de promover transformações necessárias. Portanto, é urgente selecionar produções que rompam com a predominância dos estereótipos e trazê-las para as discussões acadêmicas. Há narrativas que ainda não são conhecidas e precisam ganhar visibilidade, pois são trabalhos que prezam pela qualidade textual favorecendo o lúdico, o encantamento, a beleza e a identificação positiva das crianças e dos adolescentes com as personagens retratadas.

Desta forma, poderemos contribuir para que todos negros ou brancos cresçam capazes de combater o racismo. No caso das crianças negras, em especial, poderão desenvolver em suas mentes maneiras de enfrentar o racismo que ainda vigora na nossa sociedade, mesmo nas escolas com as crianças e adolescentes de periferia há comparações entre os seus tons de suas peles. Lopes (2006) argumenta que são ideias discriminatórias propagadas por pessoas que se acham superiores a outras pessoas. Como oposição a esse pensamento justifica-se a importância de apresentarmos o protagonismo dos negros que sofreram e ainda sofrem com essa situação. Em *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens* Eliane Debus afirma que:

“Ao colocarem personagens negros em posição de protagonismo, sucesso e destaque, estas histórias deslocam a pirâmide em que o negro está sempre por baixo, este é um dos objetivos da literatura: A literatura devolve aos seres humanos sua dignidade, porque por meio da palavra, coloca-os na condição de protagonistas e responsáveis pela condução de processos sociais complexos, difusos ou, por vezes caóticos, pelos quais eles estejam imersos”. (Debus, 2017, p.29)

O livro *Palmares de Zumbi* foi escrito por Leonardo Chalub (2019) e venceu a 62ª edição do prêmio Jabuti na categoria juvenil. O autor dedica o livro a Zumbi

que lutou e venceu todos os capoeiristas, que até hoje utilizam a arte da capoeira para quebrar as correntes de todos os tipos. Essas correntes, de acordo com Chalub (2019), foram impostas por pessoas que criaram sistemas corruptos e opressores: sociais, econômicas e psicológicas. A capoeira percorre todo o livro e, em alguns momentos, é utilizada para servir de ensinamentos forjados nesse universo cultural. Como destaca Chalub (2019), a maior lição da capoeira é a de que todo mundo um dia cai, portanto não adianta usar uma corda de mestre se tiver medo de cair, porque quem é mestre de verdade sabe que a capoeira foi feita para nos ensinar a levantar. Os ensinamentos são diversos nessa narrativa. Todo tempo Zumbi, que em alguns momentos foi Francisco, aprende e ensina com e para o seu povo.

Ao iniciar a escrita de seu livro, o escritor explica que à medida que ele foi escrevendo assustou-se com o que lia e sobre o que escrevia, pois diante da história da escravidão brasileira ele precisou dizer que pessoas foram negociadas que houve compra e venda e até troca dessas pessoas. Essa situação trouxe reflexões profundas a respeito da importância de sua escrita. A história narrada inicia-se com a trágica imagem de um feitor machucando um escravo fugitivo, o qual estava amarrado em um tronco e levava várias chibatadas. *“Pela fuga do engenho, este escravo está condenado a quarenta chibatadas; por desacato e resistência, a mais trinta, segundo a vontade e determinação do seu senhor - disse o feitor, para todos que ouvirem”*. (CHALUB, 2019, p. 13). Zumbi presencia essa situação e tenta ir até lá para ajudar o escravo, mas ele desmaia. Zumbi nesse tempo é apenas uma criança que morava na igreja como confirma a citação a seguir:

“À noite, durante a missa, Francisco auxiliava o padre buscando objetos, limpando o que tivesse que ser limpo, mas nunca deixando que um dos fiéis o visse. Aquelas celebrações não eram para negros, mesmo os tidos como não escravos ou em fase de catequização”. (Chalub, 2019, p. 16).

Francisco/Zumbi era um coroinha que pertencia a um padre o qual lhe alfabetizou. *“Além de aprender a ler e escrever em Português e em Latim, Francisco aprendia algumas palavras dos idiomas indígenas que as crianças com quem convivia falavam”* (Chalub, 2019, p. 18). Um dos amigos mais próximos era um pequeno indígena cujo nome de batismo era Manuel. O garoto tinha grande destreza na fabricação de objetos, usando palha, corpos e madeiras, além de um vasto conhecimento sobre todas as ervas medicinais e preparação de peixes.

Depois de ver o que o feitor fez com aquele negro, ele planejava uma rota de fuga. Ele estava decidido a explorar o terreno e sabia que os feitores conheciam bastante a região. Seus cães eram bem eficientes ao rastrear os escravos fugitivos e não estava disposto a ser capturado e conhecer as consequências da fuga. Zumbi fica com aquela imagem na cabeça, a do feitor maltratando o negro e à medida que o tempo vai passando, ele fica imaginando como poderia fazer para se vingar desse feitor. *“Francisco pensava no que fazer para vingar-se do feitor que havia matado o escravo a chibatadas, mas não conseguia pensar em nada que estivesse ao alcance e fosse grave o suficiente para equivaler ao crime”* (Chalub, 2019, p. 17). Francisco mesmo sendo criança começa a ter consciência da desumanidade com que os escravos eram tratados e seus pensamentos são um forte impulso para o seu protagonismo nessa narrativa.

Francisco teve a ideia de durante a madrugada desamarrar o negro do tronco, colocá-lo na porta do feitor e matar uma galinha para pegar o seu sangue. Fazendo com que o sangue parecesse ser do negro e então amedrontassem a tropa do velho e o boato de algo sobrenatural corresse pela cidade. Com isso, o boato de uma crença que o lugar era assombrado ia só aumentando. Essa confusão em torno do espírito do escravo ajudaria em sua fuga. Francisco propõe a Manoel que fugisse com ele, mas no trajeto da fuga eles foram surpreendidos por alguns homens que tentaram tirar a vidas deles. Infelizmente, Manuel, o menino indígena, foi morto. Francisco preso e machucado:

“O chão escorregadio, molhado pelo fino orvalho, os pés moídos pela caminhada ... e a fome. Chegava a hora do combate, e os soldados sabiam que não podiam dormir ou vacilar. Eles sabiam que enfrentariam o inimigo número um da coroa, um herói para o povo para muitos, um espírito imortal”. (Chalub, 2019, p. 11).

Quando Francisco acordou já estava acorrentado na senzala de uma fazenda. Pela manhã, foi marcado com o brasão do Engenho do Fundão. *“Quando recobrou a consciência estava amarrado em grilhões pelos pés e pelas mãos”* (Chalub, 2019, p. 28). Levaram-no ao engenho de açúcar e chegando lá, ele conheceu vários homens que estavam sendo escravizados. Lá na fazenda, ele ouviu falar sobre os quilombos e conheceu a capoeira. *“Palmares tornou-se o único assunto entre os escravos. Francisco nunca tinha ouvido falar do quilombo, mas passou a escutar várias histórias sobre o lugar, através de cochichos e sussurros”*

(Chalub, 2019, p. 34). O momento em que Francisco começa a conhecer as histórias de Palmares e a cultura afro-brasileira é marcado por sua chegada na fazenda. Esse tempo em que vive lá é muito importante para que ele conheça o seu potencial e desenvolva-o. A partir da sua captura, ele começa a pôr em prática seus pensamentos estratégicos e utiliza tudo o que aprendeu com o padre para agir a favor da liberdade.

Em seguida, Francisco conheceu homens que eram de Palmares e se reunia escondido com eles:

“Nós somos filhos de Palmares - disse um escravo sentado num canto escuro. Palmares? - Perguntou Francisco. - Vai, rapaz, você não pode ficar aqui - Disse outro, rangendo os dentes ao pensar no que aconteceria ao menino caso fosse flagrado ali”. (Chalub, 2019, p. 33).

Eles ficaram separados porque eram considerados perigosos. Mas os homens pediram para que ele soubesse de lá. Francisco ia ouvindo sobre as histórias de Palmares e o mesmo sem saber a localização certa do quilombo planeja uma fuga para lá. Para chamar a atenção do feitor e se infiltrar na casa grande, resolve escrever em latim no chão com um graveto e lê em voz alta. Depois de descobrirem suas habilidades especiais, teve contato reduzido com os outros escravos, para não correr riscos de que eles se correspondessem com outros escravos letrados de outras fazendas.

“Todos sabiam que escravos com habilidades especiais podiam ter muitas regalias, mas aqueles que sabiam ler e escrever tinham um contato extremamente reduzido com os demais escravos nenhum senhor correria o risco de permitir que um escravo escrevesse cartas, ou bilhetes para outros escravos letrados das demais fazendas”. (Chalub, 2019, p. 37).

No caso de Francisco era ainda pior já que ele estava ali ilegalmente, pois pertencia ao padre e podia fazer uma carta chegar até ele. Ele serviu a casa-grande por seis meses e conheceu toda rotina do local. Com isso, ganhou a confiança do patrão e aprendeu a manipulá-lo. Depois foi conquistando cada vez mais espaços e ganhando permissões maiores:

“Após seis meses servindo a casa-grande, Francisco já conhecia cada canto da residência e compreendia o funcionamento do lugar, cuja rotina sofria grande influência do humor do patrão. Para o

menino, o homem havia se tornado absolutamente previsível e manipulável à medida que as compras começaram a chegar conforme a lista escrita pelo senhor do engenho, sem enormes desacertos cometidos pelos feitores, Francisco ganhou a confiança do patrão e pode inclusive participar das rodas de capoeira que aconteciam todos os domingos. Nenhum outro escravo da casa-grande possuía regalia igual”. (Chalub, 2019, p. 42).

Aproveitou uma oportunidade de distração dos guardiões para libertar os escravos. Colocaram fogo em tudo. Alguns morreram, mas a maioria fugiu. Francisco fugiu com Elório que no meio da fuga decidiu lhe dar um nome de negro e chamou-o de Zumbi. Eles foram para Palmares. “- *Zumbi, seu nome é Zumbi, porque deixou os brancos cagando nas calças de medo. – E saiu gargalhando, em êxtase por estar livre*” (Chalub, 2019, p. 51). Chegando em Palmares, foram recebidos por homens pintados com símbolos de guerra. Receberam os cuidados que precisavam, Zumbi crescia junto com a sua vontade de aprender. “- *Eu sou preto, sempre fui. Agora meu nome é Zumbi, e eu vou pra Palmares! - respondeu o menino, entusiasmado*” (Chalub, 2019, p. 51). Transcendeu a capoeiragem reinventando novas formas de jogar capoeira. Enfrentou muitos soldados no campo de batalha. Esse trecho marca um momento de busca de pertencimento do protagonista, de afirmação de identidade e de luta e resistência.

Apaixonou-se por Dandara e casou-se com ela. Tornou-se referência no combate contra a escravidão. Dominava as técnicas das guerras e o manejo das armas, tornando Palmares um lugar fora do controle português. O que desencoraja as invasões a Palmares enquanto ele invadia as fazendas e os engenhos libertando os escravos e criando pânico entre os escravagistas. Toda oportunidade que tinha ensinava aos seus guerreiros sobre as responsabilidades das suas ações. Ele se orgulhava de também ter sido aprendiz de Elório e Aqualtune¹³. Notamos que Zumbi teve a oportunidade de aprender muitas coisas com os dois personagens mais velhos e que valorizou isso.

“Elório o introduziu à capoeiragem , uma forma de luta que os escravos disfarçavam como dança, jogo e musicalidade. Eles simulavam momentos de confraternização para treinar golpes mortais, que vinham sempre seguidos de movimentos acrobáticos e teatrais”. (Chalub, 2019, p. 31).

¹³ Aqualtune era a avó de Zumbi.

Sabia distinguir os homens bons dos maus a distância, e que não importavam as diferenças, mas o que a pessoa carregava no peito. Zumbi era ovacionado por onde passava e passou a morar no Mocambo. Seu nome corria para todos os lados. Até que Jorge Velho¹⁴ espalhou a notícia de uma vitória fictícia sobre ter exterminado Zumbi. Diversos documentos foram forjados, tornando oficial essa história que foi inventada. Mas Jorge Velho esteve longe de conseguir transformar em verdade esses boatos que espalhou sobre a morte de Zumbi. É importante destacar que o narrador faz menção ao Jorge Velho sem colocar o nome Jorge. Ele apenas diz as tropas do Velho, nesse caso, ele apenas coloca apenas velho já percebemos uma crítica pela falta de nomeação do branco.

Imaginamos que seja uma estratégia de inversão do que é feito com os negros na história oficial, nos momentos em que seus nomes são apagados. Notamos que a reescrita de Chalub (2019) proporcionou uma inovação nesse quesito. Além de narrar, o autor teve a preocupação de demarcar de forma inovadora os personagens históricos mostrando que podemos imaginar outras versões da mesma história. Como considera Munanga (2016), compreender o passado desconhecido possibilita o entendimento do quanto ele interfere no presente.

Queremos enfatizar que através do personagem Francisco que depois torna-se Zumbi podemos observar a promoção da autoestima e afirmação da identidade; destaque para a convivência entre as culturas já que o Quilombo não abrigava somente negros, mas todos que lutassem pela liberdade; apresentação da capoeira que faz parte da cultura afrodescendente e as possibilidades de explorar os ritmos e as danças; fazer brincadeiras e interagir com os outros valorizando a oralidade e a corporeidade para que cada um possa conhecer o seu potencial.

Dentro dessa linha de escrita temos a contribuição de uma narrativa que foge da linha tradicional, pois narra a história de Palmares a partir de uma personagem feminina e de como o seu olhar registrou esse momento. O livro *As lendas de Dandara* que também segue essa linha de afirmação da figura do negro é um romance cordelista, um recorte da história que se passa no quilombo dos Palmares, confeccionado pela escritora Jarid Arraes (2016). Dandara, protagonista da narrativa, é descrita como uma heroína. Ela dominava as incríveis técnicas da

¹⁴ Domingos Jorge Velho era um bandeirante paulista que liderou as tropas que destruíram o Quilombo de Palmares.

capoeira assim como Zumbi, participava da elaboração das estratégias de resistência do Quilombo e lutou ao lado de homens e mulheres nas muitas batalhas e ataques a Palmares.

Nessa narrativa, tanto Zumbi como Dandara são mitos que participam de muitas versões, na tentativa de preencher as lacunas, deixadas pela história hegemônica. Não menos importante que a História, os discursos poéticos e literários passam a acrescentar informações que se baseiam em diversas formas de pesquisas, acompanhados do poder de criação e ficcionalização, os quais nos encantam e ajudam a resgatar e valorizar a nossa História:

“Zumbi nutria por ela uma admiração que se confundia com adoração. Às vezes, sentia até um certo temor, um sentimento que o colocava em posição de distanciamento, ao mesmo tempo que desejava lhe beijar as mãos com afeto sofrido. Almejava a vida compartilhada, a palhoça dividida e a imagem de seus cavalos lado a lado, na linha de frente de todas as batalhas e vitórias”. (Arraes, 2016, p. 72).

O destaque que a autora apresenta nesta narrativa é a representatividade da mulher negra como uma grande líder, pois aos nove anos de idade ela já era uma heroína que explorava todos os cantos da mata e realizava grandes feitos. Para Dandara, todas as mulheres deveriam ser guerreiras, por isso fazia questão de provar a sua coragem, todos os momentos que tinha oportunidade de fazê-lo:

“Dandara vivia na constante expectativa de provar sua coragem e valor para as batalhas. Tinha a sensação de que guerreiros a aceitavam por perto porque era criança e não podia se arriscar em lutas pesadas. Mas não parava de questionar-se, quando crescesse e tivesse idade suficiente, iria poder se juntar a eles de fato”. (Arraes, 2016, p. 41).

Acreditamos que as crianças e os jovens negros ao terem contato com essa versão irão desenvolver uma identificação com a personagem, pois ela tem características importantes, tais como a persistência e a coragem. Em muitos momentos, percebemos que há oportunidades para que o leitor reflita sobre o pertencimento coletivo, tanto quanto para combater o racismo.

O cordel de Jarrid Arraes é um ponto de partida para refletir e discutir a respeito do potencial da mulher negra como heroína. A autora inseriu Dandara em situações que exercia liderança e nas lutas ao lado de Zumbi, ela era tão importante

quanto o seu amado e juntos venceram muitas batalhas. Dandara contribuiu com toda a construção da sociedade de Palmares, e para sua organização socioeconômica, política e familiar. As mulheres se espelhavam nessa guerreira:

“Ninguém sentia medo. Dandara havia se encarregado de acompanhar cada um deles, como técnica de fortalecimento mental, longas conversas e orientações estratégicas para quase todas as situações possíveis. As mulheres se espelhavam em Dandara e se consideravam preparadas para as batalhas; se sentiam unidas pela imagem da líder, refletidas umas nas outras”. (Arraes, 2016, p. 103).

No Quilombo, todas as funções poderiam ser exercidas por pessoas de ambos os sexos mostrando que não deve haver funções determinadas para homens ou mulheres. A guerreira diante das invasões sempre escolhia o enfrentamento: *“Dandara subiu em uma árvore e ficou de pé sobre um galho grosso, para que a multidão de palmarinos a enxergasse e ouvisse sem dificuldades”* (Arraes, 2016, p. 105). Dandara era aquela que lutou e permaneceu lutando. A mulher negra que guerreava juntamente com o exército de Zumbi composto de maioria masculina, porém muitas vezes até liderava-o. Passou a ser uma figura que carregava representatividade, para aqueles que acreditavam que resistindo iriam vencer a grande batalha. Sua presença muitas vezes deixava alguns homens admirados, espantados e até pasmados. Como podemos observar no seguinte excerto:

“– Eu sou guerreira do Quilombo de Palmares. Vim aqui para entregar o controle deste navio nas mãos de alguém capaz de guiá-lo de volta ao porto de onde saiu. [...] Dandara estava ardendo em energia, passando o seu olhar por todo porto”. [...] (Arraes, 2016, p. 62).

Em sua narrativa, a autora destaca a importância da beleza e do talento de Dandara que lutou ao lado do rei dos Palmares, mostrando toda a sua força, coragem e habilidade para a guerra. Como podemos perceber na passagem narrada pelo personagem Kambo: *“- Ela lutou sozinha contra quatro homens brancos! – dizia, gabando-se como se os seus olhos tivessem realmente sido testemunhas do entrevero”* (Arraes, 2016, p. 66).

Para a escritora, toda mulher negra tem muito dessa heroína e inspiram-se na sua coragem, na sua força, buscando representação em sua trajetória, ainda que seja uma lenda, ou tenha sido uma mulher real, sempre será uma inspiração, para

seguirem com as lutas contra o racismo e contra o machismo que continuam até os dias atuais.

O que diferencia esse texto dos demais é que as cenas de liderança são divididas entre Zumbi e Dandara. Ambos guerreiam juntos contra as invasões feitas ao Quilombo. Há muitas passagens no cordel que podemos observar a relação dos líderes:

“Embora abatida, Dandara não descuidava dos treinamentos. Com rumores de guerra, Palmares precisava se prevenir em todos os aspectos. Zumbi e Dandara desempenhavam as funções necessárias, cobrindo as áreas do quilombo para que tudo pudesse ser feito com mais rapidez”. (Arraes, 2016, p. 118).

Zumbi dizia que amava sua esposa e ela o retribuía. Juntos libertaram muitos negros. Em todas as batalhas, Zumbi fazia questão de sua companheira liderando o exército palmarino. Infelizmente, como apresentado pela narrativa na última batalha de Palmares, Zumbi e Dandara não tiveram tempo de trocar palavras:

“Se ao menos tivesse esperado mais dois minutos, teria encontrado Dandara, supunha. A guerreira voltou para a clareira naquele momento, olhando para trás. A poucos metros dali, tinha enfrentado sozinha um grupo de homens brancos com armas de fogo. Escapara por pouco. Escapara por pouco, mas não a tempo de encontrar Zumbi. Apenas o viu fugindo, fazendo sinal para que os outros guerreiros o seguissem. Embora quisesse acompanhá-los, foi detida por um soldado bloqueando o seu caminho”; (Arraes, 2016, p. 120).

Juntos, o casal de guerreiros, resistiu mesmo no final da batalha, com poucos guerreiros, Zumbi estimulava os malungos a vencerem e Dandara enquanto dançava dando golpes precisos, ia também cortando gargantas. Ela sentia no seu corpo, o sofrimento de um continente inteiro, mas enfrentava os soldados brancos, corajosamente e sempre tinha seu amado em seus pensamentos.

A liderança de Zumbi ainda era muito forte, gritava encorajando seus malungos, mas percebia que aquela guerra seria diferente das outras e aos poucos foram se perdendo um do outro: *“Estavam ocupados demais, protegendo outras pessoas e tentando exercer seus papéis de líderes. Com muita precisão, pareciam*

ensaiados, como se dançassem juntos, embora em palcos separados” (Arraes, 2016, p. 119).

O heroísmo de Dandara foi a força motriz que fez com que seu nome ecoasse, durante todo esse tempo e chegasse até nós, para que pudéssemos contemplar esse exemplo de mulher negra que lutava com homens brancos, como ninguém, não se adequava muito aos serviços domésticos, mas tinha ótimas ideias e estratégias para guerra. Sempre defendia o quilombo com toda sua força. A líder palmarina foi uma guerreira que vivia em harmonia com a mata e tratava a pedreira como seu cordão umbilical. Sua história foi escrita com louvor, protegida por lansã que lhe dizia ter um futuro promissor:

“Quanto mais Dandara passeava pelo quilombo, mais sentia um renovar de energias. Ela amava conhecer e reconhecer minuciosamente as redondezas e até elegeu seus lugares favoritos: a clareira, onde praticava capoeira, e a pedreira que ficava próxima de um dos lados da fronteira. Na clareira, Dandara gostava da companhia dos momentos de cumplicidade e da ajuda mútua que ofereciam uns aos outros para aperfeiçoar a luta; mas, na pedreira, seu grande prazer era a solidão. Lá bem do alto podia conversar consigo mesma e sentir uma ligação profunda com Palmares. A pedreira era o seu cordão umbilical com o quilombo”. (Arraes, 2016, p. 49).

Quando nos recordamos do passado no nosso presente, percebemos o quanto a sociedade brasileira, ainda precisa admitir o seu racismo e reconhecer as consequências da escravidão que perdura até hoje. É preciso que a partir dessa consciência, todos se movimentam, todos lutem, para combater as desigualdades sociais e raciais. Sem que o racismo seja reconhecido, não há como combatê-lo. As pessoas precisam parar de repetir os erros do passado e se unirem promovendo a igualdade, pois essas diferenças que exaltam alguns grupos e diminuem outros, existem até hoje na nossa sociedade, de maneira efetivamente real.

Sem que isso seja feito, pouco será mudado e o racismo continuará sendo perpetuado, gerando mortes, sofrimentos reais e resultados terríveis. É preciso que a história afro-brasileira seja contada, que seja valorizada, nos contextos escolares e nos meios acadêmicos, pois as pessoas precisam conhecer esses fatos ainda escondidos. Só a união das vozes poderá romper com as mentiras racistas contadas sobre as pessoas negras.

O racismo e o machismo fazem parte da história de muitas mulheres, desde violências psicológicas até violências sexuais. A forma como essas mulheres experienciaram as questões que viveram e sobreviveram nos levam a refletir sobre as nossas condições. Esses textos têm um papel importante na promoção de conscientização de outras mulheres, pois as situações vividas que envolviam direitos violados, sofrimentos e dores podem impactar leitores e leitoras fazendo-os repensar seus valores.

No caso da literatura, a pior parte é que nem sempre escrever algo de qualidade é suficiente para obter um espaço e reconhecimento, pois alguns temas e algumas pessoas nem sempre são bem-vindas em editoras e eventos de literatura. Sabemos que toda literatura tem impacto social, mas é importante pensar sobre o tipo de impacto que está sendo causado. Uma obra pode naturalizar o racismo ou pode apresentá-lo de uma forma crítica, por exemplo: tentar romper preconceitos porque acreditamos na igualdade social.

Acreditamos que o livro pode ser visto a partir de um viés do feminismo negro, pois apresenta Dandara como uma mulher que não se submete as regras determinadas pelo patriarcado. A personagem rompe com as amarras sociais impostas ao corpo feminino negro ao lutar ao lado de Zumbi e dos homens palmarinos. Assim como nos aponta hooks (2019) as histórias de mulheres negras radicais, assim como Dandara, são essenciais para inspirar outras mulheres negras e auxiliar na formação de sua identidade.

Devemos questionar ainda, o que significa ser mulher e quais mulheres têm conquistado espaço no mercado literário. Ao fazer essa leitura, concluímos que toda mulher negra tem muito de Dandara e que todas de alguma forma, são Dandaras. cremos que o segredo da coragem e da força está na colaboração coletiva, no reconhecimento das outras, como parte inseparável de si mesma, pois nós chegamos muito mais longe do que sequer poderíamos imaginar. Dandara foi o símbolo de força da mulher negra, empoderada, cercada de mistérios e conhecedora das técnicas da capoeira que a permitiam lutar. Ela nasceu para ser uma líder: *“Dandara ensinava aos guerreiros posições melhores para a luta, enquanto todos aguardavam que a reunião da tarde começasse. A guerreira exibia os músculos rígidos de sua panturrilha quando colocava o peso sobre uma das pernas”* (Arraes, 2016, p. 55). Vale ressaltar a importância de Dandara como um símbolo de representação para o povo negro.

Acreditamos que as crianças e os jovens possam apreciar essas poderosas linguagens e suas formas de narrar, pois como observamos que não há uma maneira absoluta de narrar, de ver, de olhar e sim pontos de encontro, entre esses diferentes modos de observar e ler o mundo. A relação do leitor com a sua percepção da leitura compreende as experiências vividas, através dos seus olhares e do que está em seu entorno, trazem compreensões diversas, significativas e até inéditas.

A Palmarina rompe com os estereótipos construídos, em torno da figura da mulher, sem deixar a sua feminilidade de lado, ama, casa-se e tem filhos. Mas sempre esteve além do esperado: transformou pensamentos sociais com a sua voz forte que ecoava por toda Serra da Barriga. O cordel de Jarrid Arraes é um trabalho sólido, contemporâneo que pode ser lido em consonância com múltiplos diálogos.

Cabe aos críticos, como destacam os autores Grínor Rojo, Sara Rojo e Graciela Ravetti em *Por uma literatura política da literatura: três perspectivas latino-americanas* (2002), ter sensibilidade, observar os detalhes, as motivações, as paixões e as manipulações. O papel do crítico é tentar atravessar esse labirinto linguístico que as linguagens formam entre si, para atingir as nossas emoções. Entendendo que com isso é possível trazer questões, discuti-las e avaliá-las. Sabemos que na nossa sociedade ainda é preciso desaprender algumas coisas que se solidificaram e não são positivas. Precisamos expurgar o mal-estar que isso tudo nos gera e recomeçarmos outra vez. Como nos alerta Angela Davis (2018), devemos estar atentos para novas formas de pensar, tais como, absorver a arte de desaprender algumas coisas como, por exemplo, o racismo e treinar outras como, a sensibilidade.

Lutar contra o preconceito e o racismo é um trabalho muito importante e que envolve a todos, crianças, jovens, mulheres e homens. Na narrativa, há uma convocação para que lutemos pelo desenraizamento de tudo aquilo que nos limita, que nos tire das prisões. O objetivo de um texto que pertence a uma luta de qualquer minoria é transformar a sociedade, na qual a força potente seja constituída, primeiramente, das necessidades do povo e não do capitalismo. Sabemos que muitos personagens brasileiros foram apagados da História que foi contada pelo vencedor e privilegiava apenas os feitos do exército português, entendemos a razão de encontrarmos, pouquíssimas pesquisas sobre Palmares e seus habitantes, quem

dirá sobre mulheres que faziam parte do Quilombo. Desse modo, sua existência oscila entre a ficção e a História.

É curioso perceber que ao estudarmos a história hegemônica, notamos que não há nenhuma referência sobre Dandara, simplesmente a ignoram, mas a literatura vem ganhando um espaço, para recriar a historiografia, com o estudo que visa além dos documentos oficiais, as histórias contadas pelo povo, tudo aquilo que foi guardado e passado de um familiar para o outro. Como a historiografia deixou muitas lacunas, a literatura persiste reescrevendo as histórias baseando-se nas crenças populares abraçadas pelos povos de geração em geração.

Os contos e as lendas crescem em torno dessas personagens, transformando-as em mitos que são representativos para essa comunidade. Essas personagens apagadas pela História são, muitas vezes, uma grande inspiração, para homens e mulheres se tornarem mais fortes e lutarem para que essas histórias sejam reconstruídas à luz de uma força e resistência que não aceita mais somente uma versão imposta pelo poder dos vencedores.

Diante do exposto, notamos que é preciso ser um crítico vigilante em relação ao que nos cerca, na mídia, existem ainda representações que são altamente prejudiciais às pessoas. Como constata bell hooks (1995), as relações opressivas estão por toda parte. É por isso urgente fazer uma revisão dos nossos valores sociais, pois estamos sendo bombardeados por imagens profundamente negativas do que é ser negro. Imagens as quais confundem a psique de todos. Mesmo com tantos trabalhos esclarecedores e estimuladores, para se reler o tema, as atitudes negativas rondam e logo após, invadem os terrenos prontos para plantio das novas sementes.

A literatura infantil e juvenil abre muitas vertentes, uma delas é seu uso para a formação do leitor, o que poderá favorecê-los futuramente. Concluimos que o uso da literatura negra e afro-brasileira se constituem como um elemento indispensável para a formação identitária da criança e do adolescente negros, por meio dos referenciais positivos, expressos nas obras, além de possibilitar as outras crianças o contato com a diversidade étnica e cultural, as quais são fatores essenciais para desconstrução de estereótipos e preconceitos originados ao longo do tempo, aspectos determinantes para a construção de uma sociedade igualitária.

5. AS SEMENTES DE ZUMBI DOS PALMARES

[...] *“nasci em terra estranha
e a fertilizei
com sangue
de meus ancestrais.*

*Enterrado aqui meu umbigo este chão se fez
minha casa também” [...]*

Poema “Semente”, de Neide Almeida (não paginado)

Neste capítulo, propusemos mostrar que a literatura infantil e juvenil vai muito além da função de educar as crianças e os jovens. Ela tem uma função artística, um contexto histórico e um contexto social. Ela é capaz de mostrar novos horizontes, exprimir pensamentos, mostrar a importância dos valores e apresentar um pensamento crítico sobre a realidade. Sabemos que por muito tempo a literatura infantil e juvenil ficaram à margem, mas atualmente é bastante explorada e já ganhou espaço nos estudos acadêmicos. Seu valor está na maneira peculiar com a qual utiliza a ficção ou imaginação. Nas palavras de Terry Eagleton, em seu livro *Teoria da Literatura* (1997, p. 2), *“A literatura transforma e intensifica a linguagem comum”*. *Claro que a citação abrange toda forma de literatura e a literatura para crianças e jovens têm o mesmo potencial*.

Através dos modos de narrar, a literatura pode, além de ensinar, sensibilizar, emocionar, criar signos de pertencimentos dentro das questões de identidade, trazendo questionamentos para serem pensadas e discutidas, tais como afetividade; representação, representatividade; heroicização e simbologia. Como destaca Elbert de Oliveira Agostinho em seu livro *Negritude, poderes e heroísmos*, é preciso ter condições de *“compreender esses vestígios, e visibilizar e legitimar as epistemes, que desestabilizam o cânone, ao exaltarem diferentes perspectivas do ser e do estar”* (Agostinho, 2021, p.18).

Os livros que trouxemos para análise, neste capítulo, estão todos em conformidade com as temáticas elencadas anteriormente. São livros que não fazem parte da lista dos canônicos e tiveram como missão trabalhar nas reescrituras históricas. Como destaca Eagleton (1997) a literatura tem uma forma especial de linguagem que depende da forma como alguém resolve lê-la e agregam juízo de valor a essa leitura, possibilitando além da leitura, releituras.

Consideramos os textos selecionados potentes e com capacidade de trazer muitas propostas para os seus leitores sejam eles crianças, jovens ou até mesmo adultos que desejarem aprofundar no universo da literatura infantil e juvenil. Como escolhemos apresentar em nossa tese Zumbi dos Palmares e traçamos um percurso das formas como ele foi e ainda é representado na História e na Literatura, deixamos para o capítulo final a apresentação mais detalhada das obras e os apontamentos que nos levaram a acreditar que Zumbi deixou como legado para o povo brasileiro suas sementes, tornando-se muito mais do que o Zumbi que conhecemos até agora. De acordo com o poema *Semente* de Neide Almeida que foi utilizado na abertura do capítulo, essa terra foi fertilizada, portanto teremos o que colher, os frutos das sementes de Zumbi.

De acordo com o *Dicionário Michaelis on-line* a palavra “semente” é definida como grão ou parte do fruto que provém do óvulo fecundado, introduzido na terra para que germine e produza uma nova planta. A palavra semente será um ponto de reflexão forte para esse capítulo, consideramos o fato de se referir à estrutura que contém o embrião de uma planta capaz de gerar uma nova vida, quando colocada em condições adequadas de solo, água e luz. Portanto, a semente é a base de reprodução das plantas e desempenha um papel fundamental na agricultura e na natureza como um todo. Esse processo pode ser análogo ao histórico de Zumbi dos Palmares, pois na perspectiva das narrativas sobre as quais nos debruçamos neste capítulo, Zumbi poderia ser visto como aquele que deixou as suas sementes. Sua perspectiva em relação à liberdade e a maneira como lutou por ela deixou um legado muito importante.

5.1 AS NARRATIVAS E AS SEMENTES DE ZUMBI

Zumbi dos Palmares nessas obras é apresentado para além da história, deixando de ser um personagem para dar lugar a um ideal, um conceito, ou seja, um símbolo de resistência e luta pela liberdade dos corpos e mentes das pessoas. A sua trajetória foi marcada pela libertação dos povos escravizados e reverbera até hoje em 20 de novembro, data que se tornou oficializada como o dia da consciência negra, para lembrar a identidade cultural do país, a valorização do líder do Quilombo de Palmares e da herança afro-brasileira. Assim sendo, a nossa proposta

perpassa por essas formulações de ideias que foram sendo construídas em torno da figura de Zumbi dos Palmares e do significado simbólico construído a partir de sua reputação. Logo, temos a criação, a gestação e a formulação conceitual sobre Zumbi dos Palmares.

No livro de Stuart Hall (2006) *Identidades culturais na pós-modernidade* temos a questão da identidade em discussão, uma das formas seria refletir sobre a sua identidade cultural, pensar como seria estar dentro e fora dela, pois segundo o autor as identidades são construídas dentro das representações, logo podemos representar e sermos representados por outros “*uma cultura nacional e um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as ações quanto a concepção que temos de nós mesmos*” (Hall, 2006, p. 50). Por conseguinte, podemos construir identidades, através de narrativas que retratam as culturas e valorizam essas identidades considerando sua memória e a história nacional.

Consideremos que as narrativas trazidas para as nossas discussões foram sendo construídas a partir de identificações dos protagonistas com o líder palmarino. Os textos selecionados são escritos com potenciais, de trazer várias propostas diferenciadas das tradicionais e reflexões para os seus leitores sobre os elementos culturais e os traços de subjetividades do sujeito étnico, sejam os leitores crianças, jovens, ou até mesmo adultos que desejarem aprofundar no universo da literatura infanto-juvenil. Cuti (2010) confirma a importância da inclusão da tríade: personagem, autor e leitor a esse respeito na literatura brasileira.

“O surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes a sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais que nos diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigma crítico-literário, noções classificatórias e conceituação das obras de poesia e ficção”. (Cuti, 2010, p. 11).

Em relação ao processo de visibilidade e importância encontramos destaque nas palavras de Bell hooks (2009) em *Olhares negros: raça e representação*. A autora disserta sobre a importância de construirmos uma nova forma de olhar social que se afine com o tempo, já que ele possui as configurações e desafios políticos específicos. Precisamos de olhares que não reduzam, não limitem, não aprisionem nem a história e nem a memória. Segundo a autora:

“Seguindo a tarefa de etiquetar os momentos históricos, eu arriscaria dizer que a nossa própria época, o século XXI, está sendo marcada por embates na ordem do imaginário, por uma guerra de imagens e signos, por uma sede de representação e visibilidade” [...] (hooks, 2009, p. 10).

Nas obras selecionadas para compor nossas análises observamos essas novas formas de olhares sociais e, à medida que elas foram introduzidas no texto, apresentamos as suas peculiaridades. Os livros trazidos para esse diálogo foram *Luana: as sementes de zumbi* dos autores Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino (2007); *Zumbi, assombra quem?* de Allan da Rosa (2007); *Zumbi: o despertar da liberdade* de Júlio Emilio Braz (1995) e *Zumbi dos Palmares* de Leda Maria de Albuquerque (1978).

5.2. LUANA: AS SEMENTES DE ZUMBI

“Zumbi lembrou que a liberdade tem que ser conquistada e que ninguém pode lhe dar o que já é seu. Por isso a maioria ficou com Palmares. Não era justo que só alguns negros fossem libertos, se os outros continuassem escravos. Do alto da montanha, seu brado ecoou pelo Brasil afora: ‘Enquanto houver um único escravo, ninguém será realmente livre’.” (Macedo; Faustino, 2007, p. 31).

O livro *Luana: as sementes de Zumbi* (2007) foi escrito por Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino e ilustrado por Mingo de Souza. O texto traz a temática da representatividade negra, através da protagonista, uma menina negra que se chama Luana. A menina pode viajar no tempo, pois possui um berimbau encantado que tem o poder levá-la onde desejar ir, com isso ela conhece lugares incríveis. *“Hoje, quando ela tem necessidade de conhecer outros tempos e lugares e o deseja muito, de verdade é só tocar o instrumento que ele a leva para onde ela quiser”* (Macedo; Faustino, 2007, p. 12). Quando ela olha para o seu berimbau pode vê-lo sorrindo e ouvir o seu toque *“Tum dundum bac- tundum dundum bac- tundum dundum...Tata tata tata”* (Macedo; Faustino, 2007, p. 7). Quando isso acontece, Luana já sabe que se trata de mais um convite que ecoa por toda casa. O zunido toma conta de tudo e começa a girar enlouquecidamente, para que juntos realizem uma nova jornada. A protagonista negra vai viver mais uma de suas aventuras inusitadas, mas dessa vez ela vai para um lugar muito importante dentro da história brasileira. Sua viagem é para o Quilombo dos Palmares.

Luana tinha apenas oito anos, mas era consciente de sua história, e de seus ancestrais. Quando ela chegou próximo a Palmares conheceu um senhor negro que estava na carroça e foi pedir informações sobre como faria para chegar até o Quilombo, porém naquele momento ele narra para garota que em todas as suas tentativas de fuga para Palmares foi capturado pelo capitão do mato e já estava cansado de levar chibata. Como sua avó Josefa já havia lhe explicado sobre isso, ela ficou emocionada.

“Os olhos de Luana se enchem de lágrimas. - Mas aqui ninguém se revolta com esse sofrimento? - Ah sim minha filha lá em Palmares tem os aquilombados que fugiram das fazendas e se meteram ai pela Serra da Barriga acima ... [...]” (Macedo; Faustino, 2007, p. 20).

O senhor segue dizendo que os palmaristas eram numerosos e todos eram bem fortes e lutavam contra os inimigos que tentavam invadir suas terras e tirar-lhes a liberdade. Então, Luana desce da carroça e diz ao senhor que não vai seguir mais com ele, pois é para Palmares que ela vai.

*“- Mas tu vais pra onde?
Já não vê mais Luana, que saltou do carroção, só ouve sua voz distanciando:
- Eu vou para Palmares! Vou descobrir o sentido da liberdade! O olhar de Expedito volta a ficar acinzentado e triste ... [...]” (Macedo; Faustino, 2007, p. 21).*

Em Palmares, ela conhece um pouco da história e da vida cotidiana do Quilombo: uma história de luta e resistência de todos os seus irmãos. Passa a conhecer também um pouco sobre o herói e líder Zumbi, seus ascendentes e descendentes, pois todos no quilombo faziam questão de manter suas tradições. Como confirma a citação a seguir: “[...] à noite, em torno da fogueira os mais velhos contam para os mais novos. É o que se chama tradição oral. Aqui ninguém sabe escrever, mas todos sabem muito sobre o povo de Palmares” (Macedo; Faustino, 2007, p. 27).

Muitas histórias e valores são passados dos familiares mais velhos para os mais novos e vai seguindo por todas as gerações. A cultura e a religião vêm sendo repassadas pelos ancestrais e pensar a ancestralidade na contemporaneidade, significa resgatar valores e traçar uma linha temporal, que ao longo dos séculos

nutrem a todos. São as práticas culturais negras revividas que reforçam a resistência, apesar da sua invisibilidade reforçada pelo discurso oficial. Entender a força ancestral e reconhecê-la na vida comunitária significa se reconhecer através de seus ancestrais e resistir com eles e por eles. De acordo com Eduardo David de Oliveira (2007) em *A ancestralidade na encruzilhada* é fundamental nas relações sociais dentro de um determinado grupo perceber que:

“[...] a ancestralidade espalha-se, como categoria analítica, para interpretar as várias esferas da vida do negro brasileiro – mormente na religião. Legitimada pela “força” da tradição, a ancestralidade é um signo que perpassa as manifestações culturais dos negros no Brasil, esparramando sua “dinâmica” para qualquer grupo racial que queira assumir a identidade de “africano”” (Oliveira, 2007, p. 23).

Em toda narrativa a personagem vivencia momentos que apresentam um resgate histórico e ancestral, mas para além disso, novas histórias foram acrescentadas na ficção proporcionando a possibilidade de novas interpretações sobre o referido tema. *“O sol nascente atrás dos morros desenha a silhueta da Serra da Barriga. Os tambores, porém, estão silenciosos [...]”* (Macedo; Faustino, 2007, p. 14). O autor faz parte de um projeto de militância que é uma referência no ensino e difusão da cultura negra para crianças, pois tanto o autor como o ilustrador acreditam no processo de construção da personalidade humana. Como reforça a citação: *“a negritude faz parte de sua luta para construir positivamente sua identidade e, por isso, um tema em atualidade”* (Munanga, 2012, p. 20).

Através das referências positivas que são agregadas à protagonista Luana, podemos observar também a oposição às práticas racistas as quais impedem o negro a ter o acesso e a participação em todos os lugares sociais. *“Luana não se importa, ladina e escorregadia como ela só, sabe que é gente e nunca deixará que a tratem como coisa”* (Macedo; Faustino, 2007, p. 21). Esta citação nos remete ao processo de escravização no qual o negro não pode viver sua humanidade. De acordo com o historiador Sidney Chalhoub (1990), em *Visões de liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. É importante compreendermos o passado e conhecermos as arbitrariedades cometidas contra o negro e tenhamos a condição de imaginar homens e mulheres como mercadoria, como uma coisa

qualquer que se possa vender, trocar, comercializar. Passando em seguida para um movimento de denúncia de um passado marcado por tanta violência.

“A reificação do escravo produzia-se objetiva e subjetivamente. Por um lado tornava-se peça cuja necessidade social era criada e regulada pelo organismo econômico de produção. Por outro lado, o escravo, auto representava-se e era representado pelos homens livres como um ser incapaz de ação autônômica . Noutras palavras o escravo apresentava, enquanto ser humano tornado coisa, como alguém que embora fosse capaz de empreender ações humanas, exprimia na própria consciência e nos atos que praticava, orientações e significações sociais impostas pelos senhores. Os homens livres pelo contrário sendo pessoas podiam exprimir socialmente a condição de ser humano organizado e orientado à ação através de valores e normas criados por eles próprios. Nesse sentido, a consciência do escravo apenas registrava e espelhava, passivamente, os significados sociais que lhe eram impostos”. (Chalhoub, 1990, p. 38).

Luana descobre que sua missão está ligada à de Zumbi, seria mais uma guerreira a favor da liberdade e quando ele a convida para uma conversa e lhe entrega as suas sementes, depositando confiança nela, sabia que a menina cumpriria a missão solicitada. Esse encontro acontece no final da narrativa e temos um desfecho que comunga com a ideia da existência de Zumbi a ser eternizada: O rei lhe entrega um saquinho de couro e a nomeia como aquela que é a sua esperança.

“Sorrindo, Zumbi se aproxima dela e lhe estende um saquinho de couro, bem molinho. Luana o chacoalha e percebe que lá dentro tem um monte de grãosinhos. Abre, olha e percebe que são sementes, centenas, milhares de sementes”. (Macedo; Faustino, 2007, p. 26).

Luana coloca o presente em suas mãos sabendo que são sementes de orgulho e liberdade. Além disso, Zumbi havia lhe dado a tarefa de proteger as outras crianças do quilombo e levá-las consigo na viagem de volta. Quando a menina estava dentro da gruta em que se escondiam dos invasores, o saquinho que estava na sua cintura, se abriu e as sementes se espalharam. Os tambores começaram a tocar e o berimbau foi acionado para a viagem de volta:

“Os sons se misturavam e quase ninguém percebe quando, em meio ao derendem... derendem... ouve-se um TOIMMMMM!... Um zunido toma conta de tudo e todos começam a girar enlouquecidamente...Dzummmmm...dzummmmm”. (Macedo; Faustino, 2007, p. 38)

As crianças vão se desgarrando e se soltando, ao mesmo tempo em que são lançadas para longe. Todas sorrindo vão dando adeus umas às outras e vão aparecendo em pontos diferentes do Brasil “*Uma em Orimina, no Pará, outra no rio das Rãs, na Bahia, outra no Ivaporuduva, no vale do Ribeira, em São Paulo [...]*” (Macedo; Faustino, 2007, p. 40).

Com isso, concluímos que as "sementes" deixadas por Zumbi e outros guerreiros são tesouros conquistados, após anos de batalhas e lutas pelos direitos da população negra e pela liberdade. Luana foi responsável por essa missão importante, tornando-se, em cada episódio, uma menina mais corajosa e sábia, ou seja, uma semente de Zumbi. Em cada momento em que viveu a história em Palmares, a menina fortaleceu sua identidade negra, pois como consta na narrativa “*Luana é uma verdadeira guerreira*” (Macedo; Faustino, 2007, p. 10). Sabia lutar capoeira, enfrentava os seus medos e tinha orgulho de ser uma criança negra

. Observamos ainda que a escolha em dar visibilidade a menina negra e colocá-la em ação como protagonista mostra a proposta do autor, sobre a recuperação da identidade negra a qual se perdeu, em meio a tanta invisibilidade social gerada pelo processo de escravização e suas consequências. A garota negra é observada a partir “[...] *dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade*” (Munanga, 2012, p. 19).

De acordo com Regina Dalcastagnè e Paulo C. Thomaz (2011), em *Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea*, representar seria tornar presente aquele que está ausente, necessitando de uma rerepresentação. Como acontece na narrativa, Macedo e Faustino (2007) apresenta novamente uma nova possibilidade de leitura da história de Zumbi, acrescentando à ficção a chegada de Luana e todas as suas ações como protagonista. Como podemos confirmar na citação a seguir, a representação pressupõe reconhecimento, o que ocorre em toda narrativa.

“Numa acepção de dicionário, representar e tornar presente o que está ausente. Contudo, a fim de desdobrar o tema, partindo da definição dada pela teoria política, o processo de tornar presente ou ausente necessita, para a sua existência, dos seguintes elementos: o referente, que pressupõe um agente que a elabora, e o reconhecimento, por parte de um público, de que aquela

representação de fato está ligada ao referente". (Decastagnè; Thomaz, 2011, p. 16-17).

Ao retornar da viagem, ela dorme feliz abraçada com o seu boneco que se chamava Bendengui. Sorri até dormindo “[...], pois, tem certeza de que o seu berimbau mágico ainda vai levá-la a muitas outras viagens pela história de seu povo” (Macedo; Faustino, 2007, p. 43). Luana com a sua bravura, compromisso e esperteza é um modelo de representação para outras meninas negras, sem ela as sementes de Zumbi não teriam sido deixadas na nossa terra.

5.2.1 ZUMBI: O DESPERTAR DA LIBERDADE

“Correu e Zumbi correu ao seu lado, gritando-o e animando-o por aquele caminho que foi se alargando, se enchendo de luz, até desembocar numa grande cidade de prédios antigos-iguais aqueles que existiam nas cidades e no tempo em que Zumbi vivia se defendendo e sendo senhor do quilombo dos Palmares” (Braz, 1995, p. 40)

O próximo livro que trouxemos para análise também traz um convite para romper com os estereótipos criados a respeito dos negros e mostra o protagonismo de um menino negro, é o livro *Zumbi: o despertar da liberdade*, do escritor Emílio Braz (1995). Através da narrativa existe uma proposta de aprendizado sobre a representação e a representatividade do negro, é possível observar que todos podem ser agentes de suas histórias e que não é a cor de alguém que o define, mas a maneira como ele encara os desafios da vida, podendo escolher entre ser o protagonista, ou não de sua história, senhor ou não de seus caminhos. Quando a criança ou o adolescente se vê representado no outro, muitas perguntas que eles se fizeram antes são respondidas.

Segundo a *Infopedia Dicionários Porto Editora*, a representatividade é a qualidade do que é representativo. Representar efetivamente um grupo. E de acordo com o dicionário online de Português seria Conceito, a ideia ou imagem que criamos do mundo ou de alguma coisa. Isto é o que acontece nessa obra, portanto as definições estão em concordância com o pensamento do personagem da narrativa de Braz (1995), pois Celinho vê que ele e Zumbi se parecem muito e que poderia ser o protagonista da sua história, assim como foi Zumbi. Ao ler o livro, ele aprende a lidar com os seus medos e a superá-los.

O autor parte de um pensamento que se projetou na consciência cultural e social, escreveu uma história com o objetivo de despertar a liberdade, trazendo um herói como Zumbi que é apresentado como aquele que luta pela liberdade, construída simbolicamente pelos que se orgulhavam de seu reinado. O livro é uma obra que não baseia somente na lembrança do general negro, mas também tem como objetivo atualizar o seu significado contemplando sua negritude.

A narrativa parte de uma fantasia, cujos holofotes estão num menino que faz parte de uma sociedade moderna, mas que tem muitas afinidades com Zumbi dos Palmares, assim como o rei tinha um cotidiano árduo e de grandes lutas, por isso precisou lutar para se libertar das formas de fazer de um homem um escravo. Em meio às batalhas da vida, o personagem vai se fortalecendo pautando suas ações inspiradas no rei Zumbi. O menino era apaixonado por livros e contemplador de vitrines de livrarias que guardavam os instigantes títulos, os quais o faziam se encantar e davam asas à sua imaginação. Ele era um leitor em exercício e tal função era o sustentáculo para a difícil realidade.

Celinho é mais um dos herdeiros de Zumbi. Seu rosto negro e brilhante fazia lembrar o rei, como podemos confirmar no início da narrativa: *“Estava satisfeito, o sorriso emergindo de tempos em tempos no rosto negro e brilhante de suor, os lábios grossos abrindo, os cantos empurrados na direção das orelhas. Muita alegria”* (Braz, 1995, p. 3). Celinho era um vendedor de balas que morava na periferia, mas ia todos os dias para o centro da cidade, em busca de clientes. Os dias mais felizes eram os que ele conseguia vender todas as suas mercadorias, mas na maioria das vezes era agredido por um grupo de garotos que não gostavam dele e o oprimiam. Depois de ser agredido nada tinha a fazer, senão se consolar na vitrine de uma livraria, um lugar que era seu santuário, porém ele nunca tinha entrado numa loja destas, apenas ficava olhando lá de fora mesmo, mas desejava fazê-lo. É importante destacar que essa é a realidade da maioria das crianças negras brasileiras, muitas delas só têm acesso a livros no espaço escolar.

O menino aprendeu a ler para libertar a sua imaginação e fugir do mundo em que vivia assolado pela crueldade alheia. Lendo podia viajar para outros mundos e viver outras histórias. *“[...] Os livros todos eles eram o seu mundo [...]”* (Braz, 1995, p. 8). Para o garoto, foi inesperado saber que dentro de uma lista enorme de títulos, havia um livro sobre um negro como ele. Depois disso, suas viagens literárias transformavam horas infelizes em felizes. Era o momento de esquecer as dores e se

alimentar pacientemente da luz que os livros lhe traziam, era pura magia. Ele pensava no quanto seria bom poder realizar os seus desejos:

“[...] seria bom, realmente se fôssemos capazes de realizar todos os nossos sonhos. Seria melhor ainda que pudéssemos viver, mesmo que apenas por algum tempo, dentro dos nossos sonhos” (Braz, 1995, p. 23).

Nessas suas viagens pela vitrine da livraria, conheceu Antônio, um vendedor negro que era estudante de Filosofia. Após algumas conversas que tiveram, o vendedor ofereceu -lhe um livro emprestado, mas o jovem acabou comprando um e ganhando outro de presente, atitude que para Celinho era incomum vindo de outras pessoas em relação a ele. Ele mal podia acreditar naquilo, como podemos ver no seguinte trecho:

“As mãos desembrulham o livro rapidamente, ávido e nervoso, antevendo coisas mesmo antes de vê-lo. Pedacos de papel flutuam no vazio da rua, as pessoas que iam e vinham apressadamente chocando-se contra Celinho, ele, alheio a tudo e a todos, marchando para frente, os olhos como que cravados naquela capa que foi se inspirando e aparecendo, emergindo de dentro do embrulho caprichado. E quando finalmente ele abre o pacote, na capa um rosto negro e olhos brilhantes como o seu e estava escrito em caixa alta: [...] grandes letras brancas que diziam... ZUMBI... E as pequenas que o definiam... De escravo a libertador Zumbi. Zumbi... [...]” (Braz, 1995, p. 30).

Identificou-se com Zumbi e daí começou a pensar nas questões que lhes eram comuns. Ele era um jovem negro e como Zumbi poderia exercitar o seu potencial, para defender a liberdade e lutar contra a opressão. O seu igual falava com ele e o fortalecia através da leitura e a partir daí, um novo mundo materializou-se, um mundo onde ele se via. Fatos, lugares, palavras, uma profusão de informações nas quais ele se reconhecia.

“[...] Era uma história de um homem grandioso, um desconhecido como ele e um negro como ele. Um homem que nasceu escravo, mas que cresceu para ser livre e para lutar para liberdade de sua gente numa época que ser negro era o mesmo que ser escravo”. (Braz, 1995, p. 30).

Celinho leu e releu e continuou lendo e não podia parar de ler. A mágica agora era diferente e o livro ia para todos os lugares junto dele. Os meninos que não o estimavam apelidaram-no até de doutorzinho, por conta de não largar o livro, mas

ele fingia que não ouvia. Certo dia, essas leituras retornaram para o senhor Antônio, o vendedor que havia presenteado Celinho com um livro sobre Zumbi.

O garoto foi recebido com sorrisos de identificação, enquanto narrava o que o chamou atenção no livro. O vendedor de livros disse a Celinho que a partir de agora ele saberia conquistar tudo que desejava e aquele livro com os seus ensinamentos tinha feito muito por ele (Antônio) no passado e que agora seria a vez do menino.

O menino sabia que ali naquele livro ainda havia coisas perturbadoras para um garoto como ele compreender, já tinha feito muitas descobertas:

“[...] A primeira sem sombra de dúvidas, a mais espantosa, foi encontrar alguém como ele, negro como ele, apresentado como um herói de uma história, de alguma. Parecia bobagem, mas para ele não era. Na verdade, converteu-se num espanto, algo inteiramente inesperado”. (Braz, 1995, p. 34).

Até então, o garoto nunca tinha visto um negro como protagonista, pois em raras situações apareciam os negros sejam em livros, filmes, novelas, em situações de representação e representatividade. Quando apareciam eram em posições subalternas, ou descritos de forma estereotipados, como explica a pesquisadora Regina Dalcastagnè (2008), em seu artigo *Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura brasileira contemporânea*.

A autora discute sobre a representação do negro, na narrativa brasileira contemporânea, marcada pela ausência de ocupação da população negra, não só como personagens literários, mas também como autores. Marcados por um racismo forte, exclusão dos espaços de poder e da produção de discurso. Além de ter concluído a baixa presença da população negra entre os personagens, ela observou também o caso da representação estereotipada. Dalcastagnè (2008) parte de uma análise das exceções, ou seja: das obras em que o negro aparece, seja como autor ou personagem, para melhor compreensão do que está sendo discutido.

“A literatura contemporânea reflete, nas suas ausências, talvez ainda mais do que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira. É o caso da população negra, que séculos de racismo estrutural afastam dos espaços de poder e de produção de discurso”. (Dalcastagnè, 2008, p. 2).

A autora ainda destaca que a presença dos negros nas narrativas literárias é um gesto político e estético, podendo dar-se de várias formas, podendo reforçar os estereótipos racistas, ou os reproduzir. A narrativa lida por Celinho (o narrador personagem) confirma essa pesquisa e reforça a análise da escritora:

“Negro era escravo na novela de televisão. Negro era bandido na novela de televisão. O bom empregado na novela de televisão. O negro de que todos gostavam era o negro de televisão. Era o amigo do mocinho branco, defendido pela heroína branca e ganhou prêmios em programas infantis onde ele era um estranho entre os brancos”. (Braz, 1995, p. 34).

O menino, assim como muitos outros que conhecemos não tinha um modelo positivo de afirmação de negritude para se espelhar, pois a mídia só dava ênfase para o modelo eurocêntrico no qual mocinhos eram inspirados em pessoas loiras e brancas, e um negro não agia com independência, autonomia, a ponto de ser um líder como foi Zumbi, chegando até o patamar de um símbolo nacional.

No livro, ele leu que os negros não eram coisificados como aqueles da televisão e na maior parte da literatura. Os negros não eram pormenorizados, eram protagonistas. Tinham nomes, identidades marcadas e todos eram heróis, destacados pela contribuição que tiveram por uma causa maior: a liberdade. Não eram mostrados como uma grande massa como viram certa vez no livro da escola, tristes e melancólicos, eram seres iluminados e corajosos. Personagens bem diferentes dos demais apresentados. No artigo *Educação e identidade negra*, Nilma Limo Gomes (2002) afirma:

“É nesse sentido que entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/ racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade”. (Gomes, 2002 p. 2).

Celinho descobriu também que a sua realidade era muito próxima da escravidão, pois na favela era submetido a muitas situações desumanizantes, situações miseráveis e de muita violência¹⁵. Porém, agora ele tinha alguma coisa

¹⁵ Fato que é discutido por Silvio Almeida em seu livro *Racismo estrutural* (2019).

diferente dentro dele, algo lhe fortalecia. Era como se o próprio Zumbi morasse dentro dele. Parecia-lhe, de acordo com a narrativa elaborada por Braz (1995) que Zumbi poderia ter saído das páginas do livro, para morar no seu coração e impulsionava seus movimentos, ações e pensamentos.

Assim, as correntes poderiam ser quebradas quando atravessadas por essa força. As humilhações de seu cotidiano estariam com horas contadas. Queria mais livros, queria também ser senhor de si mesmo e ter orgulho de suas ações. Em seus pensamentos, podia ouvir a voz de Zumbi perguntando-lhe do que tinha medo e dizendo que se fazia presente dentro dele. Ele queria isso para si, queria merecer ser como aquele Zumbi.

Zumbi o chamou até de herói e sentiu-se muito bem com aquilo, diante daquele personagem multissecular. Daquele homem negro como ele. Depois de algum tempo, conseguia recitar cada frase ou parágrafo do livro lido e relido muitas vezes, ao longo de mais de um mês. Tornava-se íntimo de seu herói, íntimo ao ponto de ver-se ao seu lado em batalhas grandiosas e ferozes por uma liberdade que devia e era defendida cotidianamente, sem descanso. Celinho e Zumbi, após tantas leituras, já eram muito próximos. O garoto sentia que ele estava vivo e podia sentir o seu toque e ouvir suas palavras de encorajamento. Perguntava a Zumbi se ele era mesmo real e ouvia sua resposta: *“Zumbi tocou-lhe o peito com o longo indicador e batendo nele com força respondeu: - Estou bem aqui, menino. Dentro de ti”* (Braz, 1995, p. 38).

Zumbi estava com ele, sempre. Seus olhos eram muito sinceros quando confirmavam seus questionamentos. Falavam sobre tudo e lhe dava muitos conselhos, sorria sempre e dizia que estava vivo no melhor lugar possível: dentro dele. E dizia a ele que compreendesse que muito de nós se eternizou desta maneira, quando alguém acredita, tem fé, luta pelos seus sonhos e se liberta. O garoto sentia-se abraçado e envolvido pelo calor daqueles braços, daquele forte guerreiro:

“Zumbi sorriu e estendendo um dos braços muito musculosos diante do rosto assustado do menino disse: - Poderia me tocar se não acreditasse... [...] Não viu mais Zumbi, mas o sentiu dentro de si, em um lugar bem próximo. Em si mesmo”. (Braz, 1995, p. 38).

Toda vez que viu Zumbi, ele foi amistoso e incentivador dando-lhe lições sobre como caminhar em sua vida e fazer os seus próprios caminhos. Ele não sabia dar explicações de como ocorreu, mas percorreu matas fechadas, como aquelas de quando Zumbi era o senhor do quilombo de Palmares, caminhos como os de Zumbi, atravessou trilhas e o rei estava lado a lado com ele, os caminhos eram largos e cheios de luz até chegar aonde deveria: numa cidade grande.

Zumbi dizia sempre a ele para voar, pois ele poderia alcançar tudo que quisesse e alcançar a sua liberdade. Assim, Celinho enfrentou os seus medos e seus inimigos e lutou contra os garotos que o oprimiam com suas atitudes más e desmedidas. O menino reage à situação de opressão que sofria sempre. Seus inimigos tentaram de tudo, até rasgaram seus livros, mas não mudou o encontro que teve com Zumbi e aos passar pela vitrine da livraria pôde ver mais uma vez a imagem do rei o abraçando. Ele estava sendo abraçado pelo seu grande amigo:

“[...] Sorriu, entre surpreso e confuso, ao ver sua imagem refletida no vidro ... sendo abraçado por Zumbi dos Palmares! (Braz, 1995, p. 45). De pé ao lado do enorme corpanzil, um Zumbi sorridente piscou-lhe um dos olhos [...]” (Braz, 1995, p. 52).

Concluimos que o livro é capaz de promover realmente alguma reflexão e mudança significativa no leitor e na sociedade. Podemos destacar que ele se contrapõe a harmonia que a hegemonia trouxe para a sociedade, ideia de equilíbrio, pelo fato de se pautar em um único viés, uma única voz que fala por todos. Celinho é uma semente de Zumbi dos Palmares, ou seja, a continuação do seu legado de luta e resistência. Após interagir com ele durante a leitura, o garoto aprendeu muito, inclusive a escrever a sua própria história e a lutar pela sua liberdade.

5.2.2 ZUMBI ASSOMBRA QUEM?

“Pabrin ensinou que pra quem vinha do Congo e Angola, gente de Palmares, Zâmbi e o grande criador presente em cada grão, em cada gota e no infinito do pensamento e do vento. Com essas frases e sua sinceridade no dizer, Candê foi a planetas dentro de si e viu até grãos de comida e de som fluindo pelas veias” (Rosa, 2007, p. 35).

Este livro também se enquadra no que chamamos de narrativa de reescritura, *Zumbi, assombra quem?* (2007), do escritor Allan da Rosa, o qual atua

como professor de História da África e do Brasil, educador em Educação de Jovens e Adultos (EJA). Entre outros feitos o autor desta narrativa, que tem um potencial de semear ideias projetadas em Zumbi dos Palmares.

O autor narra a história de uma família afro-brasileira e tem como protagonista dessa história, o menino Candê. O garotinho vai aprendendo a sua própria história contada pela voz de sua família, em especial, pela sua mãe, pelo tio Pabrin e a avó Acotirene. Eles ajudam o menino a resolver os seus conflitos e ao mesmo tempo vão ensinando-o a valorizar a história e a memória de seus familiares. Como ele é um garoto em fase estudantil, a maioria das suas questões surgem na escola e no convívio com outros meninos e meninas de seu bairro. Como podemos notar a valorização do corpo negro perpassa por toda narrativa, como também a questão da memória, dos valores e da luta pela liberdade. Como enfatiza Munanga, em seu livro *Negritude: usos e sentidos* (2012), é preciso que todos entendam a importância da resistência cultural:

“Tomar consciência histórica da resistência cultural e da importância de sua participação na cultura brasileira é o que importa e deveria fazer parte do processo de busca da identidade negra por parte da elite politizada”. (Munanga, 2012, p. 17).

No decorrer da narrativa, os familiares trazem para o conhecimento de Candê, o seu passado apontando para uma conscientização da sua negritude, do porquê de se orgulhar da sua raça, da sua cor, do seu cabelo e da riqueza cultural da sua família. Entendendo que todos que são herdeiros dos povos africanos, que foram submetidos à escravidão devem se engajar na luta, para defender os direitos dos negros como cidadãos. Entendo que só assim, esses conceitos sobre a História já estabelecidos pela cultura dominante, serão destruídos. O fragmento a seguir é um exemplo do tio Pabrin ensinando sobre a cultura:

“[...] Um fio de fumaça fez seus volteios e se disfarçou de bigode na face do tio. Pabrin ensinou que no centro do quilombo sempre se punha a lenha pro fogo não se acabar, com a fumaça escrevendo os seus cheiros no ar. E também nas casas a brasa era a flor que cultivavam. Apenas quando se trocava de rei apagavam a fogueira, mas para já iniciar outra [...]”. (Rosa, 2007, p. 19).

Existe sempre uma coesão entre o passado e o presente que interliga Candê aos seus antepassados mostrando a importância de seus ancestrais. Como

destaca Munanga “[...] a memória é construída, de um lado pelos acontecimentos, pelos personagens e pelos lugares vividos” (Munanga, 2012, p.16). Nessa luta diária da família, para que o garoto pudesse conquistar um espaço entre os amigos e ser reconhecido como uma pessoa de valor, o menino cresce.

O exemplo a seguir descreve uma dessas cenas em que o passado é recontado pelo tio para explicar o que significava uma luta para Zumbi. O passado então funciona como uma intercessão para o presente, mostrando a importância da ancestralidade:

“E Zumbi sabia que lutar era o mais precioso. Que lutar era o destino e a glória do seu tempo. Com a cabeça, as mãos, as orelhas e o coração. Cada parte do corpo tem a missão de defender e frutificar seu jeito de bem querer viver junto. Candê compreendia bem que a luta não é porrada, não é chute, nem agarrão [...]” (Rosa, 2010, p. 26).

O tecido textual foi entremeado de uma maneira muito interessante, pois agrega conhecimento, permite debates, sugere mudanças que podem ser feitas, para uma melhor interação entre as pessoas, afirmando a riqueza de se trabalhar a diversidade. Os relatos do tio Pabrin perpassam por toda a História mostrando os momentos de dores e da busca incessante pela liberdade. O trecho a seguir da narrativa pode confirmar a nossa observação: *“[...] Zumbi vivo, Candê, muito vivo. Apavorando pra num vacilo buscar de volta nos casarões e nas senzalas os seus malungos, quebrar as correntes e com eles se entocar nas selvas e serras [...]”* (Rosa, 2007, p. 37).

Nesse processo de ressignificação e reconstrução da história afro-brasileira, a narrativa também apresenta em suas tramas uma questão recorrente sobre quem era Zumbi. Quando o tio Pabrin vai contar sobre Zumbi para Candê o retrata de forma poética. Como confirma os trechos:

*“[...] Pabrin ensinou que pra quem vinha do Congo e Angola, gente de Palmares, Zâmbi é o grande criador presente em cada grão, em cada gota e no infinito do pensamento e do vento. Com essas frases e sua sinceridade no dizer, Candê foi a planetas dentro de si e viu até grãos de comida e de som fluindo pelas veias. Até voltar da viagem e perguntar num piscar de limpeza e inocência:
-Deus?
Chame como você preferir... É a grande força das músicas e do silêncio, das cores e do que se espalhou no céu soprando azul e roxo. Se Zâmbi reinava azul, no céu, Zumbi vinha nas uvas e nas sombra. O rei do chão, das raízes, das lavas e das minas, das cascas e penas quebradiças dos animais depois que eles*

atravessavam sua ponte com a morte. Rei das artérias do chão, das sementes brotando e das minhocas que desenham os caminhos e labirintos das terras, abrindo ares.” (Rosa, 2007, p. 35-36).

Quando relemos a história do período escravocrata, percebemos que há muitas passagens marcadas pela violência e pela dor. Como aponta Fanon (2005), em *Os condenados da terra*, para o colonizador, o colonizado é a encarnação do mal, essa é uma das inúmeras justificativas para tanta violência no período colonial. Muitas cenas de opressão, crueldade e a humilhação eram impostas aos negros que viveram esse período.

“A violência com o qual se afirmou a supremacia dos valores brancos, a agressividade que impregnou o confronto vitorioso desses valores com os modos de vida ou de pensamento dos colonizados fazem com que, por uma justa contrapartida, o colonizado tenha um riso irônico quando se evocam diante dele esses valores.” (Fanon, 2005, p. 60).

Quando a história de Zumbi é contada pela família de Candê, há trechos que representam esse período escravocrata e mostram como o rei de Palmares reagia diante dessas atrocidades. Podemos destacar o seguinte trecho:

“Mas Zumbi queria apavorar mesmo. Assombrar um barão que punha crianças e velhos pra desmaiar na enxada sem poder comer nenhuma folha da tarefa toda que tinham que carpir no sol [...]”. (Rosa, 2007, p. 37).

Candê enquanto ouve as histórias dos mais velhos é convidado a projetar o seu futuro num engajamento de luta contra a exclusão, não só a do negro, mas também das demais minorias. As questões simbólicas são trazidas para reafirmar a importância de se conhecer as diversas culturas que foram apagadas no decorrer da história. O tio Pabrin sempre está rememorando algo para contar a Candê, como exemplifica o trecho seguinte: “[...]– Candê, Zumbi queria mesmo estorvar e ser pedregulho na colher de prata dos palacetes, ser caroço na mastigada do manjar dos castelos. [...]” (Rosa, 2007, p. 36).

“[...] Zumbi vivo Candê, muito vivo. Apavorado para num vacilo buscar de volta nos casarões e nas senzalas os seus malungos, quebrar correntes e com eles se entocar nas selvas e nas serras. Mas antes de tudo apavorava porque incendiava [...]”. (Rosa,

2007, p. 50).

A narrativa mostra que a resistência foi e ainda é a arma utilizada pelo povo afro-brasileiro. Zumbi e Palmares são grandes exemplos dessa resistência que o tio Pabrin fazia questão de resgatar: “[...] Zumbi disse que não, que era pra ser livre toda gente ou então Palmares ia continuar com todos os pés [...]” (Rosa, 2007, p. 50).

Para o povo afro-brasileiro, contar a própria história é se posicionar diante da sociedade, é conquistar o seu lugar de fala, seu território e mantê-lo, a fim de que não só o passado seja recontado em outras versões, mas que os negros sejam reconhecidos por seus protagonismos. E nos dizeres de Bernd (1988, p. 22): “[...] resgatar uma memória negra vocacionada a proceder à destruição do mundo nomeado pelo branco e a erigir sua própria cosmogonia [...]”.

A escola de Candê reproduz o pensamento social preconceituoso e afirma que o que acreditam seja verdadeiro. Candê quando contrastava o que aprendia na escola com o que era ensinado pela família, foi desconstruindo fatos e ressignificando o que era negativo como positivo para sua identidade. O garoto sempre passava por situações difíceis na escola, como por exemplo, no trecho a seguir:

“Você não! – os pequeninos Germano e Nívea com a língua arranharam sem dó - sai daqui Candê sujo, cabelo de Zumbi! O motivo do esculacho era crespo e tinha cheiro de mel e de babosa do quintal. Candê ainda sentia os dedos de Manta lavando sua cabeça, mas o cabelo dele não rimava com o que as outras crianças aprenderam que fosse beleza. Sua natureza era de crescimento para cima, no rumo das estrelas e da lua.” (Rosa, 2007, p. 12-13).

Percebemos que os conflitos que acontecem ao longo da história são estratégias do autor para trazer à tona a cultura, a religião, os costumes e a ancestralidade africana. Notamos que o garoto é confrontado pelos colegas em relação aos seus costumes, como a sua maneira de usar o cabelo que era sempre motivação para os colegas o tratarem mal: “[...] entrando na roda, Candê sentiu um palito de fósforo descendo na garganta e queimando no estômago. Suas mãos pareciam não caber mais nos bolsos [...]” (Rosa, 2007, p. 13). Em razão de não compreender certas diferenças, os colegas sempre o excluíam das brincadeiras, eram ofensivos e racistas.

Concluimos que os debates sobre racismo e preconceito são suscitados no decorrer da história a fim de provocar reflexões nos leitores, até que as mudanças necessárias sejam feitas. Como observa Édouard Glissant (2014), em *O pensamento de tremor*, as pessoas devem mudar, permutar, estar em harmonia com as diferentes etnias, pois são híbridas. Todas nascem na mistura e vivem na mistura. A mudança é algo permanente, portanto, essa visão preconceituosa precisa perder seu espaço social. E dar lugar a mudança “*Eu mudo, logo, permuto [...]*” (Glissant, 2014, p. 206). Abrir-se para o movimento espiral “Não há contradição, da multiplicidade à singularidade. Está sobre (resume, revela) percursos, em feixes ou em espiral, ela não é uma realidade agregada de uma vez por todas. O rizoma é uma rede, uma alquimia também (Glissant, 2014, p. 139).

O livro de Rosa (2007) é um convite para entrar nessa rede rizomática a qual entende que existimos na poética de estar em relação ao outro e que não existe uma totalidade, mas um enraizamento. (Re)ler a história de maneira curativa, despegando-se desta cegueira dominante que assola a sociedade, esse seria o primeiro passo rumo a noção rizomática que propõe Glissant (2014) Rosa (2007) assim com Glissant (2014) dividem uma mesma proposta, já que temos esse convite, enquanto leitores para conhecermos as lutas dos afrodescendentes, seus empenhos, astúcias, e exemplos efetivos, de guerreiros negros e suas grandes conquistas. Ofuscando o pensamento de uma condição subalterna atribuída aos verdadeiros heróis .

A arte literária se projeta como veículo educativo, incide novos olhares e novas abordagens para lermos a história. O escritor tem como objetivo a (re)apresentação de personagens negros, dialogando com expressões da diversidade. Convida ao leitor, para permutar com a narrativa e ressignificar a importância a uma consciência crítica em relação à história hegemônica direcionando o leitor para novas possibilidades de compreensão do passado, do presente e do possível futuro.

A família de Candê sempre o acolhia e ouvia sobre as questões que ele vivia na escola, sobre os momentos em que era excluído e ridicularizado pelas outras crianças, para cada situação ruim que ele passava quando ia estudar , havia um ensinamento que era trazido pela família, a fim de mostrar ao garoto que os seus ancestrais já haviam passado por algo parecido, de maneira que ele pudesse refletir sobre as situações e tomar a melhor atitude possível, diante de seus

problemas. Como podemos confirmar no trecho a seguir:

“Na escola de Candê formaram roda. Molecada pirilampa nos jogos de rastejar de pegar pedaço de pano voador com a boca e de cair igual gelatina. Candê se achegou na roda com a pura sede de brincar, mas foram duas as lideranças que lhe negaram passagem e presença, unidas no escracho. O que tinham de graça tinham de crueldade. Crianças”. (Rosa, 2007, p. 12).

Como Candê não era igual ao padrão de beleza que as crianças estavam acostumadas, tudo que era referente ao físico de Candê elas não admiravam, pelo contrário não respeitavam as diferenças e diziam palavras e frases que o faziam sofrer. O exemplo a seguir confirma os conflitos existentes: “[...] *Sozinho ele mordeu e engoliu a humilhação [...]*” (Rosa, 2007, p. 13).

As questões como a negritude são trabalhadas no decorrer do enredo, pois os conflitos que o garoto vive diariamente são discutidos e ressignificados, através do auxílio familiar. Esse tipo de narrativa tem por finalidade preservar as crenças e os valores de um grupo. E diante desse acontecimento o tio Pabrin contou a Candê algo parecido que aconteceu com Zumbi, pois:

“[...] - Zumbi se viu sequestrado, jogado pra fora de seu nobre ninho e de sua família. Sentiu melancias amarradas nas suas canelas, os calcanhares sem chão e mil pés de ferro pisando em seus calos a cada passo que queria dar. Candê entendeu direitinho [...]” (Rosa, 2007, p. 13).

A esse respeito podemos dialogar com a citação de Munanga qual ele menciona o conflito que a sociedade tem para reconhecer a diferença do outro e saber respeitá-lo. Pelo contrário, a marca da diferença faz com que haja um pensamento de inferiorização. Como podemos confirmar no seguinte trecho:

“Para ser racista, coloca-se como postulado fundamental a crença na existência de ‘raças’ hierarquizadas dentro de uma espécie humana. De outro modo, no pensamento de uma pessoa racista existem raças superiores e raças inferiores. Em nome das chamadas raças, inúmeras atrocidades foram cometidas nesta humanidade [...]”. (Munanga, 2012, p. 15).

Como podemos observar, a obra em análise mostra a importância do protagonismo negro por uma ótica que se difere das versões contadas, pela História

oficial. Esse sujeito negro que está sempre à margem como víamos na maioria das narrativas sobre o tema deixa esse lugar da margem para vir até o centro. O autor almeja a construção de uma narrativa que mostrasse a importância do valor familiar no crescimento da criança negra, um menino que é protagonista, uma semente de Zumbi que se identifica e aprende ouvindo as histórias sobre ele.

Rosa (2007) destacou o quanto é importante conhecer a origem da família, pois quando conhecemos o todo podemos conhecer melhor a nós mesmos. Quem tem conhecimento de si, da sua história aprendeu sobre a sua cultura, certamente conhecerá o seu potencial. Podemos dizer que essa escrita de Rosa (2007) faz muito mais do que reivindicar, ela mostra o quanto é importante resistir ao longo dessa história e buscar a apropriação de um espaço que até hoje tem sido negado ao negro na sociedade. O objetivo de formar os jovens fica claro desde o início da narrativa até o desfecho. Tal intencionalidade está entremeada em cada capítulo.

Acreditamos que seria importante destacar os feitos da escrita literária, pois tal qual a História, a Literatura também podem e devem narrar, como destaca Bernd (1988), que é importante mostrar que a literatura Afro-brasileira, tem como intuito destacar o negro como agente de sua própria obra literária e ainda que o discurso literário não tenha pretensão de expressar nenhuma totalidade, mas possibilidade. Percebê-la permanentemente inacabada deverá permitir que autores ou movimentos possam transitar da esfera da sombra para a esfera da consagração afirma Bernd (1988). Além disso, perpassa pelo objetivo de educar, formar e reescrever um momento o que tem um poder ideológico muito importante. Como podemos confirmar diante da reflexão de Debus (2017):

“E nesse movimento de ideias, aqui apontando de modo sucinto, pretendemos abordar a aproximação entre a literatura e a educação como campos de conhecimentos vivos, históricos e ideológicos, no contexto do acontecimento da formação humana”.
(Debus; Bazzo; Bartolotto; 2017, p. 20).

A literatura preocupa-se com o processo humanizador do leitor, e através da ficção que ela projeta a realidade. É no discurso literário que são abertas as infinitas possibilidades de compreensão, de experiências e de lições de vida, proporcionando ao indivíduo uma prática que ajuda na formação da personalidade do indivíduo.

“A literatura é um fazer humano. Quando é interpretada, avaliada, legitimada ou desqualificada, fica aberto o leque da sua recepção, leque este que se altera no decorrer do tempo em face das novas pesquisas. Nem a teoria nem a crítica se furtam a ação do tempo e, portanto, de alterações a elas atinentes”. (Cuti, 2010, p. 13).

Na literatura, há uma ponte entre o indivíduo e o mundo construído pela narrativa. É possível experimentar as vivências das personagens, viver suas emoções e absorver os valores que ensinam. Tem o papel de transmitir os conhecimentos e a cultivar valores e conhecimentos adquiridos para determinar sua conduta. Assim, as pessoas podem extrair experiências, valores e formas de encarar as mais diversas situações.

5.3 OS FRUTOS DA SEMENTE

Os livros que selecionamos para apresentar as sementes de Zumbi com os protagonistas Luana, Celinho e Candê são livros que trazem personagens que se viram, se espelharam em Zumbi e nas suas atitudes. Assim como ele, reconheceram suas negritudes, resgataram suas identidades, lutaram contra a opressão e a favor da liberdade. Cada um deles em seus cotidianos precisou vencer suas dificuldades e transpor as barreiras que iam aparecendo.

Luana tinha a avó Josefa a qual lhe contava as histórias, seu boneco Bendengui e seu berimbau viajante, lutava capoeira, mas tinha os seus medos às vezes, medos das sombras na parede de seu quarto que projetavam muitos monstros, mas ela preferia dar lugar a coragem. Optava por ela quando o medo vinha e lutava contra as sombras. Usava o que aprendeu na capoeira, se fortalecia. Quando isso acontecia girava um rabo de arraia e vencia. Viajar para Palmares e seguir com o pedido que Zumbi fez a ela foi mais uma de suas atitudes corajosas. Sua história se conecta a de Zumbi em cada episódio que viveram juntos.

Celinho é despertado para se conhecer melhor e reconhece através da leitura que faz a Zumbi dos Palmares que há dentro de si e descobre que para enfrentar os garotos que o oprimiam bastava recrutar sua própria coragem e determinação. Como Zumbi, Celinho se rebelou contra os garotos que o incomodavam com inúmeras atrocidades e iniciou sua jornada em busca da sua própria liberdade. A todo tempo, ele é desafiado a acreditar em si, a enfrentar os seus medos e lutar. O autor mostra a importância da união e da solidariedade na

luta contra a opressão. O recurso de utilizar uma linguagem acessível e fluida, faz com que o leitor se sinta parte da história. Os diálogos são realistas e bem construídos, trazendo autenticidade aos personagens e suas interações.

O enredo traz reviravoltas para que a liberdade seja despertada e podemos enfatizar que a obra transcende o tempo, pois mesmo a história se passando no Brasil colonial, a temática abordada é universal e atual. A luta pela liberdade, a valorização da cultura afro-brasileira e a denúncia da opressão são questões que ainda estão presentes em nossa sociedade. Portanto, esse livro é uma leitura essencial para que crianças e jovens possam refletir sobre essas questões importantes. Apesar de retratar um período sombrio da história, o autor traz a mensagem de esperança, de força e de determinação.

Candê é um menino que tem uma estrutura familiar ideal que o ajuda a superar os seus medos e inseguranças no seu convívio escolar. Na escola, as outras crianças não permitem a entrada de Candê nas brincadeiras, pois ele é sempre insultado devido a sua cor e a seu cabelo. Em nossa sociedade, o preconceito ainda perpassa pelos traços fenotípicos, pela linguagem e pela noção de cultura. Apesar das experiências que traziam tanto sofrimento, o garoto descobre sobre a sua ancestralidade. Essa descoberta lhe traz segurança e o impulsiona a desempenhar o seu papel de semente, já que descobre que assim como Zumbi mudou a história e foi um ícone da resistência negra no Brasil, ele conectado a Zumbi poderia fazer muitas mudanças no seu cotidiano escolar também.

A partir do momento que ele toma consciência de quem ele é e de seu potencial tudo a sua volta se transforma. A literatura tem esse poder enquanto objeto cultural, ela pode apresentar as histórias que levam as pessoas a muitas reflexões e conseqüentemente, a ações, como destaca Bernd *“a missão da literatura é contribuir para a libertação do povo: a libertação não apenas política, mas mental, fazendo-o compreender em que consiste a liberdade”* (Bernd, 1988, p.27)

Consideramos que é muito importante mostrar o protagonismo negro para as crianças e adolescentes a fim de lembrá-los que é possível superar as adversidades e lutar por um mundo mais justo e igualitário. As sementes são inspiradoras mostrando que todos devem crer na capacidade de transformação e na importância da luta pela liberdade. Elas podem despertar em seus leitores a vontade de lutar por um mundo melhor. A literatura infantil e juvenil negra tem como objeto de visibilizar protagonistas negros e promover a discussão sobre as produções literárias. São

estabelecidas discussões a respeito das relações entre texto literário e seu contexto na sociedade, permitindo que os leitores acessem as reflexões a respeito da literariedade e imaginário.

“O texto dito literário – e em particular o de literatura infantil –, circulando nesse contexto de leitura, caracteriza-se por determinado tipo de trabalho linguístico e refere-se não só às condições de emergência e utilização, como também às instâncias normativas e legislativas que conferem a ‘literariedade’ a determinado escrito em determinada época”. (Mortatti, 2018, p. 38).

As obras escolhidas reforçam a necessidade de falar sobre a importância de valorizarmos nossas heranças africanas e nos conectarmos com a nossa história, perpassadas por outras histórias que trazem à tona o racismo em nossa sociedade desde os tempos remotos, frente às características múltiplas de um povo que deve ser percebido pela sua força e sua importância. Tais obras que extrapolam seus contextos literários e mostram um engajamento político contra o racismo são fundamentais para as crianças e jovens negros que ainda não se conhecem, não conhecem suas histórias possam ser despertadas para tal atitude e abram espaços que descubram não só que podem sonhar, mas também realizar os seus sonhos, serem agentes de suas próprias narrativas.

É importante destacar que todos os livros aqui apresentados mostram o potencial da união e da solidariedade entre as pessoas e que quando escolhem viver de tais atitudes são capazes de enfrentar os obstáculos que surgem no caminho. Os temas como empatia e justiça também são agregados nessas narrativas bem como a construção de várias referências negras que possam servir de apoio para os leitores. Como destacou Julia Kristeva (1974) a partir de diálogos estabelecidos entre textos os leitores conseguem recolher, e se apropriar do que está sendo lido e ainda, acrescentar algo que venha das suas próprias experiências.

“Em Introdução à semiótica, Julia Kristeva, ao abordar o tema “ O Texto como Escrita Leitura” nos faz recordar os sentidos que o verbo “ ler” possuía para os antigos, aos quais a semióloga associa aqueles do verbo “ escrever” : O verbo “ ler” tinha, para os antigos, uma significação que merece ser lembrada e valorizada, com vistas a uma compreensão da prática literária. “ Ler” era também “ recolher” , “ colher” , “ espiar” , “ reconhecer os traços” , “ tomar” , “ roubar” . “ Ler” denota, pois, uma particularização agressiva, uma apropriação ativa

do outro. Escrever seria o “ler” convertido em produção, indústria: a escritura-leitura, a escritura para gramática seria a aspiração de uma agressividade e uma participação total. (‘o plágio é necessário’ – Lautréamont) (Kristeva, 1974, p. 98).

Acreditamos que as crianças e os jovens irão apreciar essas formas de narrar, pois como observamos em Bernd (1988) que não há uma maneira absoluta de narrar, de ver, de olhar e sim pontos de encontro, entre esses diferentes modos de observar e ler o mundo. *“Com relação a historiografia literária pode-se adotar a mesma postura: ler a história literária não como uma totalidade fechada, mas como possibilidade”* (Bernd, 1988, p. 15-16).

A relação do leitor com a sua percepção da imagem, de como ele compreende as experiências vividas, através dos seus olhares e do que está em seu entorno, trazem compreensões diversas, significativas e até inéditas. Rompem com os estereótipos construídos em torno da figura do negro na tentativa de transformar pensamentos sociais e dar as personagens negras. São trabalhos sólidos, contemporâneos que podem ser lidos em consonância com múltiplos diálogos.

Cabe aos leitores e críticos, terem a sensibilidade de observar os detalhes, as motivações, as paixões e as manipulações. O papel do crítico é tentar atravessar esse labirinto linguístico que as linguagens formam entre si, para atingir as nossas emoções. Entendendo que com isso é possível trazer questões para os debates, discuti-las e avaliá-las, *“Nesse artifício de ver e ler, captar outras possíveis perspectivas, olhando também o avesso do que não se vê [...]”* (Rojo; Ravetti, 2002, p.8), pois há sempre outras possibilidades, outros ângulos de narrar uma história. O fazer literário se alimenta exatamente disso da arte de narrar e de como narrar.

Nosso destaque para as narrativas escolhidas se dá pelo fato de os autores terem tido a preocupação pelo despertar das crianças e dos jovens para os seus potenciais, e pelo convite que fazem através das suas obras para que ampliem os seus olhares com relação ao mundo que os cercam respeitando as diversidades e praticando a busca pelo conhecimento de suas ancestralidades a partir do auxílio de seus familiares. As narrativas se desprenderam daquela linguagem marcada pela historiografia que seguia uma linha hegemônica para dar lugar a uma ficção que apresente o que há para além da história que já foi contada, ou seja as sementes de Zumbi dos Palmares.

Sementes estas que habitam os corações e mentes da população negra e que devem ser cultivadas. Zumbi não é mais um homem, e a esperança que reine frente às desigualdades. Zumbi é a força que nos move para o alto e nos faz ver além dos obstáculos. Toda criança negra é uma semente que vai brotar e produzir novos frutos espalhando coragem, resistência e vitória nesse mundo herdado de nossos ancestrais. Todo projeto de nação inicia-se com uma semente.

6. CONCLUSÃO

Sabemos que a conclusão de uma tese de doutorado não caminha para algo definitivo, ou absoluto, já que ao tentarmos concluir o nosso trabalho precisamos cruzar as nossas propostas iniciais, com as etapas que vamos alcançando em nosso texto. Como tudo está em constante movimento, sempre há algo novo que gostaríamos de acrescentar, no entanto os acréscimos ficarão como sugestão para novas pesquisas, pois o tema que nos ocupamos neste trabalho, ainda necessita ser revisitado e confrontado por outros especialistas que possam trazê-lo para novas discussões.

Quando nos propusemos a estudar sobre Zumbi dos Palmares a motivação partiu da necessidade de uma revisão histórica, devido à situação política, em que temos vivido atualmente. No caso, nos referimos especificamente aos apagamentos, pois estes não ficaram apenas no passado. Eles são ainda mais atuais do que podemos imaginar. Apagar o líder negro do quilombo mais famoso do Brasil, pode ser um golpe fatal para um país que ainda não compreende, efetivamente, o valor de preservar a sua História.

Por sabermos que muitas histórias foram silenciadas, que personagens brasileiros foram apagados da nossa memória e que conseqüentemente, outras narrativas foram contadas pela voz do vencedor optamos por trazer para a tese, textos que trabalham com o resgate dessas memórias históricas e privilegiam outras vozes, como as vozes palmarinas. Em consonância com o nosso pensamento observamos que a escritora Chimamanda Adichie ressalta em sua palestra, a mesma conclusão que obtivemos a respeito da História, ou seja, que todas as histórias importam, especialmente a maneira como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder de quem as detém:

“Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida”. (Adichie, 2009, p. 32).

Por acreditarmos na relevância que Zumbi e o Quilombo de Palmares têm para a população brasileira propusemos uma revisão da História Oficial aliado à construção de uma literatura crítica, voltada para as representações do quilombo e

de seu líder. Trouxemos historiadores e literatos que contribuíram para desenvolver um pensamento crítico, e para tal trabalhamos com as interfaces entre a História e a Literatura cuja aliança confirmou a necessidade que propusemos a respeito de uma reescrita da História.

A maioria dos textos que encontramos sobre Palmares e Zumbi são textos que foram escritos pelo exército português¹⁶, logo as narrativas retratam os seus grandes feitos, por isso não há menção alguma a outra parte dessa história, ou seja, Palmares e seus habitantes como protagonistas. As muitas histórias que atravessam os homens e as mulheres que viveram no Quilombo são deixadas de lado. Desse modo, sua existência oscila entre a ficção e a história.

Ao estudarmos a história hegemônica, constatamos que há poucas referências sobre alguns personagens negros que foram importantes para a nossa história, no entanto a literatura que retrata a referida temática, delimitada em obras de literatura infantil e juvenil, também vem ganhando espaço para recriar as narrativas, através da ficção trazendo essas histórias e memórias. Concluímos que esse trabalho feito pela literatura infantil e juvenil visa alcançar fontes para além dos documentos oficiais, as histórias contadas pelo povo, tudo aquilo que foi guardado e passado de um familiar para o outro. De posse consciente das teorias em diálogo, ousamos dizer que o ensino deve ser subvertido, privilegiando o resgate da memória o qual é fundamental, acompanhado é claro, das devidas críticas e sempre em diálogos com outros intelectuais.

As obras literárias que trouxemos para a nossa tese são narrativas que estão em comunhão com o nosso discurso contra o apagamento de histórias importantes para a formação do povo brasileiro. E destacam das memórias serem resgatadas para que então, sejam significadas e ressignificadas. Os discursos poéticos e literários visam acrescentar informações que se baseiam em diversas formas de pesquisas, acompanhadas do poder de criação e ficcionalização, os quais nos encantam e ajudam a resgatar e valorizar a nossa história. E o caso das obras analisadas nos capítulos anteriores. Todas elas apresentam uma perspectiva de resgate e reconfiguração da história, retirando Zumbi da cristalização imposta pela história oficial e elevando-o ao patamar de um Zumbi conceitual, ou seja, uma

¹⁶ De acordo com reportagem da Folha de São Paulo, muitos documentos sobre o Quilombo de Palmares e Zumbi, que deveriam estar arquivados no Brasil, hoje pertencem aos arquivos portugueses.

semente. Zumbi é retirado do seu lugar histórico para assumir um lugar simbólico. Tais narrativas conferem a Zumbi uma simbologia capaz de afetar (no sentido afetivo) crianças e jovens favorecendo uma construção identitária e social, pautadas na ética, no caráter e nos valores ancestrais. Além disso, é no plano simbólico que opera o racismo.

Desde o surgimento das sociedades, livros e escritos são desenvolvidos para contar histórias, gerar ensinamentos e relatar acontecimentos. O poder da literatura surge, desde o início, como fonte de aprendizado, proporcionando contato com o novo e eternizando narrativas. A literatura infantil e juvenil tem o potencial para formar crenças, construir relações sociais e firmar padrões. Além disso, trabalha questionando pontos negativos e ressaltando os positivos, para que partamos para uma mudança, quando necessário.

Os escritores responsáveis pela literatura destinada ao público infantil e juvenil, seja por meio da linguagem verbal, visual, oral e, às vezes, todas elas conjugadas, são considerados parte integral de uma educação de qualidade e de acesso à cultura. Como afirma o teórico Candido (1995), a literatura é um direito de todos ao mesmo tempo em que é um convite à imaginação, aos sonhos e à vida. O autor ainda afirma que ela é uma necessidade universal, um mecanismo de instrução, um desmascaramento capaz de denunciar e apontar restrições e negações de direitos.

“Por quê? Porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação e autoeducação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo”. (Candido, 1995, p. 174).

Os textos infantis e juvenis que analisamos nos permitiram concluir que a Literatura é uma forma de transformação pessoal, social e coletiva, necessária enquanto o mundo existir, já que nos faz refletir sobre quem somos, consolida histórias e desperta possíveis mudanças. O poder da literatura que pertence a esse nicho em especial, está ligado à pluralidade com que ela pode ser interpretada e compreendida. A sua força vem da abertura de entendimentos, já que o papel da arte da palavra aproxima muito a escrita do leitor. Quando dizemos que livros

possuem papel fundante, olhamos para as obras literárias como necessárias e essenciais.

Para entender esse ponto é preciso olhar para tudo o que foi descrito desde o caráter educacional, lúdico e crítico por trás de determinada literatura. Compreendendo os livros infantis e juvenis dentro de sua pluralidade, conseguimos identificá-los como fundamentais para transformação, para tomada de consciência e para criação de novas realidades. Os livros construídos para educar, educar crianças e jovens, conseguem ir para além da redação e ressignificar sociedades, oportunizar interações e desconstruir convenções. Entendemos que seu potencial de tocar, emocionar e mudar o mundo seja bem intenso, já que utilizam mecanismos que lidam diretamente com a imaginação de seu público, o que constatamos através dos personagens Celinho, Candê e Luana apresentados no último capítulo da nossa tese.

Ao ler descrições detalhadas de lugares, pessoas e situações, somos capazes de visualizá-los em nossa mente. Essa aptidão de criar imagens mentais nos permite expandir horizontes e ver o mundo de novas maneiras. A partir do contato de cada personagem com a história de Zumbi podemos observar uma mudança de postura. Celinho passa a se sentir mais forte para enfrentar as violências sofridas em seu cotidiano; Candê aprende que Zumbi não assombrava ninguém, pelo contrário, ele inspirava outras pessoas a serem como ele e lutarem pela liberdade; Luana também aprende a enfrentar os seus medos, se vendo como herdeira da força e da coragem de Zumbi, uma semeadora.

Portanto, a literatura infantil e juvenil está para além da fantasia e da ficção científica, podendo levar seu público a lugares completamente diferentes, desafiando as limitações da realidade. Ao ler, as crianças e os jovens são desafiados a refletir sobre questões sociais e a desenvolver um pensamento crítico, podendo questionar as normas estabelecidas, analisar distintos pontos de vista e formar opiniões próprias.

Através dos livros infantis e juvenis, as crianças podem aprender sobre diferentes culturas, períodos históricos, ciência, filosofia e uma infinidade de outros tópicos. Os escritores desse nicho literário, frequentemente pesquisam extensivamente para criar histórias e personagens verossímeis, fornecendo informações valiosas para os leitores. Além disso, a leitura regular pode melhorar a capacidade de comunicação, o vocabulário e as habilidades de escrita.

As narrativas que apresentamos sobre Zumbi dos Palmares mostram sua importância como um ícone brasileiro e ressalta sua resistência frente às emboscadas e a sua luta contra a dominação. Zumbi deixou um legado, suas sementes, seu vigor e sua disposição para o enfrentamento das batalhas. Tornou-se um exemplo, enfatizando como chefe palmarino, que a luta não compete a uma ação individualizada, mas a um coletivo. Todos que lutam podem vir a ser heróis, como nos versos dos *Poemas Antológicos de Solano Trindade* (2007):

“Zumbi
 Zumbi morreu na guerra
 Eterno ele será
 Rei justo e companheiro
 Morreu para libertar
 Zumbi morreu na guerra
 Eterno ele será
 Se o negro está lutando
 zumbi presente esta
 Herói cheio de glórias
 Eterno ele será
 À sombra da gameleira
 A mais frondosa que há
 seus olhos hoje são lua,
 Sol, estrelas a brilhar
 Seus braços são troncos de árvores
 Sua fala é vento, é chuva,
 É trovão, é rio, é mar”.
 (Trindade, 2007, p.165).

O poema explicita a importância desse personagem, sua simbologia para o povo negro. Zumbi se tornou referência de liberdade resistindo a todos que queriam privá-lo e a seu povo de serem livres.

Por fim, a literatura infantil e juvenil tem o poder de nos inspirar e nos capacitar. Ao ler histórias de personagens corajosos, resilientes como Celinho, Candê e Luana (as sementes de Zumbi dos Palmares), somos todos, crianças, jovens e até adultos, motivados a superar nossos próprios desafios e acreditar em nosso potencial. Com eles muitas lições valiosas podem ser aprendidas sobre perseverança, compaixão, amor e autodescoberta. Eles nos mostram que podemos enfrentar adversidades, buscar nossos sonhos e criar mudanças positivas em nossas vidas e na sociedade. A literatura é o encantamento que vem pela palavra. histórias contadas e narrativas evocam o poder da imaginação, que torna presente outros mundos, outros tempos. O leitor e o ouvinte são seduzidos pelo escritor das

histórias, que os transporta para outras dimensões da existência e da convivência. Trata-se de viagens que têm retorno e que permanecem, transformando o dia a dia e a relação com outrem. Reafirmamos que a literatura existe para dar sentido à nossa existência, por isso ela é essencial .

A literatura para crianças e jovens também é capaz de oportunizar a revisão de crenças na construção de novas relações sociais. Além disso, trabalha para a conscientização histórica, na contramão de outros discursos, questionando os pontos negativos para que partamos em direção a uma mudança, quando necessário. E para que haja mudanças é importante começarmos despertando nas crianças e nos jovens o prazer pela leitura literária, assim teremos futuros sujeitos educados para estar no mundo, conscientes da pluralidade histórica e dos saberes de forma humanizada.

Sabemos que em nossa sociedade ainda é preciso esquecer algumas concepções que se solidificaram e não são positivas. E a partir daí precisamos expurgar o mal-estar que elas nos geraram para então começarmos outra vez. Devemos estar atentos para novas formas de pensar, tais como, absorver a arte de começar algumas coisas e treinar outras. Compreendemos que fazer essa troca não é nada fácil, por isso é necessário conclamar toda sociedade, começando pelas crianças e os jovens há uma convocação para que nos desenraizemos de tudo aquilo que nos limita, que nos tira dos silêncios e das prisões. O objetivo de um texto que pertence a luta de qualquer minoria é transformar as pessoas em seres humanos mais compreensivos e capazes de entender as necessidades de seus semelhantes.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Leda Maria. **Zumbi dos Palmares**. 2. ed. São Paulo: Ibrasa, 1978.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosura e Bobices**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- ADICHE. Chimamanda Ngozi Schwarcz. **O perigo de uma história única**. S.A., 2009.
- AGOSTINHO, de Oliveira Elbert. **Negritude, Poderes e Heroísmos**. Rio de Janeiro: Conexão 7, 2021.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História**. São Paulo: Intermeios, 2019.
- ALMEIDA, Neide. **Semente**. Disponível em: <https://gilvander.org.br/site/%EF%BB%BFpoema-semente-de-neide-almeida/> Acesso em: 24 jan. 2024.
- ALMEIDA, **Silvio**. **Racismo Estrutural**. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2019. ARLÉGO. Edvaldo. **Zumbi dos Palmares**. Recife: Prazer de Ler, 2017.
- ARRAES, Jarid. **As lendas de Dandara**. São Paulo: Editora de Cultura, 2016.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Coleção Ensino Superior).
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do Discurso. *In*: BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, José Carlos. **Zumbi dos Palmares: o rei negro do Brasil** Ribeirão Preto: Autor, 2003.
- BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BEJAMIN, Walter. **Aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).
- BENATTE. Antônio Paulo. História, Ciência, escritura e política. *In*: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (org.). **Narrar o passado, repensar a História**. Campinas, São Paulo, 2014.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRASIL. LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Presidência da República Casa Civil**. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm> Acesso em abr. 2024.

BRAZ, Júlio Emílio. **Zumbi: O despertar da liberdade**. Rio de Janeiro: Memórias Futuras Edições, 1995.

BOEIRA, Eloisa Elena Prates. *Pelo escuro: a poesia afro-brasileira de Oliveira Silveira*. 2014. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**: Rio de Janeiro: Ouro Sobre o Azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

CARDOSO FILHO, Antônio. **A palavra “literatura” e seu uso**. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/16235715102012Teoria_da_Literatura_I_Aula_2.pdf. Acesso em: 20 out. 2023.

CARNEIRO, Edison. **O Quilombo dos Palmares**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CARUSO, Carla. **Zumbi, o último herói dos Palmares**. São Paulo: Instituto Callis, 2005. Coleção: A Luta de Cada Um.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 1986.

CARVALHO, Aline Vieira de. **Palmares como espaço de sonhos: análise dos discursos arqueológicos sobre a Serra da Barriga**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**. São Paulo: Contexto, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (org.). **A História Contada**: Capítulos de História Social da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALUB, Leonardo. **Palmares de Zumbi**. São Paulo: Nemo, 2019.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre prática e representações. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 1990.

CHENEY, Alan Glenn. **Quilombo dos Palmares**: Brazil's lost nation of fugitive slave. United States: New London Librarium, 2014.

Chimamanda Adichie (2009) - Fragmento de palestra gravada em vídeo para Conferência Anual - TED Global 2009 de 21 a 24 de julho em Oxford, Reino Unido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY&t=10s>. Acesso em: 09 de outubro de 2022).

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria Análise Didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

CONCEPT. *In*: DICIONÁRIO Oxford Languages. Disponível em: <https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q=concept> Acesso em: 24 jan. 2024.

COSTA, Madu. **Zumbi dos Palmares**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**: Teoria e prática. São Paulo: Ática, 1999.

CUNHA, Maria Zilda da. Signos e suportes contemporâneos: notas sobre a literatura infantil e juvenil. *In*: DEBUS, Eliane; BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BARTOLOTTI, Nelita (org.). **Literatura infantil e juvenil**: pelas frestas do contemporâneo. Tubarão (SC): Copiart, 2017.

CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010. DAECASTAGNÈ, Regina; THOMAZ, Paulo C. Thomaz (org.). **Pelas margens**: representação na narrativa brasileira contemporânea. Vinhedo: Horizonte, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Gragoatá**, Niterói, n. 24, p. 203-219, 1. Sem. 2008.

DAVI, Davis. **A liberdade e uma luta constante**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVID, Ricardo Santos. Literatura infanto-juvenil: discussões sobre o panorama histórico e gênero literário e suas características. Produção literária. A prática da leitura na escola e na sociedade. **Cadernos discursivos**, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 66-84, 2016. (ISSN 2317-1006 - online).

DAVIS, Ângela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DEBUS, Eliane; BAZZO, Jilvania L. S; BARTOLOTTI, Nelita. **Literatura infantil e juvenil: pelas frestas do contemporâneo**. Tubarão: Copiart, 2017.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948. Disponível em < www.unicef.org/brazil/declaracao-dos-direitos-humanos>. Acesso em: abr. 2024.

DOMINGUES, P. J. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 25–40, 2005. DOI: 10.5433/2176-6665.2005v10n1p25. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/2137>. Acesso em: 20 jan. 2024.

DOMINGOS, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo (UFF), vol. 23, 2007.

DORNELES, Maurício da Silva e PEREIRA, Nilton Mullet. **Escravo, não. Escravizado!** Disponível em:< [https://sul21.com.br/opiniao/2020/03/Escravo, não. Escravizado! \(por Maurício da Silva Dorneles e Nilton Mullet Pereira\)](https://sul21.com.br/opiniao/2020/03/Escravo,%20n%C3%A3o.%20Escravizado!%20(por%20Maur%C3%ADcio%20da%20Silva%20Dorneles%20e%20Nilton%20Mullet%20Pereira)). Acesso em: abr. 2024.

DUARTE, Eduardo Assis. **Por um conceito de literatura-afrobrasileira**. 2023

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FACINA, Adriana, **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FEITOSA, Lourdes. M.G.C. Teoria da História e a questão de gênero na Antiguidade Clássica. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (org.). **Narrar o passado, repensar a História**. Campinas, São Paulo, 2014.

FELINTO, Marilene. **Zumbi do Brasil**. Disponível em: < https://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/hist_6.htm#zumb1> Acesso em: abr. 2024.

FIGUEIREDO, Adriana Moura de. Letras Insulares: Leituras e formas da História no modernismo brasileiro *In*: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (org.). **A História Contada**: Capítulos de História Social da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho; FERREIRA, Ricardo Alexandre. **Três Vezes Zumbi**: a construção de um herói brasileiro. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

FRAZÃO, Dilva. **Domingos Jorge Velho**: Bandeirante brasileiro. 2021. Disponível em: < https://www.ebiografia.com/domingos_jorge_velho/. Acesso em: abr. 2024.
FREITAS, Décio. **Palmares**: a guerra dos escravos. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

FREITAS, M. T. A História na Literatura: princípios de abordagem. **Revista de História**, [S. l.], n. 117, p. 171-176, 1984. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i117p171-176. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61352>. Acesso em: 20 jan. 2024.

FREITAS, Mário Martins de. **O rei negro de Palmares**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

GALDINO, Luiz. **Palmares**. São Paulo: Ática, 1993.

GALDINO, Luiz. **Palmares**. São Paulo: Ática, 2006.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução Enilce do Carmo Albergaria da Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GLISSANT, Édouard. **O pensamento de tremor**. La cohée du lamentim. Tradução Enilce do Carmo Albergaria da Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Gallimard, UFJF, 2014.

GOMES, Flávio dos Santos. **De olho em Zumbi dos Palmares**: histórias, símbolos e memória social. São Paulo, 2011.

GOMES, Flávio. **Mocambos de Palmares**: histórias e fontes (séculos XVI-XIX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

GOMES, N. L. Educação e Identidade Negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 9, p. 38–47, 2002. DOI: 10.17851/2317-2096.9.38-47. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>. Acesso em: 24 jan. 2024.

GRECCO, G. de L. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 6, n. 11, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10546>. Acesso em: 20 jan. 2024

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC – Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Tradução de Tomas Tadeu da Silva. Guacira Lopes Louro: Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAZAREESINGH, Black Spartacus: **The Epic Life of Toussaint Louverture**. S.l. Allen Lane, 2020.

HEROÍNAS DO BRASIL: Ep 05 – Aqualtune – a princesa guerreira. 2022. S.l. Disponível em: < <https://heroinasdobrasil.com.br/ep-05-aqualtune-a-princesa-guerreira/>> Acesso em: < abr. 2024.

HISTORY. *In*: DICIONÁRIO Oxford Languages. Disponível em: <https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q=history> Acesso em: 20 jan. 2024.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, v. 3, nº 2, p. 464 – 478, 1995.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2009.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAF, Ivan. **Vampiro e o Zumbi dos Palmares**. São Paulo: Ática, 2013.

KAYODÊ, **Zumbi, o pequeno guerreiro**. São Paulo: Quilomboje, 2007.

KRISNAS, Antonio. **Zumbi**: a saga de Palmares. Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 2002.

KRISTEVA, Julia. **Introdução a semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LARA, Silvia Hunold. Com fé, lei e rei: um sobado africano em Pernambuco no Século XVII. *In*: GOMES, Flávio (org.). **Um sobado africano em Pernambuco no Século XVII Mocambos de palmares**: histórias e fontes (séculos XVI-XIX). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

LARA, Silvia Hunold. Do singular ao plural, palmares, capitães do mato e o governo dos escravos. *In*: REIS, Silva. **Liberdade por um fio a história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LARA, Silvia Hunold. **Guerra Contra Palmares**: o manuscrito de 1678. São Paulo: Chão, 2021.

LARA, Silvia Hunold. Os documentos textuais e as fontes do documento histórico. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 17-39, dez. 2008.

LARA, Silvia Hunold. **Palmares e Cucaú**: o aprendizado da dominação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

LIMA, Renato. **Zumbi dos Palmares**. São Paulo: Paulus. 2009.

LITERATURE. *In*: DICIONÁRIO Oxford Languages. Disponível em: <https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q=literature> Acesso em: 20 jan. 2024.

LOPES, Nei. **Dicionário escolar afro-brasileiro**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2006.

MACEDO, Aroldo; FAUSTINO, Oswaldo. **Luana: as sementes de Zumbi**. São Paulo: FTD, 2007.

MALTESE, Maria Julia. **Dandara e Zumbi**. Campinas: 2021.

MARIN, Richard. Zumbi dos Palmares: um novo Tiradentes? **Clio Séria História do Nordeste**, n. 20, p. 233-247.

MATIAS, Ariele Pereira. **Do passado ao presente: Palmares, um contínuo diálogo ao futuro**. Dissertação de mestrado - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP), 2019.

MATTOS, Hebe. O herói negro no ensino de história do Brasil: representações e usos das figuras de Zumbi e Henrique Dias nos compêndios didáticos brasileiros. *In*: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ FAPERJ, 2007, p. 214-227.

MEIRELES, Alexander. **Zumbi**. Disponível em: <https://www.insolitoficcional.uerj.br/?s=zumbi> Acesso em: 19 jan. 2024.

MENDONÇA, Luciara Leite de. **Quatro representações de Zumbi dos Palmares em cordel épico**. 2018. 97 f. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Sergipe, 2018.

MENEZES, Pedro. **Conceito e definição**. Disponível em: <https://www.diferenca.com/conceito-e-definicao/> Acesso em: 24 jan. 2024.

Michaelis dicionário brasileiro da língua portuguesa.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros: seis ensaios sobre os racismo e a literatura**. Tradução Fernanda Abreu. São Paulo: Campinas, 2019.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Entre a literatura e o ensino: a formação do leitor**. São Paulo: Unesp Digital, 2018. *E-book*

Moura, Carlos Eugênio Marcondes de. **Ganga Zumba**. Disponível em <https://www.geledes.org.br/ganga-zumba/>>. Acesso em: abr. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Mestiçagem como símbolo da identidade brasileira. *In*: SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 444-454.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2016.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**. Petropolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Rômulo Luiz Xavier. **Palmares**: os escravos contra o poder colonial. São Paulo: Terceiro nome, 2014.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **A ancestralidade na encruzilhada**. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.

PAIXÃO, Fernando. **Zumbi dos Palmares**. Ilustrações Kazane-Fortaleza: MEPH, 2009.

PÉRET, Benjamin. **O quilombo dos Palmares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Cap raro/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2016.

RAPACIDADE. *In*: Dicionário on-line de português, 2024. Disponível em:<<https://www.dicio.com.br/rapacidade>> Acesso em: abr. 2024.

REGO, J. S. do. literatura e humanização em Antônio Candido. **Revista Guará - Revista de Linguagem e Literatura**, Goiânia, Brasil, v. 10, n. 2, p. 61–68, 2021. DOI: 10.18224/gua.v10i2.8766. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/guara/article/view/8766>. Acesso em: 28 dez. 2023.

REIS, Andressa Mercês Barbosa dos. **Zumbi**: historiografia e imagens. 2004. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social Universidade Estadual Paulista - UNESP, 2004.

REIS, João Jose; GOMES, Flávio dos Santos (org.). **A liberdade por um fio**: histórias dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

REPRESENTATIVIDADE. *In*: DICIONÁRIO da língua portuguesa gratuito na internet. Porto: Porto Editora, 2007. Disponível em: <<https://www.portoeditora.pt/>> Acesso em: abr. 2024. RIBEIRO, Eva. **Zumbi de Palmares**, 2001.

ROJO, Grínor; ROJO, Sara; RAVETTI, Graciella. **Por uma literatura política da literatura**: três perspectivas latino-americanas. Belo Horizonte: Nandyala, 2002.
ROSA, Allan da. **Zumbi, assombra quem?** São Paulo: Nós, 2007.

ROSA, Sônia. **Zum zum Zumbiiiiiiii**: A história de Zumbi dos Palmares para crianças. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Zumbi**. 9. ed. São Paulo: Moderna, 1985.

SEMENTE. In: DICIONÁRIO Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/semente/> Acesso em: 24 jan. 2024.

SILVA, Marcos Rodrigues da. **O negro no Brasil**: histórias e desafios. São Paulo: FTD, 1987.

SILVEIRA, Oliveira Ferreira. *Poema sobre Palmares*. Porto Alegre: Edição do Autor, 1987.

SOBRAL, Cristiane. Esperando Zumbi. In: LIMA, Eugênio; LUDEMIR, Júlio (org.). **Dramaturgia negra**. Rio de Janeiro: Funarte, 2018.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TRINDADE, Solano. *Poemas Antológicos de Solano trindade*. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

WAGNER, Jonathas; JACINO, Ramatis. **Zumbi**. São Paulo: Nefetiti, 2009.

WHITE, Hayden. **Meta-História**: A imaginação da História no século XIX, 1992.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios de crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994.